

Orgs:

Ana Patrícia Sá Martins

Aniele Carvalho de Araújo

Idelfonso de Sousa Jorge Júnior

Gustavo Barbosa Guimarães

DESCOBRINDO A
LITERATURA AFRO
PARA ALÉM DA ESCOLA

VOL. II



EDITORA UEMA

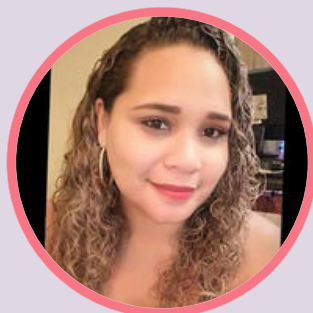
**Ana Patrícia Sá Martins
Aniele Carvalho de Araújo
Idelfonso de Sousa Jorge Júnior
Gustavo Barbosa Guimarães**

DESCOBRINDO A LITERATURA AFRO PARA ALÉM DA ESCOLA

EDUEMA

2023

ORGANIZADORES



Ana Patrícia Sá Martins: Doutora em Linguística Aplicada pela UNISINOS RS. Atua como professora Adjunta no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, e é Professora do Mestrado em Educação (PPGE/UEMA), dedicando-se, principalmente, à pesquisas quanto a formação de professores e metodologias de ensino de Língua Portuguesa e Literatura, sobretudo, nos seguintes temas: Tecnologias e mídias digitais, Gêneros digitais e ensino, Formação de professores, Multiculturalismo e Identidade docente. É líder do grupo de pesquisa Multiletramentos no Ensino de Línguas, registrado no Diretório do CNP.

<https://lattes.cnpq.br/2681466182017831>

Email: anamartins1@professor.uema.br

Aniele Carvalho de Araújo: Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas. Integrante do grupo de pesquisa **Multiletramentos no Ensino de Língua Portuguesa** (MELP-CNPq) e bolsista no projeto de iniciação científica 'Documentos oficiais sob o prisma dialógico: uma análise discursiva das prescrições curriculares ao ensino na área de Línguas' (UEMA/Campus Balsas).

E-mail: anielecarvalho19@gmail.com



Idelfonso de Sousa Jorge Júnior: Graduando em Letras Português e Inglês. Integrante do grupo de pesquisa ATEMA e bolsista no projeto de iniciação científica "Atlas Toponímico do Estado do Maranhão - ATEMA - Mesorregião Leste Maranhense: Microrregião de Codó"(UEMA/Campus Balsas).

E-mail: idelfonsojorge18@gmail.com

Gustavo Barbosa Guimarães: Graduando do Curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMA) do grupo de pesquisa Atlas Toponímico do Estado do Maranhão - ATEMA (UEMA/Campus Balsas).

E-mail: gustavobarbosa.g80@gmail.com



© copyright 2023 by UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que
citada a fonte.

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UEMA

Descobrimo a Literatura Afro para Além da Escola - Vol II

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO

Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

EDITOR RESPONSÁVEL

Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho

Ana Lucia Abreu Silva

Ana Lúcia Cunha Duarte

Cynthia Carvalho Martins

Eduardo Aurélio Barros Aguiar

Emanoel Cesar Pires de Assis

Emanoel Gomes de Moura

Fabíola Oliveira Aguiar

Helciane de Fátima Abreu Araújo

Helidacy Maria Muniz Corrêa

Jackson Ronie Sá da Silva

José Roberto Pereira de Sousa

José Sampaio de Mattos Jr

Luiz Carlos Araújo dos Santos

Marcelo Cheche Galves

Marcos Aurélio Saquet

Maria Medianeira de Souza

Maria Claudene Barros

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Wilma Peres Costa

Descobrimo a literatura afro para além da escola, Vol. II [recurso
eletrônico] / organizadoras, Ana Patrícia Sá Martins ... [et al.]. – São Luís:
EDUEMA, 2023.206 p.: il. color.

Livro eletrônico

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-8227-318-0

1.Literatura africana. 2.Literatura afro-brasileira. 3.Estudos literários. I.
Martins, Ana Patrícia Sá. II. Título.

CDU: 821(6).10

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665



Cidade Universitária Paulo VI – C.P. 09

CEP: 65055-970 – São Luís/MA

www.uema.br - editorauema@gmail.com

EPÍGRAFE

Vozes-Mulheres

Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

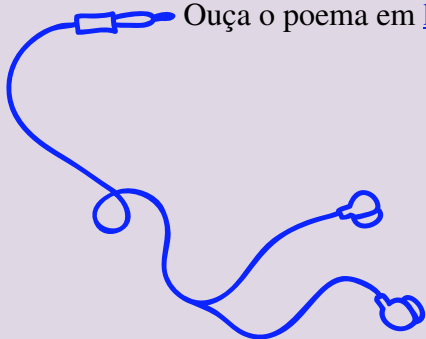
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha



recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(In: EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*, 3.ed., p. 24-25)

Ouçã o poema em <https://youtu.be/VTKZFr2AAKY>



SUMÁRIO

Prefácio	9
Josenildo Campos Brussio	
Por uma práxis curricular antirracista	12
Ana Patrícia Sá Martins	
FANFICs: Possibilidades de escritas decoloniais a partir da obra <i>O tapete voador</i>, de Cristiane Sobral	18
Ana Beatriz Santiago, Idelfonso de Sousa Jorge Júnior, Railane dos Santos Lima e Ana Patrícia Sá Martins	
Afro e os lugares de poder	46
Ana Júlia Nogueira Martins, Gustavo Barbosa Guimarães, Aniele Carvalho de Araújo e Ana Patrícia Sá Martins	
Identidade étnico-racial: caminhando para construção da identidade negra nas relações raciais	72
Ediléia da Silva Barbosa, Ellen Leite de Sousa, Luan Ribeiro Costa e Ana Patrícia Sá Martins	
QUEM FALA? “o falar não se restringe ao ato emitir palavras, mas de poder existir” (Djamila Ribeiro)	100
Alexandro dos Santos Coutinho, Ana Flávia Gomes de Andrade e Ana Patrícia Sá Martins	
Poemas de amor e luta: A construção de caminhos ao autoconhecimento e à representatividade negra através dos círculos de leitura	120
Ana Caroline Gomes Costa, Cleudiellen Sandes Rodrigues, Sandryellen Pimentel Saraiva e Ana Patrícia Sá Martins	

Aspectos temáticos e os diálogos com a contemporaneidade a partir do conto Aranha, de Nnedi Okarafor.....154

Ana Clara de Sousa Alves, Larissa Costa Pinto Cantanhede,
Lídia Cristina Furtado Ribeiro e Ana Patrícia Sá Martins

Eu-conto: transformando histórias de vida em contos ilustrados.....165

Maria Zilda Araújo Ribeiro, Kathleen Soares dos Santos,
Jéssica Ianka Raiol Pereira e Ana Patrícia Sá Martins

Memória, Sociedade e Cultura em “Os da minha rua”, de Ondjaki.....188

Aurileia Cabral Cantanhede, Rayssa Myllena Gomes de
Araújo, Thays Andressa Rodrigues Carvalho e Ana Patrícia Sá
Martins

PREFÁCIO

“Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador. Com os ensinamentos dele e minha crescente compreensão de como a educação que eu recebera nas escolas exclusivamente negras do Sul havia me fortalecido, comecei a desenvolver um modelo para minha prática pedagógica”

(HOOKS, 2013, p. 15).

As palavras de bell hooks (2013) evidenciam a influência do eterno mestre Paulo Freire em sua trajetória acadêmica e pedagógica. Não é diferente a inspiração e influência que o pedagogo brasileiro exerce sobre os autores e organizadores do presente livro.

O volume II do livro **Descobrimo a Literatura Afro para além da escola** traduz um caminho de luta e resiliência de uma pesquisadora que tem se encontrado com a África que há dentro de si. É nesse entusiasmo e paixão pela profissão – educadora que é de alma e coração – que a doutora Ana Patrícia Sá Martins tem encabeçado este projeto maravilhoso junto aos seus alunos da disciplina de Literatura Africana, no Curso de Letras Português/Inglês e respectivas literaturas, da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas.

Desbravando novos horizontes, por meio da decolonialidade, rompendo paradigmas e barreiras da colonialidade, do preconceito, do racismo e da exclusão (QUIJANO, 2009), a presente obra traduz, através da Literatura, as vozes, discussões e reflexões coletivas da professora Ana Patrícia com os alunos em produções acadêmicas maduras e enriquecedoras para nós, leitores.

Os capítulos da obra expressam um exercício pedagógico decolonial por um ensino de literatura autêntico e fiel ao que

predispõe a Lei 10.639/03. Lei esta que completou vinte anos em 09 de janeiro de 2023 e sequer pudemos comemorar com o entusiasmo que merecíamos, em razão de estarmos aflitos com os atentados terroristas de 8 de janeiro em Brasília.

Mas ao nos depararmos com a presente obra, vemos a concretização do exercício de fazer valer o cumprimento da Lei 10.639/03 e temos clareza de que estamos diante de um verdadeiro ato de resiliência, luta e perseverança de quem vive, experiencia e legitima uma pedagogia decolonial.

Uma obra para ser considerada decolonial não precisa estampar a palavra em seu título, não precisa de títulos para se consagrar; precisa de vida, de alma, de espírito decolonial, de ruptura epistêmica, de engajamento com a luta, com a causa, com o desprendimento, com o pensamento fronteiriço (MIGNOLO, 2017).

Vivemos num país cujo mercado editorial é extremamente colonialista e eurocêntrico, com a maioria de autores brancos e homens. Portanto, a propagação da leitura de obras literárias escritas por autoras/es negras/os ainda é um desafio gigantesco a ser vencido. Por isso, o trabalho desenvolvido no presente projeto é louvável e deve ser reproduzido, como modelo, por outros educadores.

O livro nos permite um encontro com as (re)existências das/os alunas/os autoras/es que trouxeram as suas vozes, representações e vivências com o ensino de Literatura na sala de aula, sobretudo, um diagnóstico da carência de um ensino da Literatura Africana e Afro-brasileira.

Cada capítulo é composto de um introito dessas experiências do estágio supervisionado essenciais ao exercício docente, oferecendo-nos uma contextualização das situações e discussões pontuais da educação étnico-racial e antirracista no contexto de algumas escolas no município de Balsas.

Para além disso, somos premiados com diversas/os autoras/es negras/os na obra, entre as/os quais destacamos: O tapete voador de Cristiane Sobral, Este não é o seu lar de Natasha Brown, The hate u give (O ódio que você semeia) de Angie Thomas, O que é lugar de fala? de Djamilia Ribeiro, Tudo nela brilha e queima: poemas de lutar e amor de Ryane Leão, Aranha, a artista de Nnedi Okorafor, Zagaia de Allan da Rosa e Os da minha rua de Ondjaki.

Trata-se de uma obra que nos oferece uma práxis pedagógica crítica, reflexiva e didática sobre propostas decoloniais de uma educação antirracista a partir das vivências, experiências e leituras das/os autoras/es. É um convite para quem pretende conhecer um pouco das possibilidades gigantescas de se trabalhar com a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) numa perspectiva decolonial e antirracista.

Convite feito, desejo uma excelente leitura a todas/os.



Prof. Dr. Josenildo Campos Brussio: Professor Associado II do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia do Centro de Ciências de São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

E-mail: josenildo.brussio@ufma.br

<http://lattes.cnpq.br/9072225990725799>

Referências:

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Edições Almedina, 2009.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. IN: **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), p. 12-32, 2017.



POR UMA PRÁXIS CURRICULAR ANTIRRACISTA



Ana Patrícia Sá Martins

A transformação do mundo necessita tanto do sonho, quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico, do contexto do sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta.

(FREIRE, 2000, p. 53-54).

A formação de professores implica, antes de tudo, um assumir-se no mundo em um processo de humanizar-se e oportunizar a humanização do e com o outro. Essa crença subjaz meu lugar enquanto mulher, afrodescendente, professora e pesquisadora, que busca, enquanto sujeito histórico, tomar consciência de si e do mundo.

Esse processo é atravessado pelos condicionantes históricos, os quais convocam a todos/as nós a (des) construir caminhos e narrativas em que a diversidade, a coletividade e o respeito sejam não só signos emblemáticos de movimentos sociais, mas, antes de tudo, movimentos de práxis interpelados em nossas existências.

Como nos adverte Freire (1979), a educação haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel [...]. Assim, SER educador e entender a função da educação torna-se crucial para esperançarmos um processo de humanização.

Desde o início do ano de 2020, quando se deflagrou a pandemia mundial da Covid-19, escolas, universidades e a sociedade em geral têm percebido a importância de (re) AÇÕES às desigualdades que assolam este País continental - o nosso Brasil. Contudo, e infelizmente, notamos também o quanto o ódio, o preconceito, a ganância, a meritocracia e o escasso ou nenhum acesso ao conhecimento são capazes de desencadear milhares de mortes por falta de assistência médica, milhares de fake news e organizações para ações terroristas, milhares de pessoas desacreditadas que outro mundo é possível. Em 2020, no auge da pandemia viral, mas com muita persistência, tive o prazer de reunir um coletivo de alunos/as do curso de Letras licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do campus de Balsas, e publicar, em 2021, o e-book Descobrimo a literatura afro para além da escola. Disponível em: <https://www.editorauema.uema.br/?page_id=212&idBook=196>.

Um livro de cunho pedagógico, produzido totalmente na plataforma digital Canva, com o objetivo de disponibilizar propostas didáticas, construídas a partir de obras literárias de autoria de escritores/as afro. Foi uma experiência incrível para todos/as os/as envolvidos/as, a qual tive a honra de relatar em vários eventos acadêmicos.

Desta vez, em 2023, ainda retomando ao novo normal pós-pandemia, apresento o volume II do livro “Descobrimo a literatura afro para além da escola”, novamente publicado pela editora da nossa universidade: a EDUEMA. Mais uma vez, a universidade pública e laica servindo aos brasileiros.

Esse projeto se difere do primeiro em alguns pontos, mas não em sua essência: compartilhar possibilidades didáticas para uma educação antirracista, através da práxis vivida na e para além da formação inicial de professores.

Se no volume I, eu e meus/minhas alunos/as, companheiros/as de empreitada, não tivemos a oportunidade de experiências presenciais nas aulas, em virtude do isolamento social, no volume II, aprendemos a construir (novas) estratégias de ensinar e aprender na convivência física e virtual, pois as universidades e as escolas campos de Estágio supervisionado estavam, ainda, descobrindo maneiras de familiarizar-se com os/as alunos/as e com o cotidiano educacional.

Além dos aspectos já mencionados, outra motivação para a continuidade do projeto de produção de e-books com propostas didáticas, a partir de literaturas afro, foi a grande repercussão que o nosso primeiro livro teve a nível estadual, regional e nacional. Além de colegas professores/as universitários/as e da rede básica de ensino, alunos/as de Letras e de outras licenciaturas cada vez mais me enviavam e-mails e/ou convidam para palestras e rodas de conversa, a fim de que eu relatasse sobre essa experiência colaborativa.

Ademais, o Brasil estava sendo devastado por uma disputa ideológica causada pelas eleições, sobretudo presidenciais, de 2022. Dois projetos completamente opostos guinavam a opinião pública: de um lado, víamos declarações misóginas, meritocráticas e racistas; e, do outro, discursos em prol dos valores democráticos e humanitários.

Todas as esferas sociais estavam tomadas por essa rivalidade e nas instituições educacionais não foi diferente. Compreendi, durante as aulas, a necessidade de convocar aqueles/as licenciandos/as a protestar por um país mais equitativo através da educação.

Desta vez, meus/minhas colaboradores/as de jornada foram licenciandos/as do 8º período do curso de Letras de dois campi da UEMA: Balsas e São Luís. Embora localizados no norte e sul do Estado do Maranhão, separados/as geograficamente por

quase 900 km, esses/as estudantes trabalharam coletivamente em um propósito comum.

No primeiro semestre de 2022, estava ministrando a disciplina de Literatura Africana no campus de Balsas e tive a oportunidade de também ofertá-la a alunos/as do campus de São Luís, através de um programa de mobilidade docente oferecido pela universidade. Por coincidência, as duas turmas cursavam o Estágio supervisionado simultaneamente à disciplina de Literatura Africana, assim como as turmas envolvidas no projeto que culminou no nosso primeiro e-book.

Todavia, diferentemente de 2020, quando os/as licenciandos/as produziram estratégias didáticas sem poder ter o contato e a experiência do presencial com seus/as alunos/as no estágio; em 2022, os/as estagiários/as conheceram as realidades físicas do universo das salas de aula das escolas públicas. Essa condição era um momento ímpar de travessia em que todos/as eles/as faziam questão de externar em nossas aulas, compartilhando angústias, alegrias e, principalmente, anseios. Nascia, então, o roteiro do volume II de nosso e-book.

Compreendi que não bastava reunir novas proposições didáticas, era preciso incluir, ainda que breve, relatos de quem as tinha pensado, visando apresentar ao/à leitor/a do nosso livro os homens e as mulheres que se envolveram naquela proposta.

Assim, “Descobrimos a literatura afro para além da escola” – volume II é composto por oito capítulos, os quais são organizados em duas partes. Na primeira, o/a leitor/a irá encontrar relatos autobiográficos dos/as autores dos capítulos, nos quais são narradas as experiências deles/as naquele semestre letivo, quando cursavam o Estágio supervisionado e a disciplina de Literatura Africana e quais as implicações destas em sua formação como professores/as. Na segunda parte, consta, efetivamente, a proposta de projeto didático planejada

pela equipe de licenciados/as.

Como no volume I, neste também, os capítulos foram produzidos totalmente no Canva, com liberdade na criação dos layouts e na seleção dos/as escritores/as e obras literárias afro. A única recomendação foi que cada equipe escolhesse um/a representante, o/a qual manteria o constante diálogo comigo e com todos/as os/as demais em um grupo privado do Whatsapp para definição das ações e/ou resolução de problemas.

Ficamos exultantes e estimulados que nosso e-book chega a você na mesma época em que foi publicada no Diário Oficial da União, dia 12 de janeiro de 2023, a sanção do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à [Lei 14.532, de 2023](#), que tipifica como crime de racismo a injúria racial, com a pena aumentada de um a três anos para de dois a cinco anos de reclusão. Vale lembrar que, enquanto o racismo é entendido como um crime contra a coletividade, a injúria é direcionada ao indivíduo.

Nesse contexto que se vislumbra o papel da educação para colaborar no processo de inserção crítica no mundo, indispensável para a humanização do homem brasileiro. Afinal, é necessário humanizar-se humanizando o mundo, não apenas como um ato individual, pois sozinho ninguém se humaniza. O processo de humanização no qual nos inspiramos é baseado na perspectiva freireana e se faz em comunhão.

Acreditamos que sempre há e haverá pessoas que acreditam na humanização! E é com pessoas desse tipo que este livro foi pensado, organizado, produzido e chega até você.

Desse modo, após essas linhas, amigo/a professor/a, eu e todos/as os/as envolvidos/as nesse gratificante empreendimento coletivo, desejamos que você possa se inspirar a desenvolver aprendizagens para práticas antirracistas e mais humanas com seus/suas alunos/as.

Um grande abraço da professora Ana Patrícia

Visite-nos em nossa rede e conheça um pouco do que o grupo de pesquisa Multiletramentos no Ensino de Línguas vem produzindo.



[@melp.uma](https://www.instagram.com/melp.uma)

Referências:

FREIRE, P. **Conscientização**. Teoria e Prática da Libertação. Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. CORTEZ & MORAES. São Paulo. 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CAPÍTULO

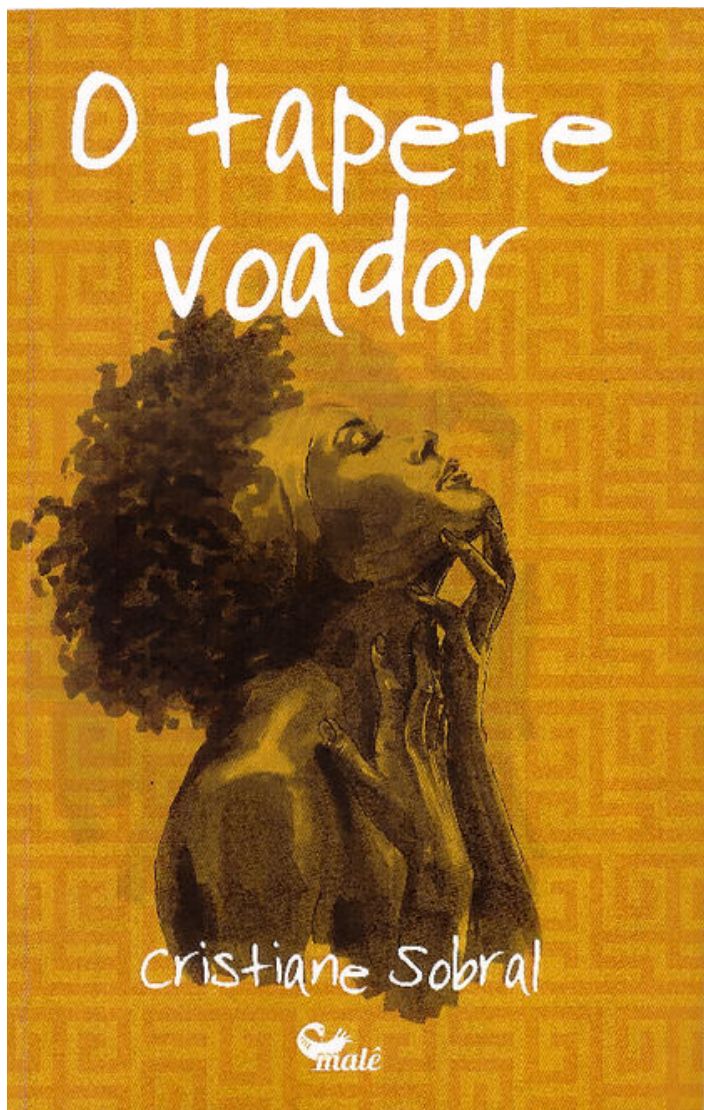
01

Ana Beatriz Santiago
Idelfonso de Sousa Jorge Júnior
Railane dos Santos Lima
Ana Patrícia Sá Martins

FANFICS

Possibilidades de escritas decoloniais a partir
da obra *O tapete voador*, de Cristiane Sobral





Fonte: [//www.editoramale.com.br/product-page/o-tapete-voador-cristiane-sobral](http://www.editoramale.com.br/product-page/o-tapete-voador-cristiane-sobral)

Aponte a câmera para o QR Code ou clique na figura ao lado e faça o download do livro "O tapete voador" de Cristiane Sobral.



uma postura mais responsiva e agente como professora, avaliando sempre os conteúdos e a forma e como são recomendados para serem associados, aprendi a ver os alunos como sujeitos social e historicamente constituídos, e como é importante ouvi-los, a partir do que eles já sabem e faz parte das práticas sociais deles, isso me ajudou bastante com o ensino do gênero textual artigo de opinião em uma turma do nono ano, tomando como mais importante primeiramente explicar a função social daquele texto para que com isso despertasse o interesse deles de expressar suas opiniões sobre um assunto de escolha deles dentro da estrutura daquele gênero, no fim obtive resultados ainda melhores do que eu esperava, o que me fez pensar em todas as aulas e discussões tidas na universidade e no impacto antes impensado por mim que elas geraram.

Ao iniciar o estágio notei que no ensino fundamental não havia nada no livro didático, nem no currículo que incluísse literatura no geral além de alguns poucos poemas de autores brasileiros e portugueses e principalmente nada que incluísse literatura africana, o que impede que os alunos aprendam desde os anos iniciais e finais do ensino fundamental sobre o continente africano por um viés livre de estereótipos, sobre questões voltadas a racismo, identidade, representatividade o que é, qual a sua importância o que é importante principalmente no Brasil em que dados boa parte da população é negra.

Com primeiro contato com a disciplina comecei a refletir sobre que preparo eu tinha para trabalhar literatura africana caso precisasse devido a ter tido poucas discussões e instrução até o momento na universidade, o que me deu esperanças em relação a essa preparação, a essa formação, surgiu como um tipo de luz no fim do túnel, durante a disciplina e da proposição da construção desse e-book foi: trazer autores de literatura africana,

(Re) Construindo visões, por Ana Beatriz Santiago

A experiência do Estágio supervisionado em Língua portuguesa foi o tipo de experiência capaz de definir com maior peso se eu ainda gostaria de continuar cursando Letras para me tornar uma professora. A expectativa era reafirmar a escolha que fiz há 4 anos, o que de fato aconteceu.

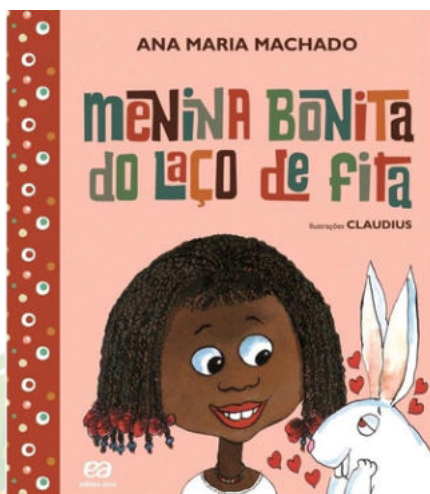
Tive contato com a realidade de uma escola e de uma sala de aula, com várias situações-problemas que, em teoria diferentemente da prática, não são fáceis de resolver nem há fórmulas prontas instantâneas. Esse aprendizado e outros adquiridos no curso foram o que fizeram com que eu buscasse sempre agir analisando as situações com base no contexto social que estava inserida, situando as instruções dadas por tantos teóricos estudados ao longo do curso.

O estágio ocorreu de forma presencial, bem no início do retorno das aulas presenciais, enquanto a universidade continuou na modalidade *online*. Foi um período em que os alunos ainda estavam se acostumando com a volta à rotina, necessitando de um ritmo mais lento, se acostumar a deixarem suas casas, os familiares com os quais estavam muito apegados devido ao isolamento e sempre se protegendo do vírus, tomando as medidas necessárias como o uso de máscara, por exemplo. Digamos que se encontravam ainda em transição, hoje, ao retornar as aulas presenciais na universidade, entendo o que estavam sentindo, pois passei por uma situação muito semelhante.

Todas as discussões nas aulas, em boa parte das disciplinas vistas na universidade, como as voltadas para avaliação, currículo e tecnologias, em especial as ministradas por uma certa professora, implicaram na minha forma de agir durante o estágio.

Tomei textos de autores africanos, quando pensei em trabalhar gêneros como o artigo de opinião como uma forma de incluir essa literatura sem fugir do currículo, o que iremos demonstrar no presente capítulo. As disciplinas de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa e Prática curricular na dimensão educacional foram essenciais para construir essa visão inclusiva e crítica, tanto do currículo como das temáticas de Literatura Africana e questões raciais que a envolvem.

Assim, concluo esse relato, afirmando que, após todas essas reflexões e experiências, me sinto empolgada para ajudar a construir esse e-book que espero que ajude outros professores a trabalharem com as literaturas afros e temáticas sociais de maneira inclusiva, cultural, social e historicamente situadas, a fim de transformar por meio da educação a forma como a sociedade está atualmente construída por um grupo social e apenas para aquele grupo social.



Clique na imagem ao lado e assista ao vídeo do livrinho "Menina bonita do laço de fita" de Ana maria Machado, meu primeiro contato com empoderamento negro na Infância.

Sou apenas um rapaz latino-americano: (des)construção da minha identidade como futuro professor, por *Idelfonso de Sousa Jorge Júnior*



Clique na figura com as notas musicais e ouça a música que se repetiu por horas enquanto escrevia meu relato.

"Ser professor, é isso mesmo que você quer?" Este foi o primeiro questionamento antes mesmo de entrar no espaço acadêmico. O curso de Letras, desde o primeiro semestre, chama atenção dos graduandos sobre a importância do profissional crítico-reflexivo e o Estágio supervisionado em Língua portuguesa foi o momento “teste” para estabelecer o diálogo entre teoria e prática para reafirmar meu objetivo com a escolha do curso: ser professor. Com a pandemia gerada pelo coronavírus e a forma repentina que tudo foi paralisado, depois de 2 anos estudando em casa, o retorno presencial para os alunos de todos os âmbitos da educação foi como poder respirar novamente.

Voltar presencialmente também trouxe alguns desafios e significou mudar de cidade novamente, passar menos tempo com minha família e me acostumar com uma nova rotina. Dessa forma, o Estágio supervisionado foi marcado por esse retorno às atividades presenciais em que todos estavam ansiosos para encontrar seus colegas, assistir aulas presenciais, que passaram a ser mais movimentadas, pois os alunos estavam ansiosos para conversar com os colegas, e acostumar-se ao que era “normal”.



Pensando em minha formação e na responsabilidade para com meus futuros alunos, as disciplinas de Literaturas africanas de Língua portuguesa e Prática curricular na dimensão educacional foram marcadas por grandes expectativas como um semestre que teria marcas importantes na construção da minha identidade como futuro professor. Dois elementos importantes entraram em discussão: o currículo e os conteúdos de matriz afro.



No entanto, a temática afro há muito tempo vem tendo uma baixa visibilidade no espaço universitário e, principalmente, no ensino básico; a construção desse conhecimento dentro do curso de Letras reservou essa discussão mais forte apenas para a disciplina de Literaturas afro, sendo pouquíssimas vezes abordada desde o início da minha formação. É preciso entender a nossa sociedade como multicultural e que a sala de aula é o maior reflexo disso, assim, a formação do professor deve abarcar os estudos das relações étnico-raciais, já que é uma temática que perpassa todas as áreas do conhecimento. Dessa forma, não só o curso de Letras, mas todos os cursos de licenciatura devem adotar práticas para que a história e as culturas dos povos afro saiam do papel e seja uma realidade na sala de aula.

Os vários textos, as discussões e os trabalhos realizados durante as disciplinas de Literaturas afro de Língua portuguesa e Prática curricular na dimensão educacional, bem como a construção desse e-book, me ajudaram a repensar a epistemologia na sala de aula e ser mais incisivo ao pensar em intervenções para romper com essa educação que adota uma perspectiva eurocêntrica e de deslegitimação do povo negro, compreender que o currículo escolar é algo que deve ser construído, desconstruído e reconstruído constantemente.



Tivemos boas discussões sobre as relações de poder e como implicam na formação de identidades. Logo, como futuro professor e estagiário, acredito que precisamos permitir que os alunos conheçam obras e autores literários afro como forma de representatividade, tendo em vista que os alunos necessitam de debates sobre a formação da nossa sociedade e não ter apenas um ponto de vista.



Além do mais, entendo que devemos olhar para nossos alunos como sujeitos constituídos de repertórios. A inclusão de conteúdos relacionados às literaturas afro, rica e de manifesto, busca reafirmar as vozes dessas pessoas como sujeitos. Ao mesmo passo, devemos conversar e ouvir o que os alunos têm a falar, pois as práticas que trarão novos significados para educação serão *para* e *com* eles.





Caminhos para construção de um *bom futuro professor* por *Railane dos Santos Lima*

Nos anos anteriores, estávamos passando por um momento difícil, que foi a pandemia do coronavírus, estava tudo sendo feito à distância, foram momentos de muito aprendizado, pois tivemos que nos reinventar e adaptar à nova realidade.



Com o passar do tempo e a diminuição das infecções (mortes), paulatinamente, as atividades presenciais foram retornando e tivemos a oportunidade de cursar os Estágios de Língua portuguesa e Língua inglesa nas escolas. Contudo, por diversos motivos, decidi trancar o Estágio em Língua portuguesa, mas cursar o de Língua inglesa e foi um dos momentos mais incríveis que tive durante esses anos de estudante de Letras. Foram momentos de aprendizagens, senti muito medo de não estar preparada, de não gostar, de estar no curso errado, mas depois que comecei o estágio, vi o quão incrível é SER professor, e descobrir o que eu realmente quero para a minha vida.

Foi quando entendi que professor é muito mais do que um ministrador de aulas, além de ensinar, é ser amigo, é um compromisso de generosidade, poder construir conhecimento. Ser professor é também uma missão cotidiana, é não se preocupar em ser só conteudista, mas que promove a circulação do conhecimento, que aguça a curiosidade.

Aquele que proporciona a reflexão, abrindo espaço para o diálogo saudável, para a troca de informações, propondo que cada sujeito envolvido no processo deixe sua opinião, e fazer uma aula divertida, que os alunos realmente aprendam.



Depois de dois longos anos de aulas remotas, enfim, voltamos às aulas presenciais. Tive desafios no retorno às aulas presenciais na universidade, a rotina de estudo mudou, pois, como já estávamos em período de aulas on line, o tempo para estudar era muito maior, já que não havia a necessidade de sair todos os dias para ir à universidade, ainda mais porque eu moro longe.



Mesmo não tendo cursado meu estágio durante a pandemia, vi que muitas coisas mudaram, e uma delas foi o uso das tecnologias, com algumas escolas usando tais recursos a favor da educação. Porém, outra mudança que percebi foi que alguns alunos ficaram atrasados no aprendizado, na escrita e na leitura. Nesse sentido, a pandemia foi de fato um atraso na vida de muitos estudantes, que estavam acostumados a uma rotina e, de repente, se viram numa realidade totalmente diferente.

Nesse contexto, houve a oportunidade de cursar a disciplina de Literaturas africanas, a qual estava ansiosa, uma vez que seria meu primeiro contato com as literaturas afro.

Apreendi coisas novas, descobri uma África diferente da qual é sempre falada e veiculada na grande mídia. Minhas expectativas para a disciplina eram boas, esperava aprender muito, e foi de fato o que aconteceu. Considerando que durante a educação básica não tive esse estudo aprofundado sobre a África, sempre eram histórias de escravidão, pobreza, fome e doenças, refletir sobre outras perspectivas me possibilitou conhecer o que é AFRICA além do que era falado na escola, além disso conheci diversos autores que viraram inspiração e passaram a ter grande representatividade na minha vida.

Afinal, desde o início da graduação em Letras, houve algumas poucas discussões acerca de temas como o racismo, mas nada aprofundado como realizado na disciplina de Literaturas africanas. Ouso dizer que, de todas as disciplinas na universidade até o momento, meados de 2022, no 7ª período, com quase 4 anos de curso, essa disciplina foi uma das que eu considero mais importante para a formação e atuação do professor na educação básica.

Durante o Estágio de Língua inglesa, por exemplo, que cursei simultaneamente à disciplina de Literaturas africanas, ouvi comentários dos alunos afirmando não gostarem do cabelo e/ou da sua cor. As reflexões oportunizadas na disciplina me ajudaram a contribuir com meus alunos sobre posicionamentos relacionados ao preconceito racial e a baixa autoestima de afro-descendentes.



1. Sobre a autora

Cristiane Sobral, autora do livro *O tapete voador*, além de escritora é atriz, poeta e dramaturga brasileira. A autora nasceu no Rio de Janeiro, mas mora em Brasília desde 1990, onde ingressou aos 16 anos na Universidade Brasília em Interpretação Teatral como a primeira atriz negra.

Sobral se reconhece como ativista do movimento negro, e a maioria de suas obras é voltada para essa temática. Na obra selecionada para este capítulo, é possível observar quão engajada é a autora. *O tapete voador*, publicado em 2016 no Rio de Janeiro



Fontes: "Mulheres de luta" disponível em: <https://www.mulheresdeluta.com.br/cristiane-sobral/>

pela editora Malê, é uma coletânea de 19 contos, envolvendo temáticas como discriminação, colorismo, feminismo e empoderamento negro, em que as personagens principais são negras. A autora escreve sobre situações em que há discriminação contra o negro, situação de pobreza ou alguma carência, contrastes de situações socioeconômicas entre indivíduos, como no conto “Bife com batata frita”, mas traz também personagens negras fora do lugar de pobreza, submissão e marginalização como estamos acostumados a ver nas mídias e em muitas literaturas. Cristiane Sobral os apresenta como profissionais de sucesso, em lugares de poder, assumindo suas identidades com orgulho e enfrentando situações de discriminação com a cabeça erguida. Convidamos você a conhecer a página da escritora na mídia social Instagram.



[@cristianesobralartista](https://www.instagram.com/cristianesobralartista)

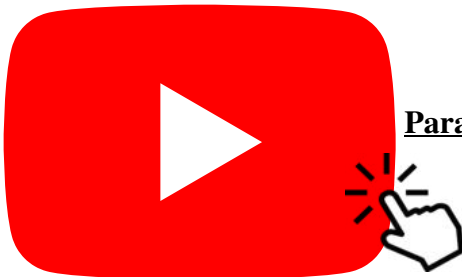


2. Sobre a obra

Como mencionado, o livro *O tapete voador*, de Cristiane Sobral, é composto por diversos contos. Tal gênero, diferentemente do romance, uma poesia épica, entre outros, possui uma narrativa enxuta, curta, porém com enredo completo, com clímax e desfecho, como afirmam Oliveira e Freitas (2019).

Nessa obra, utiliza-se de figuras de linguagem, como ironia ou metáforas, para abordagem de temas como o racismo, como no final do conto “A discórdia no meio”, no qual identificamos: *"Ninguém mais teve apetite para a refeição. Só mesmo a Dona Benedita, sentada na cabeceira da mesma, ajeitou nervosamente os seus óculos de grau parra melhor chupar os ossos da carne do pescoço meio passado que restou no seu prato fundo. O racismo era mesmo um osso duro de roer."* (pag. 26).

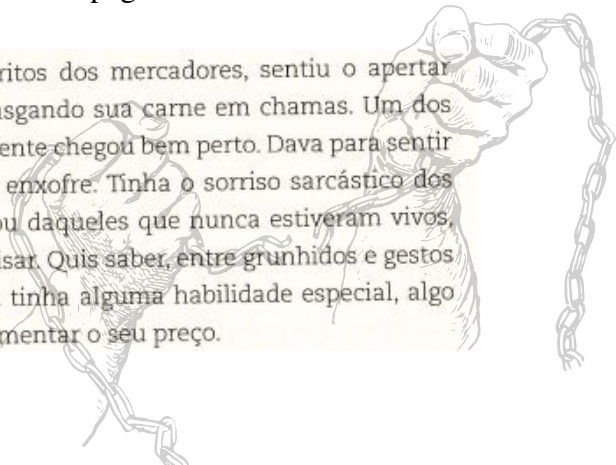
Nesse trecho, é possível observar como a autora relaciona o racismo a um "osso duro de roer", isto é, no sentido de conviver dado ao contexto do conto onde uma mulher negra não aceita a própria identidade e discrimina o meio irmão por ser um pouco mais claro, mas que também se identifica como negro e está consciente de como o racismo impera no Brasil com as pessoas negras mais claras, comumente denominadas de “pardas”, numa tentativa de embranquecer a sociedade brasileira, como nos explicam alguns teóricos.



Para saber mais

Na maior parte dos contos, há dois tipos narrador: o onisciente e um narrador personagem, apesar de não serem histórias que se complementam, os contos possuem temáticas diversas que convergem em um mesmo ponto: a questão racial voltada para os negros. Percebemos que o intuito discursivo ou o querer-dizer (BAKHTIN, 1997, p. 300) de Sobral é, além de denunciar a realidade de certa parte da população negra no Brasil, empoderar pessoas negras.

A escrita de Sobral em *O tapete voador* possui uma linguagem simples, objetiva e bastante descritiva, tanto dos espaços, como das características físicas e psicológicas das personagens. Essa descrição é tão sutil e ao mesmo tempo precisa que o leitor é capaz de visualizar o espaço em que se passa os contos e as suas cenas, como é o exemplo no conto “Nkala: um relato de bravura”, no trecho da página 33:



Com os gritos dos mercadores, sentiu o apertar das correntes rasgando sua carne em chamas. Um dos vendedores de gente chegou bem perto. Dava para sentir o seu cheiro de enxofre. Tinha o sorriso sarcástico dos quase mortos, ou daqueles que nunca estiveram vivos, impossível precisar. Quis saber, entre grunhidos e gestos confusos, se ela tinha alguma habilidade especial, algo que pudesse aumentar o seu preço.

É possível imaginar através desse trecho a dor que a personagem sente, como também o desconforto estar em meio àqueles homens, causando no leitor sensações semelhantes às das personagens.

Todos os elementos que constituem o estilo de escrita de Sobral contribuem para que a leitura de cada um dos contos abra um novo olhar para as questões raciais diversas, além de proporcionar reflexões nos leitores, por isso, proposto aqui como um livro relevante para abordar as literaturas afro a partir de perspectivas transversais no currículo, envolvendo identidade e representatividade, por exemplo.



3. FANFICS: possibilidades de escritas de(s)coloniais

Em nosso capítulo, propomos a produção de fanfics como possibilidade de reflexões a partir da leitura *O tapete voador*, de Sobral.

Nesse sentido, convidamos o/a colega professor e seus alunos a pensar: de quê forma os negros são representados nas literaturas europeias coloniais? Como a África é representada? Por que só ouvimos falar em um lugar assolado pela fome, pobreza, doenças, incivilizada, inferior aos demais continentes? Como bem nos alerta Mafalafia (2018), em seu artigo *A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra*, esse olhar vem desde a colonização, respaldado em teorias "científicas" que serviram de base para políticas de branqueamento, para legitimar o racismo, a escravidão e a ideia de inferioridade do negro. Em uma sociedade com esse tipo de ideal a representação dos negros nas artes, mídias e literatura é coerente com esse pensamento, o que gera impacto na forma como o próprio negro se vê em meio a sociedade e

constrói a própria identidade assumindo ou não sua identidade, negando ou aceitando suas características negroides.

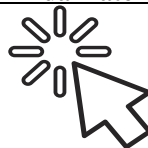
O livro de Cristiane Sobral foi escolhido principalmente porque a maioria de seus contos foge dessa representação colonial do negro, desse "Ideal Branco" (MALAFAIA, 2018) em que o negro é representado negativamente e mostra personagens assumindo sua identidade positivamente sem medo ou receio. Essa representatividade é algo importante para construção da identidade de crianças e jovens.

Apesar dessa representatividade recentemente ter sido mais discutida nas mídias sociais, como o caso da foto de uma garotinha negra que segurava um cartaz "Não me vejo, não compro" em frente a uma prateleira cheia de mochilas com desenhos de bonecas brancas e loiras, o que gerou muita discussão na web, dando mais visibilidade para essa temática.

Na escola, em contrapartida, por mais que as temáticas de relações étnico-raciais tenham sido propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, desde 1998, bem como disposto pela Lei 10.639/2003, sabemos que a realidade é outra.



Fonte: "Foto de garota negra sobre representatividade é alvo de racismo na web" [link da matéria](#)



Diante desse cenário, propomos aos colegas educadores a realização de um projeto didático que aborde a questão da representatividade na escola, a partir do gênero *fanfiction* na disciplina de Língua Portuguesa.

Inspirados pela leitura da obra de Sobral, bem como pelas provocações a posturas decoloniais no ensino, conforme nos assinala Wash (2013 *apud* MARTINS; RODRIGUES, 2021), acreditamos que a escrita de narrativas nas quais as personagens negras sejam representadas positivamente, podem colaborar na desconstrução de posicionamentos racistas nas escolas, além de contribuir para mais leituras de escritores e escritoras negras em nossas salas de aula.

4. Gênero Fanfic: dê poder a sua escrita!

O gênero fanfiction, fanfic ou mesmo fic, surgiu nos Estados Unidos a partir dos fandon, com o intuito de dar continuidade aos conteúdos dos seus programas favoritos. Fanfic, segundo Vargas (2015, p. 21), "resulta da fusão de duas palavras da língua inglesa, *fan* e *fiction*, e designa uma história fictícia, derivada de um determinado trabalho ficcional preexistente, escrita por um fã daquele original".

Fanfic é um gênero que pode derivar de vários outros: músicas, romances, contos, filmes, etc, os quais, segundo Sousa (2020) apresentam relações intergenéricas (diálogo entre os gêneros) e ruínas (os fragmentos de outros gêneros presentes nas fanfics). Mesmo a fanfic sendo predominantemente narrativa, não impede que fãs atribuam características estruturais e estilísticas do gênero do qual deriva, por exemplo, poemas, músicas ou produzidas oralmente através de podcast.

A circulação desse gênero ocorre, predominantemente, nos ambientes digitais, com espaços de troca entre os interlocutores, isto é, quem produz e quem lê. Dessa forma, o fã-autor ao trilhar as características da narrativa - personagens, espaço, narrador, tempo e enredo - atribui um caráter mais pessoal a sua escrita.

Segundo Kersch e Dornelles (2021, p. 64), "as fanfics podem ser escritas com personagens/pessoas famosas das quais o autor gosta. É bem possível que você receba uma fanfic com o Super-Homem ajudando um faraó no Antigo Egito, e esta é a melhor parte: poder

Clicando no ícone abaixo, você, professor, será direcionado a um vídeo explicando algumas características do gênero *fanfic*.



desenvolver competências novas e conhecer ainda mais cada aluno seu." Considerando o público alvo, o gênero selecionado busca principalmente explorar a criatividade dos alunos e estimular as habilidades de leitura e escrita, modificando enunciados ou complementando a narrativa original, ao passo que podem explorar a temática afro com a possibilidade de trazerem outros personagens de que são fãs.

Confira agora o trecho de uma fanfic retirada do site **spiritfanfiction.com**.

CAPÍTULO 1 - PRÓLOGO

Pov's Kristoff

Eu e os demais colegas do time surgimos no salão de festas, atraindo todos os olhares de imediato.

— Olhem eles aí! Meus garotos!
— esbravejou North eufórico fazendo todos os presentes gritarem



Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/treinando-o-papai-23323186>

— O futuro melhor time de Boston senhoras e senhores!
Sorri envergonhado, dando um pequeno aceno com a mão.

— É ISSO AÍ! — berrou Flynn do meu lado, empolgado, batendo a mão no peito.

Me chamo Kristoff Bronte, tenho 21 anos e estou iniciando minha carreira como jogador de futebol americano. Flynn Ryder, meu melhor amigo, também prosseguia na mesma jornada.

No início médio, o treinador da escola viu meu porte físico e me convidou para participar do time da escola. Por curiosidade e muita insistência da parte dele, acabei aceitando. Após essa decisão, descobri minha paixão no futebol e não quis largá-la nunca mais.

[...] Jack Frost era nosso amigo também e estudou comigo, e com Flynn no Ensino Médio. Ele estava cursando Direito na faculdade, pois pretendia se tornar advogado. [...]

clique na figura e acesse a fanfic na integra. >>>



Na fanfic do exemplo acima, o fã-autor utilizou duas classificações anteriormente citadas: **cross overs** - ao misturar diferentes personagens de filmes de animação, por exemplo, Kristoff Bronte (Frozen: uma aventura congelante), Flynn Ryder (Enrolados) e Jack Frost (A origem dos guardiões) -, e **deslocamento de personagem**, ao criar um universo alternativo. Vale ressaltar que a fanfic ainda está em andamento e vai abordar temas pertinentes, como a importância das relações e a paternidade.

Vargas (2015) atribui às fanfics as classificações, dependendo do estilo da narrativa, propostas por Jenkins. Abaixo, demonstramos algumas.

- **Cross overs** - interseccionar diferentes narrativas, por exemplo, "Personagens de Harry Potter podem ser colocados no contexto de outras histórias, como O senhor dos anéis (livros e filmes) ou como Buffy – a caça vampiros (seriado televisivo)" (VARGAS, 2015, p. 69).
- **Deslocamento de personagem** - produzir um universo alternativo para os personagens da obra (VARGAS, 2015).
- **Personalização** - o fã é inserido na narrativa. "É tão forte o apelo daquele universo ficcional ao fã, que não basta escrever sobre ele; é preciso inscrever a si mesmo como seu participante, concretizando, ainda que parcialmente, a fantasia de ser parte de determinada história." (VARGAS, 2015, p. 71).
- **Intensificação emocional** - "O autor acredita que essas histórias, abundantes em situações angustiantes, permitem aos fãs a expressão de suas próprias preocupações apaixonadas pelos personagens, bem como a produção de um final feliz para situações de desespero." (VARGAS, 2015, p.71).

Clique no ícone abaixo e confira o podcast produzido por alunos do Campus Macabá Industrial, abordando algumas características do gênero *fanfic*.



Confira alguns sites destinados, exclusivamente ou não, à circulação de fanfics:

wattpad.com 

fanfiction.com.br/ 

spiritfanfiction.com 

Segundo Martins e Rodrigues (2021, p. 37), "a partir da Lei 10.639/03, propostas curriculares têm ocorrido no sentido de (des)construir o currículo da Educação Básica e promover a valorização e o conhecimento da história e cultura dos povos negros." Dessa forma, nosso objetivo em trabalhar com e a partir das fanfics, como forma de potencializar as aulas de Língua Portuguesa e Literatura afro, não é só para estimular a escrita criativa, mas que o professor com seus alunos possa criar uma estratégia argumentativa e de construção de sentido, problematizando questões sobre temas transversais e importantes socialmente. Ao criarem novos enredos (fiéis ou não) às narrativas originais, explorando vários recursos semióticos e multimodais da escrita online, poderão adquirir um posicionamento (mais) responsivo como uma forma de intervenção da realidade.

O combate à invisibilidade da literatura afro nas escolas e à visão única criada na sociedade sobre a cultura afro não deve estar pautado em ensinar apenas palavras/conceitos contra os preconceitos raciais, étnicos, sociais e culturais, mas também em utilizar os gêneros como prática social em uma sociedade multicultural, tendo em vista que a escola é o ambiente com maior pluralidade.



Chimamanda Adichie: o perigo
de uma única história



Ainda conforme Martins e Rodrigues (2021, p. 42), em relação às diferenças coexistindo no universo escolar, “a diversidade cultural tem reflexos importantes no ambiente escolar, uma vez que é esse o espaço de convivência primordial dos estudantes, fora da esfera familiar. É ali que as diferenças se encontram, se percebem e deveriam ser consideradas e valorizadas”.

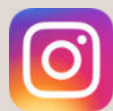
Por isso, vamos (re)construir possibilidades?!

5. Vamos produzir?!

Após a leitura da obra e ter conhecido um pouco mais sobre a autora e sobre o gênero escolhido para o desenvolvimento do projeto, agora, é hora de detalharmos nossa proposição.

Inicialmente, sugerimos que reserve 20 min a 25 min da sua aula e faça essa introdução, fale sobre a obra e a autora.

Clique no ícone ao lado e confira um post do Instagram organizado pelo perfil "[Na aula de português](#)", acerca do gênero fanfic nas aulas de Língua portuguesa.



IMPORTANTE

O projeto é pensado para ser desenvolvido no período de um mês, mas organize-o de acordo com o seu cronograma.

- Divida a turma em nove grupos e proponha que cada equipe fique responsável pela leitura e apresentação dos contos. Com essa organização, cada grupo ficará responsável por dois contos do livro (para que esse quantitativo fique certo, você, professor, pode ficar responsável pelo primeiro conto).

- Faça uma mesa redonda para discussão dos contos e como o livro os ajudou enquanto prática de representatividade para posicionamentos e discursos que coloquem em evidência o racismo, por exemplo.
- Como sugestão para divulgação das fanfics, propomos a criação de um Google site para divulgação das produções dos alunos. A plataforma funcionará como espaço de escrita em que outras pessoas (até mesmo externas à escola) possam deixar comentários ou sugestões para as fanfics.



**Aqui você verá um
tutorial de como criar um
Google Site:**

<https://youtu.be/nwEk1Xx3kXw>

- Outra sugestão é utilizar sites que já são destinados à produção de fanfics (conferir o tópico anterior). É importante que todos se apropriem dos recursos das plataformas.
- Cada equipe ficará responsável pela produção de uma fanfic.
- Trabalhe com as “One shot: fanfics com apenas um capítulo, independentemente do número de palavras (podem ser mil ou 80 mil)” (KERSCH; DORNELES, 2021, p. 63).

6. Algumas Reflexões

Esperamos que o capítulo aqui produzido seja útil no auxílio do ensino de Literatura Africana, a partir de um viés menos eurocêntrico e estereotipado, que temáticas como colorismo, representatividade, negritude e outros sejam mais discutidas em sala de aula, a fim de construir uma sociedade menos racista, em que crianças e adolescentes negros não se sintam inferiores ou envergonhados de assumir suas identidades, ao contrário, tenham orgulho, assim como as personagens dos contos de Sobral.

Esperamos também que através da escrita desse gênero fanfic os alunos aprendam que é possível não só reescrever novas histórias, com novas narrativas, sendo elas de(s)coloniais em sala de aula, blogs e outras plataformas digitais, como também em seu cotidiano, libertando-se aos poucos desse pensamento colonial e racista gerado pela grande mídia e enraizados na sociedade brasileira.



7. Divulgando nossa proposta

Caro colega professor, este material foi produzido com muito carinho e pensado para contribuir significativamente nas aulas de Língua portuguesa, principalmente relacionado à literatura afro na escola, tendo em vista que possuem poucos materiais didáticos sobre a temática. Através da nossa proposição de projeto, buscamos ajudá-lo a transgredir o conhecimento a partir de um gênero multimodal muito interessante: as fanfics. Acreditamos que a produção de narrativas com desconstruções discursivas da imagem etnocultural afro, que se perpetuam ainda fortemente no espaço escolar através da invisibilidade dada aos conteúdos relacionados à temática, podem ser valiosas ao ensino.

Assim, nós, futuros professores de linguagens, e você, professor, exercendo papéis políticos de extrema importância no processo de produção do conhecimento, devemos pensar em estratégias para colaborar na construção de identidades que se posicionem contra visões racistas que ainda constituem as relações sociais, a fim que a sala de aula seja um ambiente de prática social, espaço de representatividade, subjetividade e formação de cidadãos críticos e compromissados.



AUTORES



Ana Beatriz Santiago: acadêmica em Letras Licenciatura plena e suas Habilitações-Línguas Portuguesa e Inglesa, e suas respectivas literaturas. Graduada do 7º período, pela UEMA, Campus de Balsas

Idelfonso de Sousa Jorge Júnior: graduando em Letras Português e Inglês. Integrante do grupo de pesquisa ATEMA e bolsista no projeto de iniciação científica "Atlas Toponímico do Estado do Maranhão - ATEMA - Mesorregião Leste Maranhense: Microrregião de Codó" (UEMA/Campus Balsas).



Railane dos Santos Lima: Graduada em Letras Português, Inglês e Literaturas, 7º Período - Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, Campus Balsas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, da Silva Francielly. FREITAS, Duarte Maria Inailda. A contribuição do gênero conto para a formação de leitores no processo da escrita. **Diversitas Journal**. Santana do Ipanema/AL. vol. 4, n. 2, p.556-565, mai./ago. 2019.

MALAFAIA, Siqueira Dias Evelyn. A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. In: COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros X. **Anais**. Uberlândia – MG, 12 a 19 de Outubro de 2018.

Disponível em: <

https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531151049_ARQUIVO_COPENE2.pdf > Acessado em: 30 de junho de 2022

MARTINS, Ana Patrícia Sá; RODRIGUES, Sanny Fernanda Nunes. MULTILETRAMENTOS E DECOLONIALIDADES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PROPOSIÇÕES AO ESTUDO DAS LITERATURAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS. In: KERSCH, DOROTEA FRANK et al, (org.). **Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para, a e além da escola** [recurso eletrônico]. 1. ed. rev. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021. v. 1, cap. 3, p. 37 - 54. ISBN 978-65-89503-07-1. Disponível em:

<https://www.unisinos.br/institutoinovacao/blog/multiletramentos-na-pandemia-aprendizagens-na-para-a-e-alem-da-escola/2021/05/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

KERSCH, Dorotea Frank; DORNELLES, Anna Júlia Cardoso. LEITURA + ESCRITA + TECNOLOGIAS DIGITAIS: AS FANFICS COMO POSSIBILIDADE PARA DESENVOLVER A LEITURA E A ESCRITA E APROXIMAR OS ALUNOS DA LITERATURA. In: KERSCH, DOROTEA FRANK et al, (org.). **Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para, a e além da escola** [recurso eletrônico]. 1. ed. rev. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021. v. 1, cap. 4, p. 55 - 68. ISBN 978-65-89503-07-1. Disponível em: <https://www.unisinos.br/institutoinovacao/blog/multiletramentos-na-pandemia-aprendizagens-na-para-a-e-alem-da-escola/2021/05/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SOUSA, K. D. de. O gênero fanfiction: análise intergenérica da escrita de fãs. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 49, n. 2, p. 1104–1123, 2020. DOI: 10.21165/el.v49i2.2517. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2517>. Acesso em: 07 jul. 2022.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno Fanfiction** [recurso eletrônico]: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.



CAPÍTULO

02

Ana Júlia Nogueira Martins

Gustavo Barbosa Guimarães

Aniele Carvalho de Araújo

Ana Patrícia Sá Martins

Afro e os lugares de poder



NÓS E A EDUCAÇÃO: RELATOS DE NOSSAS EXPERIÊNCIAS

(Re)conhecendo a educação com outros olhos, por *Aniele Carvalho de Araújo*

Antes do Estágio em Língua Inglesa começar, eu já tinha expectativas muito ruins. Primeiramente, para explicar o porquê das minhas expectativas serem tão baixas foi por eu não ter cursado o estágio em Língua Portuguesa, que seguindo a grade curricular do meu curso (Letras), é o primeiro a ser ofertado, e eu me sentia inexperiente - mais do que os meus colegas de turma que já tinham passado por um estágio - e isso me fez ter medo do que encararia pela frente.

No entanto, essas expectativas ruins quebraram quando fui estagiar e não me fiquei tão nervosa como achei que estaria. No meu primeiro dia de estágio, ainda na fase de observação, senti que eu não era muito bem vinda por parte dos alunos, ao menos era assim em uma das duas turmas que escolhi para estagiar. A outra turma (a turma B), pelo contrário, foi bem mais receptiva e os alunos foram mais curiosos acerca de mim, tanto que tive que ser mais “linha dura” para que me ouvissem e até me respeitassem. Na turma B, também aprendi que precisava ser mais firme com os alunos para que eles não me desrespeitarem na sala de aula. Já na primeira turma que citei (a turma A), minha aproximação com os alunos aconteceu de forma totalmente contrária do que ocorreu na segunda turma. Lá, precisei falar sobre coisas nada relacionadas à escola para que os alunos realmente pudessem me ver como uma professora.

Óbvio que eu ainda tinha problemas com as atividades que alguns deixavam de fazer, mas pelo menos os que não falavam comigo e nem me ouviam, passaram a falar e ouvir.

Com relação às expectativas sobre a disciplina de Literatura Africana, não dá para não criar expectativas, já que desde que entrei para o curso de Letras, essa disciplina sempre foi muito falada pelos que já cursaram e os que queriam conhecer. Já a disciplina de Prática Curricular, confesso que não criei muitas expectativas, pois não esperavam por ela assim como esperei a de Literatura Africana. A temática Afro, ao meu ver, sempre foi muito esvaziada a debates sobre racismo (não que não sejam importantes e são na verdade), mas eu queria saber mais sobre a temática Afro para além das opressões vivenciadas por esses grupos.

Penso que a disciplina de Literatura Afro abriu minha mente para questões como identidades que muitas vezes são apagadas pelos métodos educacionais que visam somente a transmissão de conteúdos. Os textos que lemos e as discussões que tivemos durante essa disciplina fizeram com que eu passasse a ver meus alunos do estágio como sujeitos sociais que vão muito além de suas condições enquanto alunos de uma escola pública municipal.

Além disso, mesmo que eu não tivesse expectativas (nem ruins e nem boas) quanto a disciplina de Prática Curricular, ela me fez observar como tudo são questões curriculares e estão ali com algum objetivo e intenção, seja para melhorar ou piorar (o que eu espero que não!). Enfim, foram duas disciplinas que me fizeram crescer como futura (agora) professora. Para finalizar esse relato, quero falar ao meu leitor(a) algo que observei durante meu estágio: a escola, como um espaço social, é, e vai muito além de um espaço onde transmitimos conhecimentos. Percebi que a escola, quando não é usada para oprimir, é o

espaço mais humanizador que eu poderia conhecer, agora como professora.

A verdade é que os sistemas governamentais do nosso país nos obrigam (comunidade escolar) a uma educação muito mais vertical do que horizontal, e esses mesmos sistemas julgam quem não consegue (e muitas vezes nem tenta) se afastar desse "método" de ensinar.

Pude perceber que o ensino escolar não é só ensinar algum conteúdo do cronograma. É também aqueles pequenos diálogos triviais que tive com os alunos e com a professora regente, que me fizeram ser mais próximas deles e, assim, ser ouvida dentro da sala de aula.

Para finalizar, gostaria de dizer que o estágio foi cansativo, mas foi muito bom (no entanto, ainda considero que poderia ter feito mais), e, se você, leitor(a), é licenciando(a) e ainda não passou pela fase do estágio, tenho uma dica para você: Não se apresse. Vá com calma!

Você não precisa desenvolver muitos projetos, até porque é algo muito difícil por conta do cronograma escolar. Converse com a professora regente e com os alunos, pois o estágio é um período complexo e temos de ter estratégias e diálogos com quem interagimos. Não tenha medo de errar! Considero que errei muito durante o estágio (risos) e esses erros me fizeram acertar nas outras tentativas.

Tentando dar orgulho para Naruto Uzumaki e não desistir, por *Ana Júlia Nogueira*

Antes de iniciar o estágio, confesso que imaginei diversas situações que pudessem acontecer, mas tudo foi bem diferente. Por mais que eu tivesse muita expectativa a respeito das coisas que eu faria ou sobre como eu lidaria com a turma, as coisas saíram bem diferente do planejado. O primeiro obstáculo foi a minha impossibilidade de cumprir com o estágio durante a pandemia, o que me deixou extremamente frustrada. Já no pós-pandemia, todas as expectativas que eu tive voltaram com força total e, novamente, foi um tanto frustrante enfrentar a realidade. A escola na qual eu estagiei, além de todas as perdas causadas pela pandemia, também está enfrentando problemas com a infraestrutura do prédio, que é temporário até a reforma do original acabar. Esse prédio temporário não dispõe de muitas salas e foi preciso reduzir as turmas a apenas uma de cada ano, o que resultou em salas lotadas de alunos que já estavam dispersos depois de dois anos longe da escola. Então não foi surpresa quando os alunos demoraram a me dar qualquer sinal de respeito.

Ao mesmo tempo que eu criava expectativas com o estágio, também criava com as disciplinas do período. Literatura Africana foi uma das que mais me animou, principalmente pelo meu interesse por literatura em geral. E essas expectativas foram mais que alcançadas. Poder conhecer novos autores, com estilos tão diferentes foi muito enriquecedor e me fez perceber como a minha leitura ainda era muito eurocentrada.

Em relação à disciplina de Prática Curricular na Dimensão Educacional, eu tinha uma ideia muito vaga do que seria tratado e mesmo essa ideia vaga se mostrou errada, o que foi ótimo, já que a disciplina se mostrou mais que essencial para a minha formação, de maneiras que eu não imaginava.

No entanto, voltar às aulas presenciais não foi nada fácil. Ter que me deslocar para a universidade, o que era comum antes da pandemia, se mostrou uma tarefa que exigia muita força de vontade. Vivenciei momentos de falta de atenção, desânimo e cansaço - tanto físico quanto mental. Além disso, voltar ao convívio diário depois de tanto tempo com a comunicação inteiramente online exigiu - acredito que da parte de todos - muita paciência e jogo de cintura. No fim, as coisas ainda não voltaram a ser como antes, mas já vejo um grande avanço.

Por fim, fico feliz de ter tido a oportunidade de experienciar diversas coisas ao longo desse período. Sinto que, finalmente, posso chegar mais perto de ser a professora que eu quero, uma professora que acolha seus alunos e que saiba respeitar suas fragilidades, e isso só se tornou possível com as disciplinas e experiências que tive ao longo da graduação e, mais especificamente, ao longo desse período.

Me descobrindo como professor: traçando caminhos na educação, por *Gustavo Barbosa Guimarães*

Quando a disciplina de Estágio Supervisionado foi ofertada pela primeira vez, tive uma tempestade e uma mistura de sentimentos, pois seria uma grande responsabilidade e um momento ímpar a ser vivenciado na minha formação acadêmica. Ficava me questionando: Como vai ser? Como vou ministrar as aulas? Será que vou conseguir? Vou me dar bem com a turma, os professores e os demais funcionários da escola? Contudo, esse sentimento não foi o mesmo com relação a disciplina de Língua Inglesa, me sentia desmotivado, visto que, não sinto domínio suficiente e necessário para ministrar aulas nesta disciplina.

Em relação a disciplina de "Literatura Africana Lusófonas", minhas expectativas eram muito grandes, visto que era uma das disciplinas que eu esperava ansiosamente, pois via como mais uma oportunidade de aprender, de aperfeiçoar, ressignificar e melhorar os meus conhecimentos em relação aos povos africanos, sendo esta temática pouco abordada no âmbito acadêmico e social. Digo isso, pois, foram poucas as vezes que essa temática foi abordada ao longo da minha formação acadêmica e no curso de Letras, e quando foi abordada, não foi tão aprofundado como necessariamente deveria ser. Ressalto que minhas expectativas não foram as mesmas em relação a disciplina de "Prática Curricular na Dimensão Educacional".

Vejo que a discussão sobre a educação para as relações étnico-raciais na formação dos professores do curso de Letras (e dentro da própria universidade) ainda é muito insuficiente, precisa ser dado mais visibilidade, ser mais trabalhado e

e discutido nas salas de aula, e nos momentos oportunos, visto que as temáticas com maior prestígio são bem mais visadas e enfatizadas do que as temáticas a respeito do povo negro. Este assunto, na minha concepção, não deve se limitar somente aos cursos de licenciatura, é necessário ser expandido para demais cursos existentes na universidade (os bacharelados).

Quanto ao retorno das aulas presenciais na universidade, os principais desafios vivenciados por mim foi a readaptação a "nova" rotina, ou melhor, ao "novo-novo"; a distância da minha família, tendo em vista que meus pais moram em outra cidade e, nesse período de pandemia creio que os laços afetivos foram mais intensificados, pois vivíamos juntos 24 horas por dia, além do cuidado um com o outro; o medo do vírus que, mesmo com a vacinação em massa, ainda era uma realidade presente na sociedade entre outras questões que causava certa apreensão. Dentre muitas disciplinas oferecidas no curso de Letras, essas (Literatura Africana e Prática Curricular na Dimensão Educacional) foram essenciais e vieram para somar mais ainda com a minha prática como estagiário e professor futuramente. As discussões geradas me possibilitaram alargar mais ainda aquilo que eu quero levar para a sala de aula, enquanto professor, a partir de temáticas que não são dadas a importância necessária (não só a temática sobre os africanos, mas sobre os indígenas, a comunidade LGBTQIA+ etc...) visto que, são assuntos que defendo, me identifico e que considero indispensáveis para o debate em sala de aula, fato este que reflete no currículo como minha identidade.

Sendo assim, almejo, enquanto professor, envolver essas temáticas nas aulas, e as que forem necessárias, a fim de proporcionar aos alunos a reflexão, a criticidade, a transformação e a ressignificação a cerca desses assuntos que são bastante atuais em nossa sociedade.

Conhecendo a Obra

A obra *"Este não é o seu lar"*, de Natasha Brown, conta a história de uma mulher negra, de nacionalidade britânica, não nomeada durante a narrativa, que trabalha no mercado financeiro e, recentemente, havia recebido uma promoção.



Clique na imagem acima e baixe o e-book

Com sua escrita única, requintada e ousada, Natasha Brown discorre sua obra narrando a sobre a vida amorosa da personagem principal (com um branco), a relação com a família de seu namorado e uma reflexão sobre a sua vida: será hora de desistir de tudo?

Muitas outras reflexões são abordadas na obra, a partir da personagem negra e mulher em meio a uma sociedade altamente machista e preconceituosa.

Leia um trecho:

“Estas instruções: escute, fique quieta, faça isso, não faça aquilo. Quando isso acaba? E aonde isso me levou? Mais e mais do mesmo. Eu sou tudo o que eles me mandaram ser. Não foi o suficiente. Uma destruição física agora, para combinar com a mental. Dissecar, envenenar, destruir essa nova parte maligna de mim. Mas tem sempre alguma coisa em seguida: a próxima exigência, a próxima crítica. Esse eterno obedecer, atingir, superar... para quê?

[...]

Seja a melhor. Trabalhe mais, com mais inteligência. Supere todas as expectativas. Mas também seja invisível, imperceptível. Não deixe ninguém desconfortável. Não seja inconveniente. Exista apenas no negativo, no espaço ao redor. Não se insira na narrativa principal. Passe despercebida. Transforme-se no ar. Abra os olhos.”



Conhecendo a Autora



Natasha Brown ([@wordsbynatasha](#)) é formada em Matemática pela Universidade de Cambridge e trabalhou dez anos, de seus 31 de vida, no mercado financeiro. Recebeu o London Writers Awards na categoria de ficção literária, em 2019, e escreveu *Este não é o seu lar*, seu romance de estreia.



A Leitura Literária

- **Narrador personagem;**
- **Tempo verbal utilizado na obra:** 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo;
- **Tempo:** Se caracteriza por ser psicológico, pois é o tempo individual em que a personagem narra a história e não é igual para todos os personagens. Isso significa que existe uma influência de emoções, situações, sentimentos, que determinam essa passagem do tempo. É um tempo interno;
- **Espaço:** O espaço da obra é determinante para a obra literária, pois a personagem narra com base nos acontecimentos vividos em lugares como no local de trabalho, no metrô, em sua casa e na casa do namorado e em um restaurante.



Temática do Projeto

Partindo da leitura da obra "*Este não é o seu lar*", da autora Natasha Brown, o projeto terá como temática principal, dentre tantas outras identificadas no enredo da obra, a questão do termo Tokenismo. O termo referido é definido como uma mera representação forçada de forma superficial ou simbólica a alguma minoria da sociedade com o intuito de "incluir-la", normalmente realizado por um grupo dominante (de supremacia branca ou masculina), o que pode até acontecer a tão intencional visibilidade, mas, esses grupos não serão, de fato, representados (SANTOS, 2018; BRISTOST, 2021).

O termo foi utilizado pela primeira vez por Martin Luther King, em 1962, num artigo onde ele criticava a lentidão em relação a integração racial nas escolas e nas fábricas do Sul, e também para fazer menção ao esforço dedicado pelos afro-americanos nas demandas por justiça social (RADI, 2019).

Na obra, a protagonista parece estar consciente do fato de que é vista como um *token*, tanto na vida profissional quanto na pessoal. Na empresa onde trabalha, ela recebe uma promoção após um escândalo com o seu antecessor, promoção essa que veio de uma vontade da empresa de *diversificar*. Já em seu relacionamento - com um homem branco - a protagonista percebe que, no futuro, quando ele se tornar um político, vai ser lembrada apenas como uma demonstração da posição dele em relação às minorias.

Saiba mais

Clique no link abaixo e leia a reportagem no site Cláudia:

<https://bityli.com/XDFmhC>



Conhecendo o(s) Gênero(s)

• Mural

O *mural escolar* consiste em um recurso no qual se apresenta conteúdo de trabalhos realizados em sala de aula, que são expostos quando estes atingem o objetivo geral de uma determinada proposta realizada nas aulas de uma dada disciplina (PITTA, 2016). Se buscarmos a definição da palavra *mural* nos dicionários da Língua Portuguesa, muitos serão os conceitos que serão encontrados em relação a este léxico.

Contudo, o tipo de mural sobre o qual iremos discorrer neste capítulo refere-se aos murais com o acréscimo do adjetivo didático que, segundo Costa (2012), são aqueles que têm como principal finalidade a socialização de conhecimentos de determinado assunto através da exposição destes materiais em ambientes escolares para a promoção da aprendizagem.

As informações dispostas nos murais didáticos são organizadas e sistematizadas com o objetivo de possibilitar a aprendizagem em grande escala, mas, além desses, existem murais que não são elaborados com a finalidade de socializar os conhecimentos, contudo, em situações de ensino-aprendizagem, estes tornam-se um tipo de material didático, embora sua finalidade original fosse outra (COSTA, 2012). A elaboração deste gênero, geralmente, é realizada com a utilização de vários materiais de baixo custo, o que permite a reconstrução de forma constante feita por alunos, professores, coordenadores ou outro agente educacional (PITTA, 2016).

Essas produções podem ser encontradas em vários ambientes da escola, como os corredores, salas de aulas, secretarias, salas dos professores, salas de leituras, laboratórios e muitos outros ambientes da instituição o que deixa evidente o seu papel de transmissor de informação, divulgador das produções escolares e de comunicação da escola (*ibidem*). A seguir, apresentamos alguns exemplos de murais didáticos.



Clique na imagem para mais informações e exemplos.

Fonte: PIBID Biologia - Subprojeto Biologia- Escola Estadual Antonio Souza Martins, localizado na cidade de Ituiutaba-MG

Clique na imagem para mais informações e exemplos.



Fonte: Bau de Atividades
- Educação Infantil

Com base nos exemplos anteriores, percebemos que para a construção deste gênero é necessária a utilização de recursos multimodais, ou seja, a comunicação além da utilização dos signos linguísticos, que ocorre por meio de sinais, gestos, gravuras, entre outros recursos semióticos (BARBOSA *et. al.*, 2016).

No contexto da multimodalidade, as imagens são referências diretas ou indiretas da realidade física e social, sendo preciso uma seleção, pois as sociedades fazem usos destes recursos semióticos de forma que legitima um argumentos e/ou fatos relatados e descritos (VIEIRA, 2015). Ademais, a multimodalidade vai além da simples seleção de recursos imagéticos, mas trata-se também das diversas formas de como os textos se apresentam, são lidos, visualizados e produzidos (BARTON & LEE, 2015).

• Redação Dissertativa-Argumentativa

O espaço escolar dispõe de uma série de gêneros textuais (sejam eles escritos e orais), mas, em se tratando do processo ensino-aprendizagem da escrita, o gênero textual *redação* é a forma mais presente, visto que este gênero é criado *pela e para* a escola, tendo como meio de circulação, exclusivamente nesse contexto, a própria instituição de ensino (RIBEIRO; von BORSTEL, 2010).

A redação é tida como um gênero textual que consiste na produção de um texto a partir de uma determinada situação discursiva, tendo, como um dos objetivos, a avaliação do processo de escrita do indivíduo, bem como a capacidade argumentativa, quando se trata de uma redação do tipo *dissertativa-argumentativa*. Além disso, o redator é instigado a incluir em seu texto posicionamentos em relação a situação social, científica, cultural e política (OLIVEIRA, 2016).

A prática de defesa de um ponto de vista, ou de dissertar sobre algo, não estar presente somente nos vestibulares ou na educação básica, é perceptível também no cotidiano das pessoas quando estas procuram justificar e/ou questionar a

respeito de determinado assunto (RIBEIRO; von BORSTEL, 2010). Além disso, os autores citados anteriormente continuam abordando acerca do tipo textual *dissertativo-argumentativo*, que é constituído através de uma tese (a discussão de um ponto de vista sobre o assunto abordado), onde o redator desenvolve sobre esta com o uso da argumentação, elemento que comprova e reforça as informações inseridas, uma vez que a principal característica desse tipo de texto é apresentar a opinião do autor. Vale ressaltar que este tipo de texto é muito comum nos exames de vestibulares, especialmente no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Veja um exemplo:

Violência e racismo no Brasil contemporâneo

O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão, mais precisamente com a Lei Áurea, após grandes nações já terem realizado tal feito. Porém, a abolição da escravidão não foi o marco do fim do preconceito, violência e racismo contra os negros no país, nem o início de uma era de paz e igualdade entre as diversas cores de peles e etnias que compõem o Brasil, pelo contrário. Dessa forma, o racismo vai sendo passado entre gerações, de uma maneira que anos após a abolição, em pleno século XXI, casos de preconceitos ainda são frequentes, fazendo necessário o governo e sociedade tomarem medidas.

Nos primeiros meses de 2019, alguns casos chamaram a atenção da mídia brasileira, mais precisamente das redes sociais: um jovem foi asfixiado e morto num grande supermercado brasileiro pelo segurança que alegou que ele era um bandido; um pai de família levou um "mata leão" dos seguranças do banco ao questionar seus procedimentos; outro pai de família foi morto com 80 tiros pelo exército brasileiro dentro de seu próprio carro sendo confundido com um bandido. O que esses três casos têm em comum? A cor da pele da vítima. Os três eram negro e foram associados a bandidos. Ademais, quem detém o poder no Brasil não se importa com as vidas negras, vestígios de todo o processo de escravidão do passado.

Todavia, muitas vezes o racismo não precisa ser uma violência física. Ser negro te torna automaticamente menos privilegiado que uma pessoa branca, no simples ato de poder andar tranquilamente na rua sem causar medo em ninguém, ou até mesmo encontrar um tom de base ideal, pois mesmo a maioria da população sendo parda/negra, o mercado de beleza não é voltado para esse grupo. Além dos vários casos de discriminação em entrevistas de emprego, por exemplo, onde o participante não consegue a vaga simplesmente pela cor da pele. O racismo está incrustado no Brasil contemporâneo nas situações mais básicas.

Logo, cabe ao Estado, ONGs e sociedade em geral, por meio da TV e campanhas nas ruas e escolas, que prezam pelo fim do preconceito racial, como fim de conscientizar a população de toda a história da população negra, ensinar o respeito ao ser humano, para que em um futuro próximo não haja mais mortes simplesmente e unicamente pelo tom da pele.

Fonte: <https://bit.ly/3yKV6i3>

Com base no exemplo anterior, a construção do gênero redação do tipo *dissertativa-argumentativa* exige que o redator respeite aspectos em relação a uma estrutura estabelecida, a composição, a articulação da ideias e a organização da argumentação. Sendo assim, o gênero tratado é composto das seguintes partes: introdução, marcada em amarelo, onde o autor apresenta ao leitor a temática e a tese, expondo a ideia central do tema abordado; o desenvolvimento das ideias e a defesa da tese apresentada na parte introdutória, marcado em verde, com a utilização de argumentos, podendo esta parte ser escrita em mais de um parágrafo; por fim, a conclusão, marcada em azul, parte final da redação, onde é apresentada a solução para o(s) problema(s) abordado(s) nos parágrafos anteriores, de forma bem articulada, estando dentro das condições reais (OLIVEIRA, 2016; LEAL; NOGUEIRA, 2018).

Produzindo uma redação dissertativa-argumentativa

Primeiramente, para que a sua redação seja uma boa redação, você precisa, antes de tudo, **conhecer o tema proposto**. Então **pesquise** sobre, **faça uma curadoria de ideias e posicionamentos** que você usará durante sua escrita. Um aspecto bastante importante durante sua pesquisa é: pesquise em **fontes confiáveis**. Para isso, recomendamos que visite o site do Google Acadêmico. Lá, encontrará diversos trabalhos com temáticas diversas.

Além disso, usar a ferramenta do Google Acadêmico pode ser um pouco complexo a princípio, então recomendamos alguns vídeos tutoriais para aprender a manuseá-lo e assim, facilitar a busca de materiais que



Clique no ícone para acessar o
Google Acadêmico

irão embasar sua redação. Além disso, não esqueça que os materiais que serão usados são **referências bibliográficas** e precisam estar corretamente referenciadas na sua redação.



<https://www.youtube.com/watch?v=Nu9MBnuzIL0>

<https://www.youtube.com/watch?v=5wU8eSTSLeM>

https://www.youtube.com/watch?v=bU676A_X_aI

Após a curadoria de ideias, você precisa **refletir sobre o tema que está sendo proposto** e fazer um esboço, que pode ser mental (fica a critério), e ir enumerando as ideias principais.

Faça perguntas e responda-as. Isso pode ajudá-lo(a) a montar um esquema com as seguintes perguntas: **o quê?; como?; por que?**

Através desses exercícios de perguntas e respostas, você delimita a sua abordagem, e com isso, será capaz de apresentar argumentos convincentes sobre os pontos que pretende expor no seu texto. Além disso, essa organização permite que você não corra o risco de fugir do tema.



Depois de ter organizado suas ideias no passo anterior, o momento de escrever sua redação se torna muito mais fácil!

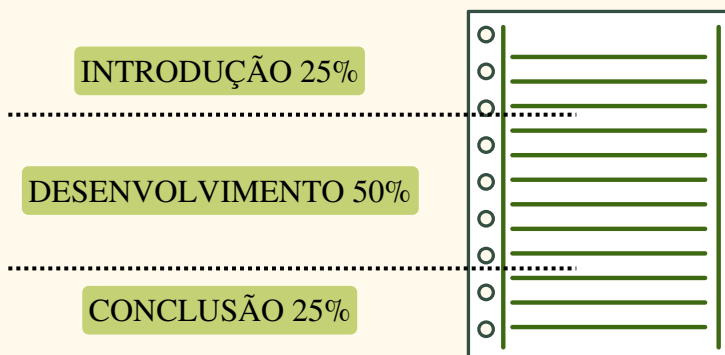
Neste passo, o seu esboço mental começa a se transformar em parágrafos com idéias desenvolvidas. Acrescente uma notícia, um filme, dados históricos ou citação que conseguiu reunir. Eles são recursos que valorizam muito um texto e mostram que você tem embasamento teórico sobre o tema.

O próximo passo é: **estruture a sua redação!**

A redação que estamos tratando aqui é a do tipo dissertativa-argumentativa, e se caracteriza por conter a defesa do ponto de vista do autor (isto é, sobre alguma temática) através de argumentos.

Na sua estrutura, a redação deve conter **introdução**, **desenvolvimento** e **conclusão**.

Veja o quanto cada seção deve ocupar na redação:



Introdução:

- **contextualizar** o leitor sobre o tema da redação;
- **não precisa ser longa**, assim como mostrado na ilustração acima, deve ocupar apenas 25% do texto, pois deve apenas deixar claro ao leitor as ideias, sem expor os argumentos.

Desenvolvimento:

- **argumentar** cada uma de suas ideias;
- **apresentar dados que mostrem o seu conhecimento e que convencem o leitor;**
- é a parte mais longa, deve ocupar cerca de 50% da redação, pois é nessa parte que você **defenderá as suas ideias com argumentos**.

Conclusão:

- apresentar ao leitor o **resultado das ideias** expostas no desenvolvimento, e **propor uma solução;**
- deve ocupar 25% da redação.

Após ter em mente a estrutura da redação, precisamos apresentar uma sequência lógica ao longo do texto. Para isso, utilizamos os **conectivos** para garantir que as ideias não fiquem soltas e que o texto não seja um simples emaranhado de frases.

Veja alguns exemplos de conectivos que podem ser utilizados durante sua escrita:

assim; entretanto; dessa forma; mas.

Os termos apresentados acima podem ser utilizados para oferecer ao texto uma maior ligação entre as frases e as ideias. Além de apresentar uma sequência lógica, a sua redação precisa ser **coerente**, ou seja, **não pode apresentar ideias que se contradigam**. Se você for contraditório, não conseguirá defender suas ideias e sua redação ficará confusa e incoerente.

Para finalizar, **revise o que escreveu**. Isso é muito importante, porque com a leitura final você poderá **identificar erros de concordância, falta de pontuação**, ou um deslize qualquer cometido por falta de atenção.





Procedimentos Metodológicos

Produzindo um Mural

Para a produção do mural físico, propomos os seguintes passos:

- Antes de qualquer coisa, é importante proporcionar o diálogo e o debate em relação a Literatura Africana. Saber o que os alunos conhecem sobre esse tipo de literatura e provocá-los a respeito do porquê essa literatura ser tão estigmatizada.
- Em seguida, pode apresentar para a turma a respeito do que é essa literatura, como ela se formou, suas características e temáticas principais abordadas.
- No passo seguinte, apresenta-se a obra referida neste capítulo "Este não é o seu lar", de Natasha Brow e solicitar que a turma leia a referida obra, disponibilizada no link mencionado, para que na aula seguinte seja discutido.
- Após o debate, divida a turma em equipes de três (ou mais, caso ache necessário);
- Após a divisão dos grupos, e partindo da leitura da obra, proponha a elaboração de um mural físico onde os alunos realizarão, inicialmente, uma curadoria de materiais (cartolinas, tecido tnt, imagens, textos, figuras etc), para que construam a atividade solicitada.
- Como conteúdo, os alunos deverão colocar em destaque pessoas pretas em que ocupam "lugares de poder";
- Posterior ao término da produção do mural e a autorização da diretoria gestora da escola, os alunos irão, sob a coordenação da(o) professora(o), fazer exposições dos murais na escola.



Para entender melhor:



Fonte: [Correio Braziliense](#)



Algumas Reflexões

Ao longo da produção deste trabalho, nos deparamos com diversos questionamentos e reflexões. Primeiro, o contato com uma narrativa tão difícil de digerir, como é a escrita de Natasha Brown, os temas que essa narrativa aborda, o desprezo que a personagem recebe em praticamente todos os âmbitos de sua vida.

Em seguida, nos deparamos com a questão que nos levaria à temática seguida para a produção do projeto: o *tokenismo*. Durante a leitura, pudemos observar com clareza as situações nas quais a protagonista era utilizada apenas como um símbolo, um *token*. Logo no início da narrativa, a personagem recebe uma promoção que a levará a um cargo de liderança compartilhado com Lou, um colega de trabalho branco. A intenção é clara: tornar a imagem da empresa mais diversa.

Tendo em vista essa problemática, nos propomos a desenvolver um projeto que se voltasse para os lugares de poder e as pessoas pretas, e fizesse refletir sobre isso. O principal objetivo deste projeto é, portanto, observando a problemática da falsa inclusão, retratar pessoas pretas que ocupam esses espaços de poder. Nossa escolha por tomar como foco a ocupação desses espaços se deu, justamente, pela necessidade de comemorar cada pequena vitória, sem, no entanto, deixar de lutar por mais. Além disso, consideramos de extrema importância conhecermos diversas obras e autores afros, seja de qual etnia for, para que possamos conhecer e ouvir vozes que outrora foram/são silenciadas pelos que detém o poder de silenciá-las e dessa forma, sujeitos críticos, transmitir-las toda a comunidade educacional. Esperamos que a jornada de preparação desse projeto tenha despertado em vocês, assim como em nós, um olhar crítico para as questões da representatividade apenas pela representatividade, sem intenções reais de inclusão, não apenas em relação à pessoas pretas, mas também às mulheres, à população LGBTQIAP+, aos pcd's, dentre outras minorias sociais.



Divulgando Nossa Proposta

Caro colega professor,

Chegamos ao final do capítulo deste e-book e esperamos que a nossa proposta possa contribuir significativamente com as suas aulas de Literatura. Atualmente, a temática Afro ainda gera muita polêmica por aqueles que confundem vitimismo com a realidade. Diante disso, sendo a instituição escolar um lugar de formação, transformação, debate e desenvolvimento do pensamento crítico de nossos educandos, acreditamos que, ao trabalhar essa temática em nossas aulas, podemos contribuir com a transformação da realidade na qual vivemos. Infelizmente, na nossa sociedade ainda predominam exacerbadamente o racismo, o preconceito, a discriminação, exclusão e, sobretudo, a violência extrema para com essa minoria.

Portanto, colocamos a sua disposição, caro colega professor, uma proposta que visa ressignificar a concepção de nossos alunos acerca desta temática, visto que pouco se trabalha sobre esse tema em nossas escolas e que possa colaborar com o seu planejamento de aula.

Um abraço dos autores deste capítulo!

AUTORES

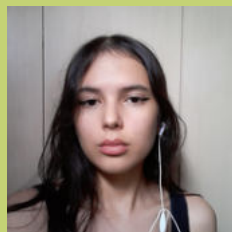


Gustavo Barbosa Guimarães: Graduando do Curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMA) do grupo de pesquisa Atlas Toponímico do Estado do Maranhão - ATEMA (UEMA/Campus Balsas).

E-mail para contato:

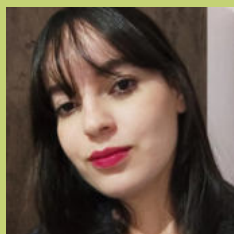
gustavobarbosa.g80@gmail.com

Ana Júlia Nogueira Martins: Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas. Integrante do grupo de pesquisa **Atlas Toponímico do Estado do Maranhão - ATEMA** e bolsista PIBIC/UEMA do projeto de iniciação científica '**Atlas Toponímico do Estado do Maranhão - ATEMA: Microrregião de Caxias**' (UEMA/Campus Balsas).



E-mail para contato:

anajulianm12@gmail.com



Aniele Carvalho de Araújo: Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas. Integrante do grupo de pesquisa **Multiletramentos no Ensino de Língua Portuguesa (MELP-CNPq)** e bolsista no projeto de extensão '**Formação inicial de professores - multiletramentos e possibilidades para (re) desenhar o futuro**' (UEMA/Campus Balsas).

E-mail para contato:

anielecarvalho19@gmail.com



Referências:

BARBOSA, Vânia Soares; ARAÚJO, Antonia Dilamar; ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. Multimodalidade e multiletramentos: análise de atividades de leitura em meio digital. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 16, p. 623-650, 2016.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem Online: textos e práticas digitais**. Tradução de Milton Camargo Mota. 1º Edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRISTOT, Paula Casagrande. **Análise da Representatividade das Personagens Femininas em Jogos Digitais Sob a Perspectiva da Narrativa**. 2021. 142 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Informação e Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação, Universidade Federal de Santa Catarina, Araranguá, 2021.

COSTA, Andréa Danuta Aguiar. **Murais Didáticos: caracterização e descrição**. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2012.

LEAL, Abnázia Pontes de Barros; NOGUEIRA, Marílio Salgado. **Redação: preparatório para o ENEM**. Fortaleza: SEDUC, 2018.

OLIVEIRA, Flávia Cristina Candido de. **Um estudo sobre a caracterização do gênero redação do ENEM**. 2016. 167 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2016.

PITTA, Roberta Rodrigues Rocha. **Os murais escolares na perspectiva da Lei 10.639/03**. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RADI, Blas. O que é tokenismo cissexista? **Revista Anfíbia**, San Martín, Província de Buenos Aires, Argentina, 30 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.revistaanfibia.com/que-es-tokenismo-cissexista/>> Acesso em: 06 jul. 2022.

RIBEIRO, Simone Beatriz Cordeiro; von BORSTEL, Clarice Nadir. A Expressividade Enunciativa do Adjetivo no Gênero Textual Dissertativo-Argumentativo. **Revista Línguas & Letras**, V. 11, nº 20, 2010, p. 167 - 188.

SANTOS, Dóris Dias dos. **Vozes de mulheres negras: da clandestinidade à contestação translocal**. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado em em Relações Internacionais) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal da Bahia, Salvador (BA), 2018.

VIEIRA, Josenia. A Multimodalidade nos Eventos de Letramento. In: VIEIRA, Josenia.; SILVESTRE, Carminda.; **Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social**. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.

CAPÍTULO

03

Ediléia da Silva Barbosa

Ellen Leite de Sousa

Luan Ribeiro Costa

Ana Patrícia Sá Martins

Identidade étnico-racial: caminhos para a construção da identidade negra nas relações raciais

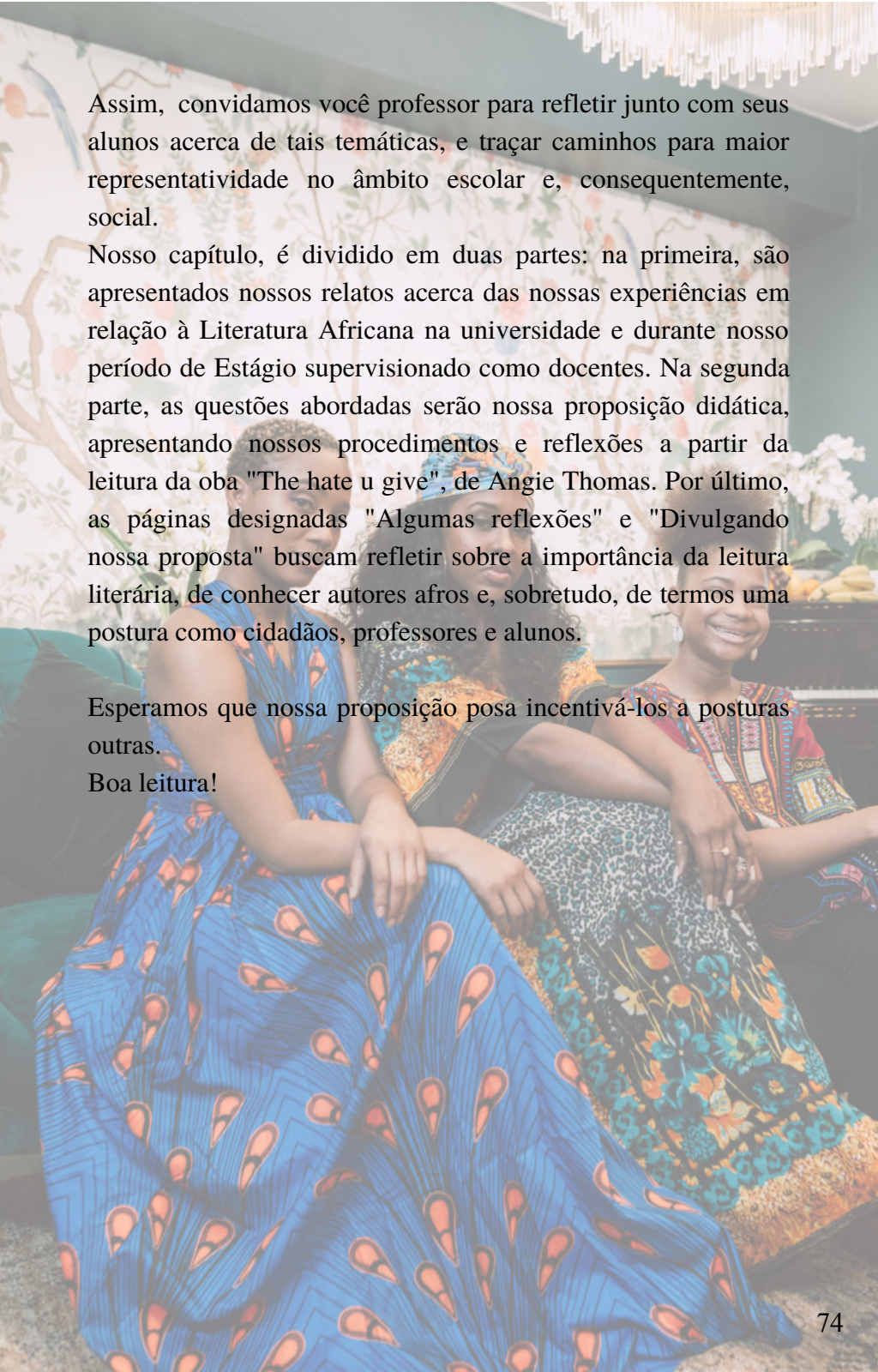


1. Introdução

"*Identidade étnico racial: caminhos para a construção da identidade negra nas relações raciais*", a partir desse tema buscamos refletir sobre a construção da identidade negra na sociedade e como as pessoas negras se sentem em relação aos estereótipos impostos pela sociedade.

Nosso objetivo é que a presente proposta didática possa incentivar o empoderamento de pessoas negras na sala de aula, a fim de que tenham domínio sobre sua própria vida e passem a se aceitarem e se amarem como realmente são. Assim, acreditamos que essa proposição possa contribuir na valorização da cultura e identidade afro, traçando caminhos para a aceitação racial e conscientização a respeito dos estereótipos raciais impostos pela sociedade.

Para tal, selecionamos a obra *The hate u give* (O ódio que você semeia) da escritora Angie Thomas. A referida obra é bastante impactante e realista, pois mostra a realidade das pessoas negras, onde vivem, como vivem, mostrando a violência entre eles e a violência policial, os abusos de poder, bem como a falta de justiça contra esses abusadores. A narrativa é cheia de ativismo, com posicionamentos que nos fazem refletir sobre as questões raciais e o ódio que semeiam às pessoas negras, denunciando o descaso que o poder político, em geral, tem com as causas do povo negro.

A photograph of three women sitting together, wearing vibrant, patterned African dresses. The woman on the left is wearing a blue dress with a peacock feather pattern. The woman in the middle is wearing a blue and orange patterned dress. The woman on the right is wearing a red and white patterned dress. They are all smiling and looking towards the camera. The background is a wall with a floral pattern and a chandelier hanging from the ceiling.

Assim, convidamos você professor para refletir junto com seus alunos acerca de tais temáticas, e traçar caminhos para maior representatividade no âmbito escolar e, conseqüentemente, social.

Nosso capítulo, é dividido em duas partes: na primeira, são apresentados nossos relatos acerca das nossas experiências em relação à Literatura Africana na universidade e durante nosso período de Estágio supervisionado como docentes. Na segunda parte, as questões abordadas serão nossa proposição didática, apresentando nossos procedimentos e reflexões a partir da leitura da obra "The hate u give", de Angie Thomas. Por último, as páginas designadas "Algumas reflexões" e "Divulgando nossa proposta" buscam refletir sobre a importância da leitura literária, de conhecer autores afros e, sobretudo, de termos uma postura como cidadãos, professores e alunos.

Esperamos que nossa proposição possa incentivá-los a posturas outras.

Boa leitura!

O ensino de relações étnico-raciais na formação do futuro professor, por *Ellen*

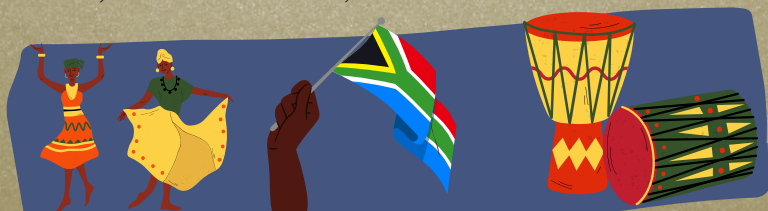
Leite de Sousa

Desde o início do curso de Letras até o período vigente, cursando o 7º período, não esperava me deparar com a disciplina de Literatura Africana, provavelmente por não ter tido um estudo prévio no meu ensino básico. Assim, fiquei apreensiva e ansiosa ao saber que teria essa disciplina na faculdade. O que eu sabia da África era pouco, ou, sem exagero, quase nada. As coisas que eu sabia eram coisas que eu ouvia de outras pessoas tais como: "Os africanos são todos negros", "Os Africanos vieram como escravos para o Brasil", "Lá na África é só miséria, eles passam fome". Essas frases estavam impregnadas na minha mente fazendo eu acreditar que essa história da África é única. TODOS são negros, TODOS vivem na miséria.

Após a disciplina, eu pude conhecer a realidade e estudá-las, ver a importância dessa Literatura para mim, como futura professora e também para o mundo.

O Estágio supervisionado foi uma etapa que me possibilitou colocar em prática a teoria aprendida na sala de aula. Sabemos que esse momento do curso de graduação é essencial, pois possibilita ao universitário conhecer mais a área em que pretende atuar. Nesta experiência, o aluno vê, de fato, a realidade e vivencia a situação na prática.

Ter uma formação para pontos como estudos afro e relações étnico-raciais é imprescindível para qualquer professor em processo de formação. A temática se mostra tão importante que há uma lei que obriga o ensino de história e cultura afro-brasileira, a lei nº 10.639/03, no ambiente escolar.



Os diversos casos de preconceito racial, racismo e problemas com a aceitação racial nas escolas nos convidam a pensar e refletir a respeito do processo de formação do futuro professor para as temáticas de posicionamentos antirracistas, discriminação, silenciamento, racismo, etc...

É necessário reconhecermos a importância desses povos para a formação do nosso país e sua relevância social.

Como essas questões estão sendo trabalhadas nas instituições?

É um bom questionamento.

Hoje, acredito que estou com a mente mais aberta para essa temática e sei o quão necessário e urgente é trabalhar não só com o ensino da história e cultura afro-brasileira, mas também conceitos e práticas antirracistas culturalmente situados.

Conhecer é o primeiro passo para a mudança! Assim como eu não esperava essa disciplina nem tinha tanto conhecimento a respeito do assunto, talvez você, colega (futuro) professor esteja hoje na situação em que eu me encontrava...

Confesso que através de toda a minha experiência como estudante e como estagiária eu presenciei a negligência e a falta de interesse por parte tanto de alguns professores como também dos alunos sobre essa temática. Percebi que existe, ainda, um processo de naturalização do discurso que faz com que sejam propagadas ideias de desvalorização dessa literatura. Mais do que nunca, hoje entendo que a escola é um espaço de diversidade, por isso introduzir livros afros de autores afro para leitura em sala de aula é um dos ótimos meios para potencializarmos o processo de ensino-aprendizagem a respeito do tema.

Esse ebook veio para despertá-lo sobre o assunto. Conhecer é o primeiro passo.




Minhas experiências e a construção da minha identidade, por *Edileia da Silva Barbosa*

As minhas expectativas ao realizar os estágios eram levar uma didática mais divertida que fizesse com que os alunos interagissem mais nas aulas, fazer com que aprendessem os conteúdos com dinâmicas, vídeos, filmes e também a partir dos conteúdos ensiná-los questões raciais e sociais sobre gênero, a serem mais respeitosos, tolerantes, não serem homofóbicos, racistas, machistas, e não praticarem *bullying*, como também ensiná-los a importância da educação na vida deles.

Com o "pós-pandemia", percebi que os alunos voltaram à sala de aula com bastante dificuldade e cansados mentalmente (acho que todo mundo), por isso tanto os alunos quanto os professores tiveram que se adaptar ao presencial novamente. Com a pandemia, as tecnologias digitais fizeram (mais) parte das aulas, e das nossas vidas. Foi necessários que professores e estagiários usassem as tecnologias para viabilizar suas aulas. Com o retorno presencial, ficamos um pouco perdidos, porque essas metodologias precisaram ser adaptadas, mas nem sempre sabíamos como...

Paralelo ao Estágio, estava cursando a disciplina de Literatura Africana na universidade, o que aguçou minhas expectativas em problematizar algumas temáticas junto aos meus alunos.



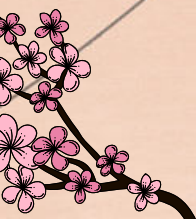


Minhas expectativas eram que, ao iniciar a disciplina de Literatura Africana, eu fosse apresentada à literatura produzida por pessoas afro, algo que não aconteceu durante minha vida estudantil nas escolas e também ainda não havia acontecido durante minha vida acadêmica.

Eu já via a importância de trabalhar a temática afro em sala de aula, mas com a disciplina de Literatura Africana pude ver ainda mais essa importância.

Com as discussões na disciplina de Literatura Africana, foram esclarecidas diversas questões relacionadas a temática afro, termos que não eu não tinha conhecimento, assuntos como pan-africanismo ampliaram meus conhecimentos. Pude conhecer existe coleções de livros infantis de autores afro com desenhos, livros para jovens de ensino fundamental e médio, com poemas, histórias dos povos negros angolano, moçambicano, com contexto histórico e glossário para entendermos algumas palavras e termos.

Os alunos que lerem livros de autores afro irão entender a cultura, os sentimentos, a história das pessoas afro, algumas pessoas se identificarão e pesquisarão mais sobre suas origens. Penso que, com algumas histórias de autores afro, os alunos negros em nossas salas de aula podem se aceitarem e valorizarem suas identidades, nos mais diversos aspectos, sejam eles físicos e/ou culturais.



Experiências na academia e para além dela enquanto professor em pré-serviço

por *Luan Ribeiro Costa*

Ao se pensar em Estágio supervisionado, muitos anseios nos rodeiam, questionamentos como: Serei capaz?, e se eu não conseguir?, como serão meus alunos?... Todos esses anseios vêm carregados pelo primeiro contato com a sala de aula, um frio na barriga atrelado a uma vontade imensa de “meter a mão na massa”. Grandes foram meus pensamentos em relação aos meus primeiros contatos com a docência, uma mistura de medo e desejo, mesmo assim o desejo superou o medo e a vontade de vencer falou mais alto.

No Estágio, no "pós pandemia", diversas foram as experiências, começando pela necessidade de se (re)inventar diante dos problemas causados pelo distanciamento social. Apesar dessa necessidade, pude perceber que houve o lado positivo para a maioria dos professores, pois os motivou (ou obrigou) ao contato com o mundo, ao meu ver, mágico das tecnologias, sendo capaz de adaptar para o novo e trazer para a sala de aula como ferramenta pedagógica, contribuindo significativamente com a educação contemporânea. A necessidade de buscar mais com certeza foi uma das maiores experiências que irei levar comigo sempre.

Sendo sincero, não esperava muito em relação à disciplina de Literatura africana, pois estava me baseando no meu ensino fundamental e médio, no qual não vi nada. Mas, a partir dela pude mudar minha concepção e entender melhor a história dos países africanos de Língua Portuguesa e seus grandes autores.

Essa disciplina foi essencial, pois, através das discussões e desconstruções de visões estereotipadas sobre a África e os africanos, pudemos promover diálogos entre experiências de vida e memória de escritores africanos, desde a colonização portuguesa até a contemporaneidade.

A temática afro, a partir da universidade, tem aberto minha visão em relação às pessoas pertencentes a este grupo, um vasto conhecimento foi enfatizado desde o início do curso de Letras, mas, percebi que, principalmente, na disciplina de Literatura africana, na qual pude conhecer de fato um pouco da história para além do que os livros didáticos no ensino fundamental e médio foram capaz de me proporcionar, autores ricos de conhecimento que trazem sua história a partir de suas vivências e experiências adquiridas sob um olhar de dentro.

É bastante necessária a presença de mais disciplinas como essa na formação de futuros professores, pois podemos nos espelhar para trazer o novo, fazendo uma quebra de paradigmas, como o preconceito racial enraizado nos livros didáticos e na sociedade. Para mim, professor em pré-serviço, foi de fundamental importância conhecer como posso trabalhar essa literatura, temas como: valorização da cultura afro, aceitação racial e estereótipos raciais serão vistos como obrigação enquanto docente, para incluir nas aulas ministradas, a fim de contribuir para uma transformação da sociedade.



2. Conhecendo a autora

Figura 1: Angie Thomas (Escritora, produtora, palestrante e ativista) segurando seu livro *The Hate U Give*



Fonte: "The Hate U Give" Is Getting a Prequel

Angie Thomas é norte-americana, nasceu e vive em Jackson no Mississippi. Foi *rapper* e teve forte relação com o Hip Hop, presenciando, inclusive, um tiroteio quando criança e isso a levou a escrever. Segundo a autora, não só esse incidente, mas toda sua indignação com as injustiças, mortes de pessoas negras sem motivo relevante e seu ativismo fez com que escrevesse sobre esses temas importantes para se debater, como violência, racismo, desigualdade social e racial.

Angie, na obra "O ódio que você semeia", cita Tupac Shakur. Ela se inspira muito nele, pois ouvia as músicas e se emocionava muito. Afirmou que pretende tocar as pessoas assim como as músicas dele tocavam e ainda tocam.

2. Conhecendo a obra

The Hate U Give (O ódio que você semeia)

A obra conta a história de uma menina chamada Star, a qual, por causa da violência do bairro onde mora com seus pais é matriculada em uma escola particular junto com seus irmãos Seven e Sekani. Na escola em que estuda, ela enfrenta algumas questões por namorar um garoto branco, preconceito e racismo, e questões consigo mesma por tentar ser o que não é. Star vê uma amiga ser morta na frente dela quando era criança e quando se torna jovem vê seu amigo Kahlil ser morto.

Com a morte da amiga, ela se cala por ser uma criança e por medo, pois viu quem matou a amiga, mas teve medo de contar. Com a morte de Kahlil, ela não queria que acontecesse o mesmo, então, cansada de tanto racismo, falta de justiça e abuso de poder, decide testemunhar contra o policial que matou Kahlil para que ele fosse devidamente punido.

Os personagens principais são: Star (ela defende as causas raciais e é uma ativista); Maverik, pai de Star (ativista), Mãe de Star, Seven (irmão de Star), Sekani (irmão de Star), Devante vizinho de Star (o pai de Star “salva” ele), (no final Devante usa sua voz para o bem), Chris, namorado de Star, Ofra, personagem muito importante na obra (ativista, advogada, ela diz que a voz das pessoas negras é uma arma, ela incentiva Star e Devante a usarem suas armas).

Na obra, é citado Tupac.

Para conhecer mais sobre Tupac, assista esse vídeo que conta sua história:



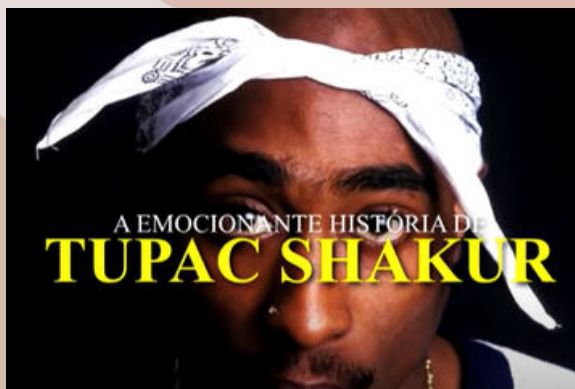
[clique aqui para assistir ao vídeo](#)

Figura 2: O cantor Tupac

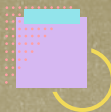


Fonte:

<https://www.geledes.org.br/policia-reabre-caso-sobre-morte-de-tupac-apos-confissao-de-suspeito/?amp=1>
acesso em 24 de junho de 2022



3. A leitura literária:



3.1 Figuras de linguagem

As figuras de linguagem, de acordo com Celso Cunha, professor, filólogo e ensaísta, são também de figuras de estilo, devido elas fazerem parte da Estilística, podendo ser classificadas em figuras de palavras, de sintaxe e de pensamento. Segundo o estudioso, é a alteração de sentido de uma palavra ou expressão. Assim, são recursos estilísticos da língua que dão mais ênfase à comunicação. No livro “O ódio que você semeia”, de Angie Thomas, há a presença das figuras onomatopeia, comparação, ironia, hipérbole...

Onomatopeia: é uma figura de linguagem que representa sons ou ruídos que ouvimos. Podem ser usadas para imitar o som emitido por alguns objetos, animais ou fenômenos da natureza. Por exemplo: *buáá*, que representa choro, *tic tac*, que representa o som do relógio, etc.

Um exemplo disso se encontra na
página 16 do livro:

"Pop! Um tiro soa. Eu me abaixo.
Pop! Um segundo tiro. As pessoas
correm para a porta, o que leva a mais
palavrões e brigas. [...]"

Comparação: é uma figura que, como o nome já diz, serve para comparar dois ou mais termos, utilizando-se de palavras de conexão, tais como *parecia*, *tal*, *como*, *qual*, etc.

Na página 17: [...] " Não é exagerado como o carro de alguns caras. Não vi o carro nas rodas quando entrei e o couro do banco está rachado."



Ironia: é uma figura de linguagem bastante conhecida, na qual se utiliza palavras com seu sentido oposto ao se expressar.

A frase na página 14 do livro: "— Eu ando ocupado. Obviamente. Os tênis Jordan novinhos, a camiseta branquinha, os diamantes nas orelhas. Quando você cresce em Garden Heights, sabe o que “*ocupado*” quer dizer de verdade.



Hipérbole: é uma figura que representa o exagero intencional do enunciador, como, por exemplo, quando alguém diz que está *morrendo de saudades*.



Exemplo na página 24 do livro:
"Uma hora atrás, estávamos rindo e *matando as saudades*. Agora, o sangue dele..."

3.2 Oralidade na narrativa

A linguagem utilizada por Angie Thomas é clara, direta e coloquial, com forte presença da oralidade, com a presença de gírias e, até mesmo, alguns palavrões, se aproximando ao mundo em que suas personagens vivem.

3.3 Tipos de narrador

Os tipos de narrador representam o ponto de vista na história narrada. Gérard Genette distingue três tipos de narrador: 1) o narrador pode saber mais do que os personagens; 2) o narrador pode ser um personagem, narrando em primeira pessoa, e 3) o narrador também pode ser como um observador distante que descreve o que vê, mas ignora o que eles pensam e objetivam. Nesta obra, ela possui o narrador do tipo personagem, em que o foco narrativo é apresentado na 1ª pessoa do discurso e o narrador participa das ações da história narrada. Assim, Starr, a personagem principal do livro, conta a história como também participa.

4. Temática do projeto didático: Diversidade e Representatividade

(Re)descobrimo a representativa negra na sociedade

Propomos a presente temática com o objetivo de incitar o debate e o respeito acerca da valorização da identidade negra na sociedade. Por meio da intertextualidade entre livros de natureza afro e notícias, relatos reais exibidos pela mídia e/ou noticiários com fragmentos do livro "O ódio que você semeia", de Angie Thomas, você, professor, pode discutir acerca da identidade negra nas relações raciais da sociedade.

Questões como: Como o negro é visto na sociedade? Como funciona o sistema social em relação às pessoas negras? As pessoas negras nas relações raciais brasileiras realmente se sentem aceitas e de bem consigo mesmas? podem ser o preâmbulo nas discussões que propusermos nas rodas de conversas com nossos alunos.

Para que concretize esse projeto, é necessário que você, professor, leia o livro e utilize fragmentos que trabalham a identidade, passagens contidas nas páginas 52, 55, 63, 68 são alguns bons exemplos onde a personagem, Starr, enfrenta desafios com sua identidade na sociedade que "semeia" preconceito e racismo.

Essa temática é essencial e pertinente nos dias atuais, o processo para essa representativa se mostra desafiadora devido aos estereótipos, ao preconceito racial e ao percurso histórico que influenciam também a insegurança e a negação. Segundo Ferreira e Mattos (2007), apesar de os negros serem personagens fundamentais na construção e desenvolvimento de nosso país, houve um processo de desqualificação sistemática deles. Segundo os autores, criam-se referências de natureza física, intelectual e sociais associadas a essas pessoas negras e esse processo leva -os a vivenciarem situações de humilhação e desprestígio social. Assim, é necessário ampliarmos a nossa visão para além do negro escravo, reconhecer e (re) descobrir a representatividade negra na sociedade. Vê-los além disso é reconhecê-los em diversos segmentos, como literatura, música, religião, medicina, etc.

Dessa forma, por meio dessa abordagem, o aluno poderá aprender a valorizar e a (re)conhecer a influência desses povos, num processo de aceitação da sua descendência como também de se orgulhar dela.



5. Conhecendo os gêneros

Considerando nossa proposta de projeto, a partir da temática Diversidade e Representatividade, selecionamos o gênero artigo de opinião, o qual é um tipo de gênero textual dissertativo-argumentativo, no qual o autor defende seu ponto de vista por meio de argumentos, se baseando em dados confiáveis, como nos afirma Daniela Diana, professora licenciada em Letras.

As principais características desse gênero são: uso da 1ª ou 3ª pessoa verbal; defesa de um ponto de vista, pautado em argumentos que visam persuadir o leitor; a autoria é identificada; são, em geral, produções veiculadas nos meios de comunicação; possuem uma linguagem simples; aborda temas da atualidade; possuem títulos polêmicos e provocativos; contém verbos no presente e no imperativo.

O gênero artigo de opinião possui uma estrutura que é introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, o autor irá abordar o tema, no desenvolvimento irá argumentar e expor sua opinião e, por fim, na conclusão, finalizará trazendo ideias que solucionem o problema sobre o tema proposto. Para fazer o texto, é preciso escolher e definir um tema

Abaixo, encontra-se um exemplo de artigo de opinião, para entender melhor esse gênero e suas características

Perdas de R\$ 267 bilhões por ano. Esse é o impacto dos congestionamentos de trânsito na economia brasileira, segundo pesquisa divulgada no Summit Mobilidade Urbana 2019, em São Paulo. Além disso, o estudo mostrou que o brasileiro gasta, em média, 1h20 por



Embasado em dados e pesquisas

dia para se deslocar para as atividades principais. Esse número pode chegar a 2h07 para que se cumpram todos os deslocamentos diários, o que resulta em 32 dias gastos por ano no trânsito. Ou seja, um mês perdido em engarrafamentos. A mobilidade urbana é realmente um dos maiores problemas do Brasil e afeta, inclusive, a democratização do uso de espaços e o acesso a oportunidades.

➔ Argumentação



Um problema de longa data que não vislumbra solução em um curto ou médio prazo. Mobilidade urbana é um tema constantemente discutido no Brasil. A maioria das grandes cidades sofre com graves problemas de transporte e enfrentam desafios em promover meios de diminuir o impacto do trânsito no dia a dia da população. Uma das causas do aumento de engarrafamentos é bem óbvia: temos mais carros nas ruas. Governos passados investiram no desenvolvimento da indústria automobilística, facilitando o acesso a veículos particulares, o que deixou as vias públicas sobrecarregadas. Na contramão, não houve – e continua sem haver – programas de incentivo ao transporte público, coletivo, mais econômico.



➔ Argumentação

Para explicitar o contrassenso, basta ver diversas cidades pelo mundo, em que o transporte público é prioridade, os ônibus e metrô são de boa qualidade e as pessoas se locomovem com facilidade; enquanto aqui, pelo contrário, os coletivos têm o estigma de serem transportes para as faixas mais baixas da sociedade. Também pudera: infraestrutura inadequada, veículos velhos, malha de atendimento ainda restrita, tudo isso dificulta o uso desses modais como prioridade pela população. Grande parte dessa realidade vem da falta de interesse governamental em estabelecer programas de desenvolvimento que contemplem a mobilidade urbana sustentável.

Um bom sistema de mobilidade urbana também tem seu viés de democratização do espaço público. O modelo centro-periferia que predomina no Brasil dificulta a vida dos que vivem nas áreas mais distantes, e isto somado à falta de uma infraestrutura de transporte reforça a segregação social. O bem-estar e a qualidade de vida também são muito influenciados pelo trânsito. Essa é uma problemática que não passa apenas pela mobilidade, mas pela própria ocupação do espaço urbano



Defesa de seu
ponto de
vista

Trecho de artigo de opinião
escrito por Janguê Diniz,
Presidente do Conselho de
Administração do grupo Ser
Educativo. Publicado no
Diário de Pernambuco,
04/10/2019.

6. Desenvolvimento do Projeto

6.1 A leitura literária

A leitura literária no ensino médio é, sem dúvida, muito importante para os alunos. Os textos literários promovem um encontro especial com a leitura, pois através da exposição à literatura os alunos descobrem a natureza multifacetada da língua e são expostos a diferentes aspectos da língua portuguesa. Acreditamos que quanto maior a variedade na leitura de obras literárias, mais serão as experiências aos alunos.

Assim, sugerimos que você, professor, solicite, inicialmente, que cada aluno leia a obra, para, só depois, promover espaços de diálogos coletivos quanto às impressões acerca do livro e das temáticas que ele aborda. Uma estratégia pode ser estipular uma meta de X capítulos por semana, criando um cronograma, tendo o objetivo de mantê-los alinhados. Nesse processo, podem ser realizadas rodas de conversas semanais, com roteiros de questionamentos sobre a narrativa. Além disso, você, professor, pode apresentar uma sinopse da sequência dos capítulos visados para a semana seguinte, o que pode deixar os alunos mais instigados.

É muito importante frisar que tentemos trazer essa leitura para as práticas sociais dos alunos, facilitando assim a compreensão acerca das concepções que buscamos enquanto docente. A leitura e a prática social são componentes importantes da ação escolar, e a necessidade de melhorar sistematicamente os conhecimentos linguísticos ajuda os alunos a interagirem em diferentes contextos sociais.



É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas na sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas,

discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. (PCN, 1998, p. 29).

A disponibilização da obra deve ser de fato fácil, para não desanimar a leitura logo no começo, o link a seguir leva você direto para o livro. Está disponível também através do QR code abaixo, para alguns celulares basta apontar a câmera que será direcionado diretamente para o livro.

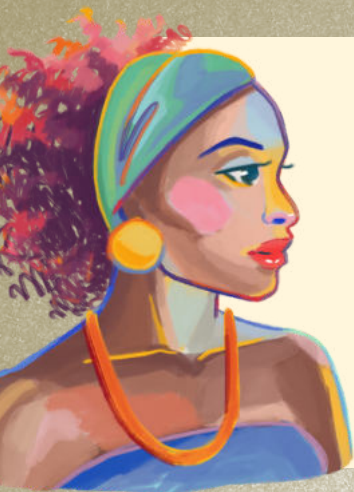
<https://lelivros.love/book/baixar-livro-o-odio-que-voce-semeia-angie-thomas-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/>



6.2 Discussão a partir de fragmentos

Pensando em lado mais prático para fazer uma discussão coletiva em sala de aula, nossa sugestão é uma leitura com fragmentos do livro, essa discussão deve passar pelas principais temáticas presente na narrativa. Devemos instigar os alunos a imaginar o que a personagem Star, protagonista na obra, vivenciou durante sua vida. A forma de abordagem desses trechos deve chamar a atenção dos alunos, a fim de que eles possam também levantarem problemáticas acerca das situações vivenciadas pela personagem e relacionando com situações ocorridas em sociedade, inclusive com episódios veiculados pela mídia ou vivenciados por eles.

Na obra *O ódio que você semeia*, há várias temáticas que podem ser abordadas em sala de aula, e favorecer discussões quanto a situações vividas por pessoas negras. Uma temática em especial pode ser a falta (ou baixa) aceitação identitária entre afrodescendentes, além dos casos de preconceito exacerbado.




Não caçamos pretos, no meio da rua, a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. A vida do preto brasileiro é toda tecida de humilhações. Nós tratamos com uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós, dia e noite. (Nelson Rodrigues, 1957)

Essa citação de Néelson Rodrigues, quando se trata de questões raciais no Brasil, é muito chocante e reveladora. O fato de o país não ter uma política segregacionista entre brancos e negros como outros países como Estados Unidos e África do Sul leva a crer que no Brasil todas as raças convivem de forma amigável e respeitosa, uma visão curvada, infelizmente. Se há racismo em nosso país, as pessoas tendem a acreditar que é específico, na esfera privada, não na esfera pública. Na verdade, falar sobre raça no Brasil não faz sentido para a maioria das pessoas porque não faz parte de uma boa linguagem e não é considerado educado. No entanto, o racismo no Brasil é um fenômeno complexo, de difícil compreensão e enfrentamento.

Há vários trechos na narrativa que nos conduzem a uma discussão a partir de situações que ocorreram na obra em relação a própria aceitação da Star. Ela aparece na obra com dupla personalidade em prol de se sentir bem, porém a verdade é que essa sociedade precisa aceitar melhor as pessoas, afinal, é muito difícil se aceitar e se valorizar identitariamente com o mundo ao seu redor inteiro dizendo não para sua verdade.

Dica: deixamos a cereja do bolo sempre para o final, não é? Dessa vez ela será após as discussões com os fragmentos. Para fixar melhor, antes da produção por parte dos alunos, a obra está disponível também no mundo mágico dos cinema, um filme que retrata a realidade de uma jovem de 16 anos que vive várias situações desconfortáveis, a principal delas é obrigada a testemunhar a morte do seu melhor amigo morto por um policial branco.

6.3 Para além da obra: pesquisa com fatos reais



A pesquisa é de suma importância e um elemento de construção de conhecimento. Através dessa ação, o aluno aguça sua curiosidade e tem a possibilidade de descobrir coisas novas, compreendendo-as, ampliando a visão do abordado em sala de aula, por exemplo. A prática da pesquisa no ensino médio tem por objetivo o desenvolvimento e aprimoramento da curiosidade e o anseio de busca de respostas que levará o jovem a traçar novos caminhos na construção do conhecimento. Assim, a pesquisa visa formar temas curiosos sobre o que está acontecendo no mundo, pois, por meio dessa busca, o conhecimento será construído pelos próprios alunos.

Desse modo, nessa etapa do projeto, propomos ao professor que organize a turma em equipes de trabalho, as quais poderão buscar em livros, revistas e plataformas digitais situações que ocorrem no nosso país e no mundo a fora em relação a violência contra os negros, principalmente em um espaço mais delimitado como estado ou até mesmo cidade. O objetivo da pesquisa é aprimorar os conhecimentos e perceber que a narrativa em “*O ódio que você semeia*” não está tão distante da realidade, e que devemos nos atentar para que possamos quebrar os paradigmas que nos rodeiam. Essa pesquisa também pode incluir movimentos que foram gerados por conta dessa injúria racial. Sugerimos que cada equipe de trabalho possa produzir um dossiê (digital, num drive, ou manual, com recortes e colagens) para disponibilizar a todo o grupo no final do projeto.

Uma dos mais recentes movimentos se chama “The Black Lives matter”. Ele foi enfatizado no ano de 2020, após a morte George Perry Floyd Jr., um afro-americano assassinado em Minneapolis, estrangulado pelo policial branco Derek Chauvin, que ajoelhou em seu pescoço até levá-lo à morte. A verdade é que o movimento existe desde 2013, está sendo visto só agora com o avanço da tecnologia. Saiba mais no link ou QR code ao lado.



<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm>



6.4 Produção do artigo de opinião

O gênero textual “artigo de opinião” apresenta um importante papel no meio social, pois traz uma forma de interagir entre o autor e os leitores de jornais e revistas impressas e de circulação online. Usar, portanto, esse gênero nas aulas, sobretudo de Língua portuguesa, pode ser um caminho para alcançar com maior eficácia os objetivos no trabalho com a escrita argumentativa, por exemplo. É com o uso do texto que se estabelece a comunicação, surge novas ideias e pontos de vista, fortalecendo um melhor entendimento da sociedade e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento das relações que nela se estabelecem.

Para produzir um artigo de opinião, como se sabe, é necessário conhecimento sobre o assunto. E a ideia é que nesta etapa os alunos já tenham adquirido uma considerada bagagem sobre a temática visada no projeto - Diversidade e Representatividade. Assim, sugerimos ao professor que retome, explicando as estruturas linguísticas básicas deste gênero textual e solicitando a produção do mesmo, de forma individual ou coletiva.

6.5 Divulgando a produção dos alunos

É de suma importância que a produção dos alunos circulem além dos muros da escola. Por isso, sugerimos que, após a versão inicial dos artigos, o professor se reúna particularmente com cada equipe, mediando as adequações linguísticas para uma reescrita e entrega da versão final.

Esta versão final, por sua vez, pode ser digitada e disponibilizada via link em mídias digitais criadas pelos próprios alunos, como também impressas e anexadas a um mural confeccionado coletivamente por eles e afixado nas áreas de vivência da escola para acesso ao maior número de leitores possível.

7. Algumas reflexões:

A partir do livro o ódio que você semeia, percebemos a importância de discutir a identidade e representatividade negra na sociedade em que estamos inseridos, uma vez que observamos que as relações raciais ainda se apresentam de forma segregacionista, colocando os negros num patamar de desprestígio social. A leitura dessa obra vem como uma ruptura de pensamento, é uma obra atemporal, pois não importa quando lerá, o assunto é necessário e pertinente. Assim como essa obra, a leitura de livros de outros autores afro também é uma iniciativa para conhecer a história em uma outra perspectiva e como eles retomam sua integridade enquanto seres humanos, sendo protagonistas e rompendo o círculo vicioso do racismo, através do conhecimento e da leitura, direcionando à educação antirracista. Os livros é um dos meios de propagação do conhecimento e desmistificação de falácias. O conhecimento abre as portas para a empatia, respeito e tolerância. Dessa forma, é necessário conhecermos esse componente de estudo que pouco se fala nas escolas e comunidade, é necessário conhecermos para não cairmos no erro de estereótipos e repasse de informações que recebemos de outros sem base. Sendo assim, tenhamos uma postura de não aos preconceitos étnico-raciais.



Qual o sentido de ter voz se você vai ficar em silêncio nos momentos que não deveria?

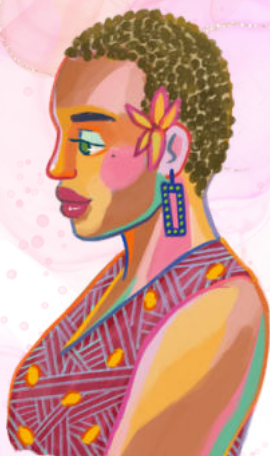
-O ódio que você semeia

**BLACK
LIVES
MATTER**

Divulgando nossa proposta:

Esse projeto didático busca fazer uma quebra de paradigmas em relação ao ensino de literatura afro nas escolas e a forma como ela é abordada, além de tratar de assuntos não comumente pautados na sala de aula, como a identidade racial, tema central desse projeto. Através da obra *O ódio que você semeia*, visamos neste capítulo propor a abordagem de temáticas afro, para além de temas que estão nos livros didáticos, sendo assim uma forma de reformular o ensino de literatura e mostrar culturas africanas que merecem uma melhor abordagem.

Por muitos anos essas culturas ficaram apagadas e deixadas de lado. Uma riqueza de escrita que poderia ser a chave para a quebra do preconceito racial. Assim, se inspire, adequue e coloque em prática nossa proposição em sua aula de aula, amigo, professor!



REFERÊNCIAS:

ARRUDA, Jéssica. Black lives matter: **entenda movimento por trás da hashtag que mobiliza os atos**. UOL Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm>>. Acesso em: 24 de Jun. de 2022.

BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: LÍNGUA PORTUGUESA. Brasília: 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> Acesso em: 24 de junho de 2022.

FERREIRA, R. F., & MATTOS, R. M. O afrobrasileiro e o debate sobre o sistema de cotas: um enfoque psicossocial. **Psicologia: ciência e profissão**, 27(1), 2007, p. 46-63.

NASCIMENTO, Abdias (Org.). **Teatro Experimental do Negro**: Testemunhos. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

O QUE É AFRICA?. Flávio Muniz. **Youtube** 21 de ago. De 2020. 8min25seg. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=aliWAjWYiHE>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

SOUSA, Rafaela. **África**. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/africa-continente.htm>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

THEODORO, Juliana. **7 exemplos de artigo de opinião para entender este gênero textual**. Significados. disponível em:

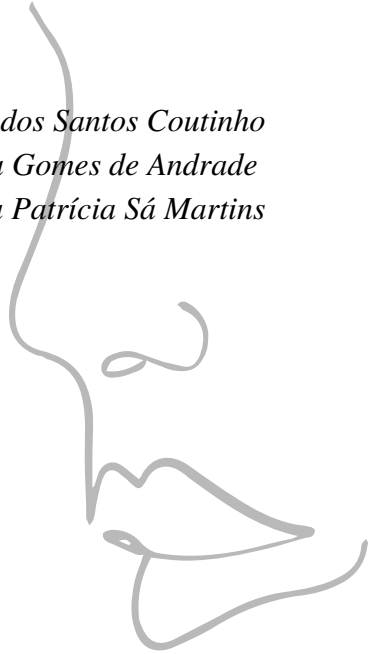
<https://www.significados.com.br/exemplos-de-artigo-de-opinioao/> Acesso em: 03 de jul. de 2022.

THOMAS, Angie. **O ódio que você semeia** [recurso eletrônico], tradução Regiane Winarski. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Galera, 2017.

CAPÍTULO

04

Alexsandro dos Santos Coutinho
Ana Flávia Gomes de Andrade
Ana Patrícia Sá Martins



QUEM FALA?

"O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir".

Djamila Ribeiro



Desafios acadêmicos: o processo por um propósito, por *Alexsandro Coutinho*

Diante do contexto educacional do nosso país e pelas circunstâncias do período pandêmico que estávamos enfrentando desde o ano de 2020, iniciar a disciplina de Estágio Supervisionado era um desafio, em que me sentia totalmente despreparado, mas curioso para saber como seria aquele processo. Não sabíamos se seria presencial ou *online*, mas estávamos prontos ou quase prontos para começar. Discutir esse primeiro passo foi fundamental, cada um com a sua realidade, no lugar onde estava, buscando uma forma com que esse momento acontecesse.

Ali percebi a mudança significativa na educação, no sistema de ensino, como tivemos que nos adaptar e ressignificar nossa didática para encontrarmos soluções para tantas dificuldades. Estávamos em um momento de mudanças e o que foi estigmatizado pela sociedade como ser Professor ficou muito para trás, pois há muito tempo não era necessária uma formação básica para que fosse possível ensinar, porém hoje é necessário não apenas ter uma formação básica, mas é imprescindível que o Professor busque cada vez mais se especializar, se adaptar, se modificar, buscar e não só apenas ensinar conteúdos. A sala de aula tornou-se um lugar de grandes desafios, ainda mais quando você é professor em formação, apenas um estagiário nesse mundo sem limite que é a sala de aula, encontrar métodos, didáticas de ensino, ferramentas que te auxiliem é fundamental para o seu crescimento e desenvolvimento em sala.

As minhas experiências durante esse processo me fizeram repensar muitas coisas, questionar muitos métodos, e vi que na prática é que percebemos o quão falho somos, e o quanto precisamos buscar cada vez mais ~~sair do cotidiano~~ no qual estamos acostumados.

Percebi que vale de tudo para tentar ser um pouquinho melhor a cada dia, mas sem perder o foco da sala de aula. Sabemos que o profissional de educação necessita ser capaz de atuar diante das várias condições de trabalho, visto a precariedade na estrutura escolar, na parte pedagógica e no interesse e motivação de suas salas de aulas, porém o Professor necessita, mesmo diante dessa realidade, refletir sobre a sua atuação e sempre analisar o seu fazer pedagógico. Durante e pós pandemia, a minha experiência de estágio foi presencial, sempre tendo o contato com os alunos, mas as sequelas desse período pandêmico são evidentes: os alunos encontram-se cansados, perdidos, exaustos, assim como os professores também, acredito que todos, mas é no trabalho contínuo que iremos mudar tal situação. "A esperança não morre e as expectativas continuam", foi o que pensei quando iniciamos a disciplina de Literatura Africana. Estava ansioso, esperando e especulando tudo o que poderíamos ver durante essa disciplina, assim como a disciplina de Prática Curricular.

Enxerguei na disciplina de Literatura Africana a oportunidade para que pudéssemos abordar assuntos como negritude, cultura, racismo, assuntos sociais, pois sei da importância de tais debates na minha formação como professor, e a importância da mesma para o curso de Letras. Sua contribuição indispensável na minha atuação como futuro professor e homem negro. Como trabalhar, como buscar, como auxiliar meus alunos na sua formação identitária, no seu desenvolver crítico, na sua visão para com a sociedade. Inserir no processo de ensino aprendizagem o estudo de da literatura afro, desenvolver a leitura de autores afro, para que esses alunos tenham conhecimento dos seus, para que todos conheçam uma história além da escravidão, para que cresçam desde a infância com representatividade, autoconhecimento e a confiança, principalmente em crianças pretas.

Acredito, então, que é nesse processo que devemos, enquanto professores, nortear a visão de mundo dos alunos (e a nossa), buscar espaços de diversidade dentro da escola, refletir sobre assuntos sociais, políticos e culturais, debater sobre as relações étnicos-raciais, pois é um desafio desconstruir preconceitos e esteriótipos, mas é através da educação que podemos buscar por essa melhoria, a luta por uma educação que valorize a história de cada povo.



A universidade e as experiências didáticas: relatos, *por Ana Flávia*

Antes mesmo de debater dentro da sala de aula como acadêmica e aluna na disciplina de Estágio supervisionado no curso de Letras, soube que não seria fácil, comparando com as experiências de outros estagiários no período em que passei pela escola como aluna, mas a teoria abrilhanta de forma significativa nossas convicções de mudança e desenvolvimento, as mudanças descritas teoricamente dentro da educação fazem com que possamos ter mais ideias embasadas nas formas de abordagens.

Tive a oportunidade de estagiar apenas no período de pós-pandemia e foi notável o desinteresse na aprendizagem dos alunos, doenças comumente detectadas hoje como mal do século por perdas irreparáveis, comportamentos que mostram como esse período de pandemia modificou o comportamento dos alunos, e junto com eles a forma de lidar dentro da sala de aula e saber ministrar uma aula que desperte a curiosidade em saber mais sobre o que está sendo abordado.

Paralelo ao Estágio, cursei também a disciplina de Literatura africana. Minha expectativa dentro desta disciplina era exatamente saber mais sobre culturas e povos sobre os quais pouco ouvi falar durante minha formação escolar.

As possibilidades de decepcionar eram inexistentes por saber quem iria ministrar as aulas, falo isso mas também com o pensamento sempre nas discussões propostas, sobre relatos de vivências pelos meus colegas e professora, pela abordagem dos temas propostos, principalmente sabendo do tamanho da responsabilidade que é falar sobre a história de um povo cujo

os recursos são menores a responsabilidade de falar e saber escutar.

A intenção de cada tema proposto, a forma de abordagem por meios de métodos diferenciados, todos vivenciados anteriormente com a mesma Professora Ana Patrícia sempre com modificações que nos faz prender atenção no assunto. Hoje, aprendemos a fazer menção do passado com coisas que infelizmente ainda acontecem no nosso presente, mas podem continuar a se modificar positivamente, a expectativa era não fugir do assunto que realmente importa, partir do princípio que ainda não é tão levado em consideração e aprender mais sobre os espaços que temos, de onde viemos e o que fazemos para ressignificar nossa história pessoal e nossa luta coletiva.

Minha dificuldade foi voltar ao formato "original" usado antes da pandemia, pois tive dificuldade com relação à socialização, interação, absorção de conteúdos e fixá-los na memória, além da saúde mental dentro do campus e me adequar às propostas que foram abordadas, afinal, quase tudo que é recompensador gera custos e sacrifícios.

O Estágio supervisionado foi desafiador no sentido de identidade, pois foi a minha primeira experiência e tive que me encontrar para saber usar isso a favor para/com os alunos dentro da sala de aula. Tivemos a oportunidade de falar sobre as vivências, relatar experiências individuais, assistir depoimentos, entrevistas, leituras de artigos, tudo sempre discutido na sala de aula. Dentro curso, pude entender a dimensão dos problemas, o que um comportamento, uma fala, um gesto pode reprimir e influenciar dentro da convivência com pessoas que estão a minha volta, como o diálogo e a disponibilidade em ouvir e entender que o que o outro fala pode fazer sentido dentro do olhar de empatia.

Nossas aprendizagens mudam e passam por transformações e em grande maioria, devo dizer, são essenciais, assim como falar sobre o que se vive, não apenas historicamente, mas fazer uso pessoal da aprendizagem, levando em conta o que se pode aproveitar para relatar no formato de conscientização coletiva. Tive o privilégio de abordar alunos com relação a falas preconceituosas, pude entender o poder e a possibilidade de passar o que aprende, de conscientizar uma outra geração a fazer diferente do que foi vivido por outros momentos da história, entender a importância de usar pequenas falas problemáticas em conscientização e responsabilidade para com o outro.

Acredito que nossas identidades falam através do nosso comportamento e é especialmente nesse sentido que descobrimos como vamos reagir dentro das nossas práticas e pode usar um pouco da teoria dentro da nossa vivência como profissional e ser humano testifica muito mais e reforça aquilo que somos e podemos ser diante dessa transição. A melhor maneira de fazer o outro enxergar aquilo que queremos passar é viver aquilo que falamos e suavizar a rigidez das palavras dentro dos ato no cotidiano, por isso quero abordar temas que são usados na maioria das vezes apenas para totalizar uma grade curricular e começar referencia-las dentro da sala, com e para o outro.

Conhecendo a Autora

Djamila Tais Ribeiro dos Santos, mulher negra, feminista, militante, filósofa, ativista social e professora, são tantos adjetivos que nenhum define de fato quem é essa figura tão importante no combate à desigualdade social e ao racismo. Djamila é atualmente umas das mais importantes vozes em defesa das mulheres e negros. Seu livro “O pequeno manual antirracista” aborda o racismo estrutural impregnado no Brasil, e foi vencedor do prêmio Jabuti. (O Prêmio Jabuti é o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro).

A ativista nasceu em Santos, São Paulo, no dia 1 de agosto de 1980. Desde sua infância, Djamila já tinha contato com esse mundo de debate político. Sua primeira formação política foi ao lado do seu pai, que era um ativista do movimento negro. Militante, Joaquim José Ribeiro dos Santos ajudou a fundar o Movimento Comunista em Santos, e levou os filhos a muitos desses encontros.

Portanto, sempre se fez presente a questão de debates raciais na vida e na criação de Djamila. Uma verdadeira guerreira na luta pelos direitos do povo preto no Brasil.



Google imagens.

Leia mais sobre sua biografia
clicando em:

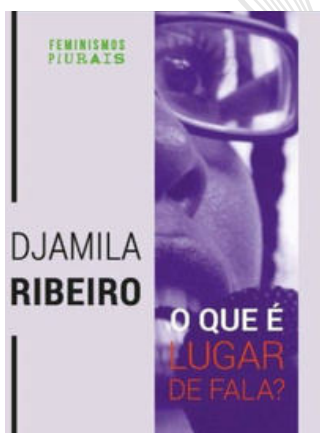
[https://www.google.com/amp/s/
www.ebiografia.com/djamila_ri
beiro/amp/](https://www.google.com/amp/s/www.ebiografia.com/djamila_ribeiro/amp/)



Apresentando a Obra

Manifestar a importância do reconhecimento da multiplicidade de vozes, trabalhando a ampla visão dentro de uma história, a obra “O que é lugar de fala?”, organizada por Djamila Ribeiro, faz o questionamento de quem tem direito à voz numa sociedade que tem como norma a branquitude, a masculinidade e a heterossexualidade. O debate se faz importante para desestabilizar as normas vigentes e trazer a importância de se pensar no rompimento de uma voz única com o objetivo de propiciar uma pluralidade.

Ao analisarmos a atual situação da sociedade brasileira, vemos que as minorias (grupos mais marginalizados) tendem a ocupar menos espaço, sendo assim menos representados, mais oprimidos e conseqüentemente silenciados. Djamila aborda essa temática para que possamos refletir sobre a sociedade, saberes e vozes, para que possamos compreender e combater a desigualdade sofrida por esses grupos, para que não sejam tratados de modo inferior, nem que as suas condições estruturais os mantenham em um lugar silenciado.



É notória a importância da abordagem que autora faz na obra, o debate sobre o racismo, homofobia, machismo, a sua colocação sobre a fala, a importância que se dá a vivência, o preconceito do outro que afeta diretamente a quem é ofendido, que conseqüentemente não encontra espaços de fala sobre o que vive e o que se sente!

Google imagens.

É interessante colocar que o título da obra automaticamente nos traz para uma esfera que parece muito única, quando na verdade se entrelaça em várias vias, que, com o passar do tempo, na busca por conhecimento por meio da leitura e aprendizagem sobre histórias reais, perpassam anos após anos, com pequenas modificações revolucionárias, e se desenvolve na busca de espaço e voz. O racismo não se retém apenas ao preconceito de cor, mas aos espaços limitados e permitidos para qualquer gênero, função, oportunidade, liberdade de expressão, poder de fala e a possibilidade de ser ouvido e entendido por aquilo que se deseja externar.

A ideia da obra *Lugar de fala* tem como objetivo oferecer essa visibilidade a sujeitos e minorias, cujos pensamentos por anos foram desconsiderados. De tal maneira, ao tratarmos de assuntos específicos a um grupo, como homofobia e transfobia, racismo, machismo, pessoas negras e mulheres possuem, respectivamente famosos sobre lugar de fala. Uma visão que pessoas brancas e homens héteros cis podem não ter. Passamos a fala para essas pessoas que realmente vivenciam aquela realidade. Mas não, necessariamente, significa que não fazer parte quer dizer não poder falar sobre, entendem? Não fazer parte de uma grupo não te isenta de expressar sua opinião, é nesse momento que devemos abrir o espaço para debate, para conhecimento, para aprender, repensar, entender e respeitar todas as lutas e dores que aquele grupo a tanto tempo grita tentando ser ouvido, na busca pela compreensão.

Para ler a obra completa acesse:


<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2019/08/ribeiro-o-que-ecc81-lugar-de-fala.pdf>




Leitura Literária: Linguagem na obra, espaço e tempo

A obra *Lugar de fala* é parte da coleção Feminismo no Plural, e seu grande objetivo é proporcionar debates e discussões acerca de temas que circundam a nossa sociedade, questões importantes referentes as diversas lutas de diferentes grupos sociais. A autora deseja conversar com o seu leitor, trazendo-o para dentro da sua história, utilizando aspectos sociais e políticos, com o objetivo de facilitar a compreensão do que se entende sobre lugar de fala. A colocação, a permissividade da fala, sobre quem fala, sobre o que, sobre a vivência de quem fala, e toda a dinâmica que se faz uso na obra na tentativa para que o leitor, a partir da linguagem, oralidade e escrita, consiga compreender a obra.

Djamila é muito didática, pois consegue abordar todos esses assuntos de forma simples para facilitar o entendimento. Além de toda uma discussão sobre lugar de fala, quem fala, a autora também explica sobre feminismo negro, racismo e o privilégio branco.



Assista ao vídeo no youtube, onde
Djamila Ribeiro fala sobre seu livro
“O que é Lugar de Fala?”
<https://youtu.be/S7VQ03G2Lpw>



Google imagens.



Nossa proposição de projeto didático

A temática proposta neste capítulo foi pensada a partir da referida obra, a qual oportuniza espaços para o diálogo e conversas com os nossos alunos sobre e como essa fala tem o poder e sentidos que se diferem quando se trata de quem fala, do que fala e de onde fala. Dessa forma a fala se torna muito mais significativa quando vemos de que contexto ela parte, quem a abordou, e/ou como posso abordar para outras pessoas a partir do que aprendi com os relatos e vivências dos outros, como indivíduos.

O livro *Lugar de Fala* traz inúmeras situações, lutas e exemplos de como ainda existem muito mais erros do que acertos, muito mais preconceito e desrespeito do que honestamente espaços para ouvir as vozes que são silenciadas por nós como sociedade e como a honestidade com relação a esses espaços criados falta com a participação do outro como ouvinte. Dentro do livro, temos várias relações interligadas ao lugar de fala do outro, como o feminismo, racismo, desigualdade, preconceitos com identidades e gêneros, e outras situações que para nós no coletivo passa a ser corriqueiro por ser visto e repetidamente relatado, lido, publicado, explanado de alguma forma.



Sugerimos que assista ao clipe “EU SOU”, do artista negro, Washington Duarte. O vídeo aborda a resistência negra e o empoderamento de pessoas negras, e está disponível no YouTube em: https://youtu.be/QJ8Zp_HYsbl

Ou clique na imagem para acessar.

Google imagens.



EU SOU
WASHINGTON DUARTE

Nesse sentido, propomos a você, colega professor, que convida seus alunos a produzir um livro com a temática de “Quem Fala?”, no intuito de fazer alusão que existe um lugar de fala e que também existe a forma de se abordar o assunto e precisa urgentemente ser respeitada. Entendemos que é preciso desconstruir o conceito de fala a partir da cor do outro, afinal de contas vivemos periodicamente nos moldando e essas mudanças que ocorrem podem demorar para serem alcançadas em alguns ambientes, independente da sua colocação numa lista de coisas importante dentro de uma sociedade elitista, em que possivelmente assuntos como homofobia, injúria racial, preconceitos múltiplos estão em últimos lugares e na maioria das ocasiões apenas para preencher espaços e não necessariamente para ser refletido, ouvido e dialogado. A expansão das falas tem crescido de forma gradual, mas ainda está longe de alcançar um percentual de pessoas que vivem em ambientes de extrema ignorância no sentido de aprendizagem e desconstrução. No livro *Lugar de Fala*, Djamilia aborda sobre o assunto usando as seguintes palavras:

O foco é justamente tentar entender as condições sociais que constituem o grupo do qual fulana faz parte e quais são as experiências que essa pessoa compartilha com o grupo. Reduzir a teoria do ponto de vista feminista e do lugar de fala somente as vivências seria um grande erro pois aqui existe um estudo sobre como as opressões estruturais impedem que indivíduos de certo grupo tenha direito a fala, a humanidade. O fato de uma pessoa ser negra não significa que ela sobre a refletir críticas filosoficamente sobre as consequências do racismo.

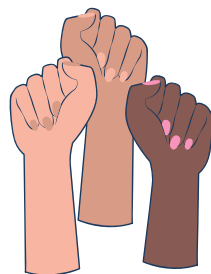
(RIBEIRO, 2020. Pg.67)

Djamila Ribeiro é extremamente cirúrgica em cada posicionamento, fala e pensamentos que apresenta na obra, ao promover a pluralidade de vozes, a multiplicidade de pensamentos que nos faz refletir e buscar cada vez mais entender o ponto que cada minoria defende, reconhecer seus privilégios, (re)conhecer seu lugar, e além de tudo se abrir a oportunidade de ressignificar a ideia de um discurso autoritário e de uma única verdade.

O livro é curto, com pouco mais de 100 páginas, até menos em algumas edições mais condensadas, mas é direto e objetivo na transmissão do seu conteúdo. Se organiza em 4 partes: contexto histórico sobre o assunto, a situação da mulher negra na sociedade, a definição do lugar de fala e alguns equívocos sobre o termo. A autora tem uma escrita que remete muito ao estilo das análises literárias, mas com uma didática simples de fácil compreensão.

Djamila Ribeiro traz nessa obra diversas personalidades feministas, negras e brancas. A partir dessas, a autora faz citações que abrem diálogo com o leitor, literalmente uma obra para debates, sobre interpretações de diferentes autores, chega a ser conflituoso o exercício do diálogo a considerar a perspectiva de cada um, ora semelhante, ora provocador.

Podemos afirmar que esse livro é indispensável na formação sobre aspectos do feminismo negro e da importância de considerar a abordagem da autora com relação às questões de gênero, raça e classe.





Desenvolvimento do Projeto

Com esse projeto, visamos incentivar que jovens busquem pelo autoconhecimento, lutem pelas minorias e façam com que suas vozes sejam ouvidas, não importando o local de onde fala, mas o que fala. Sugerimos que a proposta seja desenvolvida com alunos dos anos finais do Fundamental e/ou do Ensino Médio, com o intuito de gerar debates e apontamentos, formação de opinião crítica, a busca pela desconstrução de preconceitos e opressão a minorias.

É de extrema importância que apresentemos outros autores a esses alunos, para o embasamento de seus pensamentos e opiniões, assim como a autora em sua obra cita diversas autoras e autores como Angela Davis, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez e Stuart Hall, tanto ao longo de seu texto, como no final, em suas referências onde fica evidente suas ampla pesquisa e estudo. Espera-se que façam esse breve estudo, embasados podemos dar início a debates, mesas redondas sobre a discriminação racial em nosso país, seria então esse resultado de um processo histórico? Fazer com que os alunos dividam suas opiniões com a turma, que falem sobre o feminismo preto, sobre a homossexualidade, como esses grupos são silenciados, oprimidos, é necessário que haja essa roda de conversa.

O objetivo é que ao longo de um bimestre, semestre, sejam desenvolvidas mesas redondas, palestras, saraus, entrevistas com professores pesquisadores, artistas, etc, a fim de que, ao final, cada aluno possa escrever um relato cuja narrativa terá como ponto de partida o questionamento e título do proposto livro: "Quem fala?".

Após edição e revisão do professor, a obra pode ser organizada digitalmente para que seja distribuída e apresentada ao maior número de pessoas possível, principalmente, através dos seus autores: os próprios alunos.

Algumas reflexões

Prezado colega professor, nossa proposta didática - a construção coletiva de um livro com os alunos, intitulado *Quem fala?* objetiva que mais debates sejam desenvolvidos em nossos cenários educacionais acerca dos lugares que a fala ocupa com base nos momentos históricos vividos e comparados de quem a reproduz. Ainda há muito o que ser observado e reformado com relação a importância do respeito e tolerância dentro do ambiente escolar .

Por isso, entendemos que seja importante questionar: quais são espaços dados para esses alunos falarem e aprenderem sobre os múltiplos preconceitos que enfrentam cotidianamente. Não podemos comprar essa ideia demasiada de que são "assuntos para outro momento", pois atrasa a formação do caráter do indivíduo que precisa conviver com um ambiente de diversidade e desconstrução de muitos tabus sociais que levam a *bullying* e outros preconceitos.

Para refletir



Stand Up é uma canção de luta, que faz parte da trilha sonora do filme biográfico HARRIET (2009), canção gravada pela

cantora britânica Cynthia Erivo, que também o protagonizou.

O filme conta uma história de força e superação, um marco para o ativismo político.

Ouçã a música clicando em: https://youtu.be/hTMK_u6sNmw

Google imagens.



Divulgando a nossa proposta

O projeto foi a parte mais discutida, o que fazer, e como fazer, para alcançar todos os alunos, como tornar interessante aos olhos do corpo docente a proposta de projeto para implementar dentro da sala de aula e para fora da escola. A proposta elaborada, além de debates em sala, discussões e apresentações é que seja desenvolvida pelos anos uma plataforma digital compartilhada, para falar sobre filmes, documentários, entrevistas, movimentos, relatos pessoais, experiências vistas e vividas em diversos ambientes públicos e músicas, voltadas para a temática abordada no capítulo do e-book. Ao final do projeto, visualizar e externar suas concepções e auto avaliações internas de como a minha fala e posicionamento podem ressignificar a minha e a jornada do outro.

Aqui estão alguns vídeos onde os alunos podem acessar e assistir pela plataforma You Tube o passo a passo de como devem fazer para desenvolver a criação de um blog (seja ele pessoal, grupo ou de toda a turma, fica a critério do docente). Espera-se que não se limitem somente a esses vídeos, busquem outras informações em outros sites, e que a proposta não fique somente em sala de aula, divulguem nas redes sociais da escola, em suas redes pessoais, a ideia é que seja algo que se expanda pela escola e pela comunidade, afinal, conhecimento é para todos.



Canal Jana Taffarel:

Como criar um blog: Por onde eu começo?

<https://youtu.be/U14WD9bBqN>

E

Canal Ferramentas blog:
Como criar um blog grátis.
Disponível em:
<https://youtu.be/OyhgbqQsME>

4

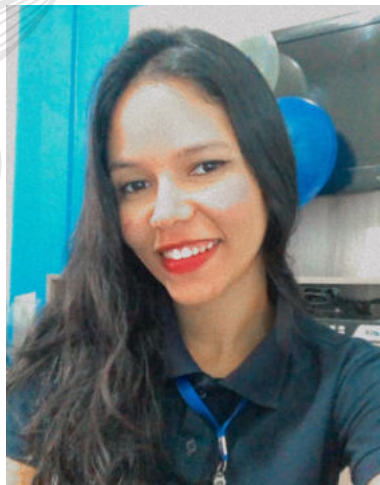


Apresentando os Autores



Alessandro dos Santos Coutinho, 22 anos. Acadêmico do curso de Licenciatura Plena em Letras e suas Habilitações - Português, Inglês e suas Respectivas Literaturas.

Ana Flávia Gomes de Andrade, 24 anos. Acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Letras e suas Habilitações - Português, Inglês e suas Respectivas Literaturas



REFERÊNCIAS

GELEDES, Portal. **Djamila ribeiro lança livro: O que é lugar de fala**, nessa terça feira em São Pulo. Disponível em: https://www.geledes.org.br/djamila-ribeiro-lanca-livro-o-que-e-lugar-de-fala-nessa-terca-feira-em-sao-paulo/?gclid=Cj0KCQjw3v6SBhCsARIsACyrRAIg1QVPmzm_PnKy2oNg0IGIVmyzinF4rjb7-3oDHv0fmChpeJEn0FkaAupMEALw_wcB, acesso em 20/05/2022.

MELLO, Camila. **Lugar de Fala de Djamila Ribeiro coleção feminismos plurais**. 2020. Disponível em: <https://abookaholicgirl.wordpress.com/2020/07/25/resenha-lugar-de-fala-de-djamila-ribeiro-colecao-feminismos-plurais/>, acesso em: 10/08/2021.

PAIVA, Victor. Djamila Ribeiro: biografia e formação de intelectual negra em dois atos. **Revista Hypeness**, 2021. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/03/quem-e-djamila-ribeiro-uma-das-mais-importantes-intelectuais-e-militantes-negras-e-feministas-do-brasil/>, acesso em: 03/05/2022.

PONCHIROLLI, Rafaela. O que é lugar de fala. **Revista Politize**, 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-lugar-de-fala/> acesso em: 03/05/2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** . Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais)



CAPÍTULO

05



**Poemas de amor e luta: A
construção de caminhos ao
autoconhecimento e à
representatividade negra através
dos círculos de leitura.**

**Ana Caroline Gomes Costa
Cleudiellen Sandes Rodrigues
Sandryellen Pimentel Saraiva
Ana Patrícia Sá Martins**





Descobertas e anseios literários de uma futura professora

Por Ana Caroline Gomes Costa



Minhas expectativas ao iniciar as disciplinas do Estágio supervisionado eram de que eu com certeza iria me deparar com uma turma de muitos alunos, difíceis de controlar, e assim o foi. Mas, para além disso, também esperava aprender a prática curricular, experienciando as aulas tanto na observação quanto na regência.

Durante a pandemia, iniciei o Estágio supervisionado no Ensino Fundamental, mas, por razões pessoais, não pude concluí-lo. Entretanto, tive uma experiência como professora de Língua Inglesa em um curso particular de línguas, no qual pude aprender bastante, pré, durante e pós-pandemia. O que pude inferir do pouco tempo em que passei na Escola Municipal Elias Alfredo Cury, em Balsas-MA, foi que, ao voltarem para as aulas presenciais, os alunos já estavam habituados ao uso da máscara e das medidas de proteção, além do modelo de aula ser semelhante ao pré-pandemia, exceto pelo uso dos equipamentos de proteção individual. Já na experiência como professora de Inglês, meus aprendizados foram bastante abrangentes: iniciei antes da pandemia, em 2019, aprendi a prática do ensino de línguas, como reconhecer diferenças fundamentais no aprendizado individual dos alunos e como contorná-las e, sobretudo, aprimorei minha didática; durante a pandemia as aulas eram remotas e tive de me adaptar ao uso das tecnologias, me habituar a uma nova metodologia e superar a dificuldade da distância física dos alunos.



Era como dar aula às cegas, pois o único feedback que havia era o desempenho desses nas provas. Por conseguinte, no período “pós-pandemia”, as aulas presenciais voltaram, mas dessa vez nós professores éramos capazes de utilizar inúmeras ferramentas digitais que foram aprendidas durante a pandemia, tais como plataformas de reunião *online*, *Google Forms* para a criação de atividades, compartilhamento de links educativos, entre outros.

Os alunos pareciam mais animados para estarem fisicamente nas aulas e a nossa perspectiva sobre o ensino era completamente outra, podíamos ir além da lousa e caderno.

Quando retornei às aulas presenciais, o único desafio foi retomar a rotina de antes da pandemia. Antes de iniciar a disciplina de Literatura Africana, as minhas expectativas eram de que seriam apresentados a mim autores dos quais eu nunca havia ouvido falar, o que justamente aconteceu. Não só fui apresentada à diversidade de autores, mas como às características literárias de cada país, que possuem suas próprias marcas históricas. A temática afro me foi apresentada durante o curso de Letras muito brevemente, só foi aprofundada realmente no 7º período quando se iniciou a disciplina de Literatura Africana.

Dentro do curso de Letras a discussão sobre a educação para as relações étnico-raciais na formação do professor de línguas e literatura acontece timidamente até chegarmos na referida disciplina. Após concluí-la, vejo o quão fundamental é conversar sobre diferentes etnias e raças, pois a literatura afro, embora imensa, é marginalizada no currículo acadêmico.



Acredito que as discussões feitas na disciplina de Literatura Africana me ajudarão, como futura professora e estagiária, a engendrar uma outra percepção, que não a eurocêntrica, de literatura e cultura em meus alunos. Quero contribuir para a popularização dos autores de temática afro e desmistificar este continente tão rico em intelectualidade. Eu espero firmemente que a leitura literária de autores afro no processo de ensino-aprendizagem dos alunos na educação básica contribua para esse despertar, para que meus alunos se identifiquem e sintam-se representados, para que mais autores afro-brasileiros emerjam.

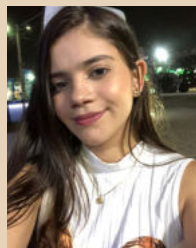
Enquanto professora, almejo inserir autores de literatura africana em minhas propostas de atividades e leituras, debater questões temáticas e relacioná-las à sociedade, à política e à cultura. Acho que mais importante do que ler é discutir o que foi lido, e, ao desenvolver o senso crítico de meus alunos, quero também ampliar suas referências literárias para além dos autores que reafirmam a cultura eurocêntrica.





Às experiências vividas e a busca de conhecimento na minha trajetória acadêmica

Por Cleudiellen Sandes Rodrigues



O presente relato de prática irá mostrar minhas experiências na trajetória acadêmica, relatando as minhas expectativas do primeiro estágio supervisionado, que foram de aprender a dar aulas dinâmicas, de resolver as problemáticas dentro da sala de aula, de ouvir os alunos numa aprendizagem mútua, num processo de mediação entre eu professora em processo de letramento juntamente com os alunos, dando voz para eles se tornarem protagonistas de sua própria história. E neste processo aprender a lidar com a falta de recursos, e se reinventar com o que tinha para lecionar, lidar também com o ambiente escolar com as normas e regras de convívio, com o nível de escolaridade de cada turma, etc.

Dando continuidade a respeito do estágio supervisionado nessa trajetória de estágio tiveram diversas dificuldades, como: a falta de recursos da escola, a superlotação de salas, a dificuldade de acalmar os alunos e assim prestarem atenção nas aulas, pois ainda estava em um período de pandemia, mas as aulas já haviam retornado presencialmente com os cuidados necessários, como uso de máscaras, álcool em gel em todas as turmas, torneiras nos corredores para lavar as mãos. Sobre o período pós pandemia, os maiores desafios foram incluir os alunos com necessidades especiais, na qual era perceptível que os professores não sabiam como lidar, do que trazer para eles, quais eram as metodologias adequadas.



Todavia, todos estes contratempos serviram para aprender a lidar com uma sala de aula, de que maneira eu poderia fazer para que ocorresse o ensino-aprendizagem, de lidar com situações de *bullying*, de discussões, de aprender a ensinar alunos com necessidades especiais e tratá-los com igualdade.

No que diz respeito às expectativas para a disciplina de literatura africana foram de obter novos conhecimentos dos quais havia tido contato, de aprender sobre o continente africano, a cultura, os escritores diversos, as crenças, do quão rico de diversidades e mestiçagens os africanos são. Das suas línguas maternas e as línguas impostas, que foram depois subvertidas. Portanto, foram muitas aprendizagens e isto fez com que os estereótipos que tínhamos pudessem ser acabados através do conhecimento dessa disciplina que abre portas para libertar as pessoas de preconceitos, de conhecer além do que se passa nas mídias digitais.

Quanto às expectativas na disciplina de prática curricular na dimensão educacional foram de discutir a respeito do que seria esta disciplina, como seria a prática, os textos para debates acerca desse tema, e principalmente de aprendizagem, de sanar as dúvidas.

Dito isto, os principais desafios ao retornar às aulas presenciais foram de mudar a rotina, de conciliar as atividades, como os trabalhos apresentados à frente, o estágio supervisionado, os debates acerca das leituras passadas, pois tudo isto foi adaptado e estávamos acostumados com as aulas remotas. Com relação ao retorno das aulas presenciais no estágio supervisionado os principais desafios foram que os alunos estavam muito atrasados em relação aos conteúdos das séries que estavam, pois muitos não assistiam às aulas online, faziam apenas as provas bimestrais e foram aprovados para séries posteriores sem terem aprendido o básico da série anterior.



Outra problemática percebida foi quanto aos alunos da zona rural, os quais, muitas vezes, os ônibus não iam buscá-los e acabavam perdendo muitos conteúdos.

Acerca da temática afro foi apresentada na disciplina de relações étnico raciais, com assuntos abordando sobre o continente africano, sobre os afro-brasileiros, sobre o racismo enfrentado pelos negros nos diversos ambientes sociais. Contudo, durante minha formação inicial na universidade, observei que quanto ao ensino das relações étnico raciais em algumas disciplinas no decorrer do curso de Letras foi perceptível a falta de formação adequada de alguns professores sobre esta temática, de como buscar e trazer conhecimentos acerca desse assunto, enquanto em outras disciplinas era notável o domínio do assunto pelo professor.

Além do mais, conhecer a literatura africana contribuiu para que eu como professora produza aulas que abordam a literatura africana e trazer autores que representam esta literatura, de trazer atividades que mostram a cultura e crenças, as lutas e que o continente africano é diverso, que os estereótipos criados pela sociedade nada dizem realmente sobre este povo. Vi também a necessidade de mostrar aos alunos negros que eles têm valor, que são pessoas capazes, que se valorizem e criem amor próprio pelos seus cabelos cacheados, pelo tom de sua pele, pela cor de seus olhos. Dessa maneira, trazendo assuntos para eles irem além e se tornarem reflexivos e críticos diante de situações preconceituosas. As discussões sobre identidade, poder, currículo e projeto de letramento contribuiram para que diante de uma sala como professora eu pudesse ter um posicionamento, o conhecimento da área, dos gêneros que serão trabalhados, trazendo, assim, textos que tragam estes assuntos, relacionando-os com o meio social dos estudantes, de usar de forma didática as mídias digitais para o ensino.



Dessa maneira, acredito que currículo possa trazer as minhas características identitárias, com temas em que eu tenha embasamento, enfatizando, assim, a importância da leitura literária afro para a aprendizagem destes, por meio do professor mediador do conhecimento e que eles possam ter a possibilidade e oportunidade de transformar a sua realidade, de abrir os olhos a respeito de escritores africanos, deste lugar repleto de diversidades, de cultura, de mestiçagens, de poderem descobrir sua identidade, de pesquisarem cada vez mais sobre a África, sobre escritores afro-brasileiros, e assim desfazer os estereótipos que são enraizados em nossa sociedade sobre este continente.

Por fim, o que pretendo fazer enquanto professora em processo de letramento, é buscar didáticas com novos conhecimentos que insira a inclusão do meio social, com conteúdos para além da sala de aula, acerca de culturas de países africanos, não só de escravidão e colonização desses povos, mas de suas crenças, idiomas, a beleza dos países africanos, a diversidade e também do nosso próprio país. Almejo contribuir para que sejam críticos diante das leituras, dos debates, da transformação, para que não sejam meros reprodutores, mas sim protagonistas do seu aprendizado.



Experiências de prática e identidade na educação para as relações étnico-raciais, por *Sandryellen Pimentel Saraiva*



Ao iniciar o Estágio supervisionado, a expectativa era colocar em prática a parte teórica que aprendemos durante a licenciatura em Letras, como trabalhar de maneira dinâmica e estabelecer relações com os discentes que vão além de transmitir conteúdos, mas de uma forma humanística, respeitando as diversidades em sala de aula. Assim, relacionar os conteúdos com a vida deles, e devido estarmos em um mundo globalizado, em que existem as tecnologias digitais, pensar em trabalhar uma aprendizagem por meio das tecnologias.

Durante a pandemia, as escolas retornaram presenciais, mas com a utilização obrigatória de máscara e as exigências de higiene, como o uso de álcool em gel nas mãos e que ficaram disponíveis em cada turma. Assim, depois de um período em que os alunos estavam acostumados a fazer as atividades e provas em casa, foi todo um processo para voltarem a rotina de todos os dias na escola. Mas, devido estarem muito tempo longe fisicamente dos colegas, professores e gestores, os discentes mostraram interesse no estágio supervisionado de língua portuguesa, sempre eram participativos, assíduos e comportados em sala de aula, devido estarem no último ano de ensino fundamental, estavam ansiosos em relação ao futuro, fizeram inúmeras perguntas para mim sobre o curso de Letras e produziram excelentes trabalhos com os gêneros entrevista e reportagem.



Alguns alunos demonstraram seu protagonismo, com opiniões políticas e ficaram entusiasmados ao discutirmos em sala de aula sobre discriminação e preconceito, contaram seus relatos, com histórias de dor e superações e ainda contei sobre o meu processo de aceitação do cabelo cacheado, o que abriu oportunidades para outros participarem da discussão. E no estágio de língua portuguesa os alunos mostraram interesse ao estudar os gêneros crônicas, entrevista, reportagem, artigo de opinião, demonstrando seu protagonismo no processo de aprendizagem.

No estágio pós pandemia de língua inglesa, os alunos estavam desanimados ao estudar um idioma estrangeiro, sendo necessário buscar diferentes metodologias para chamar a atenção deles. Outra dificuldade foi a adaptação ao trabalhar com alunos especiais, sendo difícil para os professores sem especialização na área, mas sempre buscando formas de incluí-los. Durante os estágios, ficou clara a diferença dos alunos, uns motivados e outros desanimados, a falta de recursos tecnológicos nas escolas, a diferença de interesse de acordo com as disciplinas, sendo a língua portuguesa mais interessante para os discentes, mas ficou visível a importância da educação para a construção dos valores nos discentes e o papel do professor como mediador no processo de aprendizagem. E ao falar sobre o meu processo em conhecer a disciplina de prática curricular e literatura afro, posso dizer que foi um experiência significativa para minha carreira pessoal e profissional.

Desde o início do curso de Letras, a disciplina de Literatura africana chamou minha atenção e foi um dos principais motivos para continuar na licenciatura.



Pois, desde a infância, tenho apreço por artistas, escritores e políticos negros e conhecia algumas escritoras negras como Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e Maria Carolina de Jesus, mas não conhecia a literatura africana, e como sempre amei ler histórias e as literaturas, fiquei ansiosa para discutirmos diferentes assuntos relacionados a cultura, poder, empoderamento, lutas e preconceito que o povo preto enfrentou. Assim, fiquei feliz em ter essa disciplina no 7º período e confesso que fiquei motivada para continuar no curso por conta dela.

A disciplina de prática curricular tem um título que lembra os estágios, a ideia de colocar em prática o que aprendemos, então, pensei que seria outro estágio e que abordaria assuntos presentes no decorrer do curso, como trabalhar de maneira didática e dinâmica em sala de aula. Dessa forma, não sermos apenas estudantes de licenciatura, mas termos a experiência como professores em sala de aula, enfrentando o processo de aprendizagem na prática, inseridos na realidade da educação brasileira.

Como foi anunciado que as duas disciplinas seriam estudadas presencialmente, tive como desafio a distância da minha casa para a Universidade, algumas vezes a ausência de transporte para ir ao curso, além de mudar os horários de fazer os trabalhos e atividades. Dessa forma, foi desafiador reaprender a conciliar o estágio e faculdade presenciais. E no estágio supervisionado foi observado que os alunos estavam acostumados a ficar em casa, apenas respondendo as atividades pelo WhatsApp ou provas que eles buscavam para responder com o auxílio da internet.

Assim, eles sentem até hoje dificuldade de prestar atenção nas aulas, e preferem ficar utilizando os aparelhos eletrônicos nas redes sociais, sempre deixando de lado as diversas maneiras de aprendizagem por meio das tecnologias digitais, além de sentir



dificuldade ao aprender certos conteúdos, ficando desmotivados em sala de aula, sem participar e conversando com os colegas.

Ao longo do curso de Letras, tivemos duas disciplinas anteriores a literatura africana, a primeira foi lusofonia e a segunda relações étnicas- raciais, ambas falaram sobre a linguagem, cultura, religiosidade e lutas que as pessoas pretas enfrentam. Mas foi com Literatura africana que consegui entender a importância da literatura afro em sala de aula, além de ter abordado temáticas atuais nos textos lidos e discutidos em sala de aula. Desse modo, posso dizer o quanto esta disciplina é relevante para minha carreira acadêmica e profissional, pois não é apenas ensinar a história das pessoas pretas, mas é inclui-las com direitos iguais na sociedade, e só a educação é capaz de transformar a realidade em que vivemos. E como futura professora negra, espero poder trabalhar de forma didática a literatura afro, e estabelecer uma relação étnico racial pautada no respeito e igualdade, pois entendo que a educação é a única forma de transformar e construir valores nos indivíduos. Apesar de entender que as relações étnico-raciais estão presentes em sala de aula, infelizmente, vejo que as diversidades não são aceitas na sociedade, pois existem lutas, opressões e discriminação, mas a denúncia e a inclusão de leis para estudar sobre o povo africano é fundamental para conhecer sua história.

Embora saibamos que ainda existe o racismo e discriminação na sociedade e nas escolas, temos certeza de que a educação é a fonte para contar o outro lado da história, sobre o empoderamento, o respeito e os direitos iguais para as pessoas negras.



Então, nós, professores, precisamos de mais formação na perspectiva das relações étnico-raciais para incluir todos os estudantes, e, assim, construir uma educação cidadã.

As discussões feitas em literatura africana são necessárias para a reflexão e ação em sala de aula, pois estamos tendo a oportunidade de estudar sobre uma literatura de manifesto, política e cultural e temos uma diversidade de alunos que necessitam aprender sobre a literatura africana, sobretudo, a importância da igualdade de direitos e a relevância da representatividade para os discentes. Assim, os textos me fazem refletir ao falar sobre assuntos étnico-raciais e agir por meio do meu exemplo em sala de aula, sempre buscando manter o respeito e adaptar-se em diferentes contextos para incluir todos na aprendizagem.

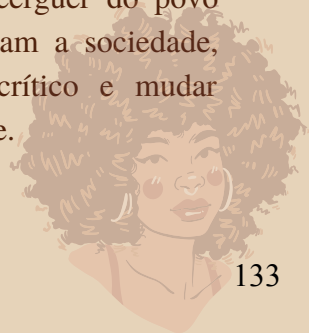
A identidade, poder, currículo e projetos de letramento estiveram presentes na minha vida, com alguns textos discutidos que lembraram minha adolescência, pois para um jovem negro a aceitação e amor próprio são mais difíceis devido não fazer parte dos padrões instituídos na sociedade e explicar aos alunos sobre a existência da beleza em cada cultura é essencial para o reconhecimento dos seus valores em sociedade. Ao falarmos sobre poder, entendemos que boa parte está nas mãos de brancos, que oprimem os negros de diferentes maneiras, mas também reconhecemos o poder das representatividades para as pessoas negras, tornando-se uma fonte de inspiração, a importância dos currículos, pois nos lembramos da união de um grupo de intelectuais com intuito de salvar a cultura africana e libertar-se da colonização e os projetos de letramento procuram incluir todos e trazer projetos que condiz com a realidade dos alunos, trazendo a relação étnico-raciais para os processos de letramento no dia a dia.



Dessa forma, as discussões desses textos implicaram diretamente na minha atuação como professora, pois me faz refletir sobre minhas ações e como posso ter um papel transformador em sala de aula.

A leitura é fundamental para a aprendizagem e pensamento crítico dos alunos e a literatura permite a criatividade e o pensamento por meio de sua linguagem subjetiva, assim podemos apresentar textos de escrivência de Conceição Evaristo, com a presença do racismo e luta, ou um texto de Cristiane Sobral sobre empoderamento, até mesmo Ryane Leão que traz amor, poder e representatividade em suas poesias. Assim, em cada leitura, apresentar um gênero a ser trabalhado em cada texto, como forma de reflexão e transformação em sala de aula, pois a literatura africana não é só para negros, mas também para brancos, afinal, todos podem aprender e mudar suas atitudes, reconhecendo seus privilégios e contribuindo pelas suas ações nas lutas por direitos iguais.

Eu almejo não mostrar apenas uma parte da história, mas toda a história, pois as pessoas pretas sofreram com a escravização, apagamento da sua cultura por um longo período de tempo e ainda enfrentam desafios devido à colonização imposta a eles, como racismo, discriminação e desigualdades sociais. Contudo, não ficaram de braços cruzados, sempre lutaram pelos seus direitos, mostrando seu poder, beleza, coragem e determinação para construir uma sociedade pautada na igualdade. Então, espero estar sempre trabalhando temáticas positivas raciais, mostrando aos alunos a capacidade de se reerguer do povo preto, além de trazer assuntos que incomodam a sociedade, com o intuito de instigar o pensamento crítico e mudar pensamentos estereotipados na nossa sociedade.



Poemas de amor e luta: A construção de caminhos ao autoconhecimento e à representatividade negra através dos círculos de leitura



Apresentação

O título escolhido é baseado nos poemas escritos da obra da escritora afro-brasileira **Ryane Leão**, *Tudo nela brilha e queima: poemas de lutar e amor*, e a obra apresenta a importância do autoconhecimento para a construção do amor próprio, pois ao retratar pessoas negras, em especial, mulheres negras, é observado o longo processo para a aceitação dos traços e cabelo, afetando a autoestima e deixando de lado o amor próprio. Mas para aceitar é preciso conhecer e as obras literárias têm esse poder de contar diferentes histórias e trazer reflexões. Assim, propomos círculos de leitura com livros de autores negros, visando contribuir para o pensamento crítico, reflexão e valorização da vida, além de trazer representatividade para alunos negros que muitas vezes foram excluídos da história. Entendemos que os círculos de leitura permitem aos alunos questionamentos, trazerem suas experiências de vida, relacionando-as com as leituras e debates acerca das temáticas e, assim, o protagonismo dos mesmos, pois são livres em expressar seus posicionamentos a respeito da temática. Objetivamos com essa proposta didática contribuir para que jovens negros, que sofrem com problemas de autoestima, mudem sua visão a respeito de sua beleza e valores. Além disso, os círculos de leitura oportunizam melhorar aspectos na leitura e escrita, das regras que se utilizam para escrita de cada gênero textual.

Conhecendo a autora e a sua obra



A autora escolhida foi **Ryane Leão**, uma escritora preta, poeta e professora brasileira, que apresenta em seus poemas *amor próprio, empoderamento feminino negro e traz nos seus versos lutas e amor*. São poemas com temáticas relevantes que atraem a atenção dos leitores, apresentando uma linguagem clara e direta, e transmitindo uma mensagem crítica e reflexiva para os leitores. A escritora **Ryane Leão** é de Cuiabá, mas atualmente mora em São Paulo. Publica suas obras desde 2008 em *lambe-lambe* e na internet, com o projeto onde *jazz meu coração*, além da obra **Tudo nela brilha e queima**, escrita em 2017. Escreveu ainda a obra **Jamais peço desculpas por me derramar**, ambos livros de poemas que expressam temas sensíveis e que provocam o leitor a refletir sobre a vida.

Conhecendo a obra

A obra escolhida é o livro de poemas **Tudo nela brilha e queima: poemas de luta e amor**. O livro contém poemas que mostram o poder das mulheres, as histórias de mulheres que passaram por diversas situações como **abuso, solidão** e através do **amor próprio** conseguiram se reerguer, trazendo destaque para a **mulher preta**, mostrando suas lutas e o quanto ela consegue ser extraordinária. Além disso, aborda sobre o poder da representatividade negra para os leitores, pois Ryane Leão fala acerca das marcas que a escravização e o apagamento da cultura fizeram com as pessoas negras, que passaram anos para aceitar seus traços, como nariz, boca, cabelos cacheados e crespos, mostrando que é um processo para a aceitação e construção do amor próprio, uma vez que as pessoas negras não eram/são aceitas nos padrões estabelecidos pela sociedade e sofreram *bullying*, racismo, discriminação racial e muitas vezes foram excluídas de relacionamentos afetivos.

Dessa forma, a obra *Tudo nela brilha e queima: poemas de luta e amor* pode ajudar os jovens a desenvolverem sua autoestima, apesar dos padrões estabelecidos na sociedade, e mudarem suas percepções de si.



Clique na imagem do livro para acessá-lo.



Dica de música para iniciar a leitura da obra: stand up Cintia Erivo. Clique na imagem acima para ouvi-la.



A leitura Literária

A obra de Ryane Leão, **Tudo nela brilha e queima: poemas de luta e amor**, é composta por 191 páginas com poemas sobre a história de mulheres negras, mostrando a importância da *representatividade, identidade, amor próprio e também mostra abuso nas relações afetivas e o difícil processo para curar os traumas vivenciados*. Nas suas poesias, está presente um **manifesto literário**, sendo incluído em um gênero argumentativo, pois suas poesias convencem mulheres, em especial, mulheres negras, da beleza e valores, fazendo com que reflitam o significado de cada verso presente na obra. Outro aspecto, é presença de **características do realismo**, mostrando a realidade social contemporânea e mostrando um amor não idealizado, mas com dores, lutas, desejos e sentimentos, deixando clara a realidade das relações familiares e afetivas.

A obra apresenta a escritora **Ryane Leão** como **narrador personagem**, pois ela participa das poesias e é narrada em primeira pessoa do singular e do plural, não possui personagens nem rimas, mas apresenta poemas autorais que expressam sentimentos, resistência e empoderamento feminino negro. Ao longo da obra, são mostradas imagens a respeito de alguns assuntos apresentados nas poesias. **O tempo e espaço são psicológicos**, pois as poesias são narradas de acordo com os pensamentos e sentimentos.

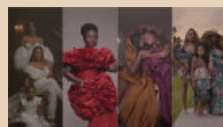




Quando Ryane Leão escreve:



*agora que percebemos
que somos a nossa própria cura
perdemos o medo de gritar
anos de silenciamento
agora provocam vendavais
ao lado das minhas estou a salvo. p.26*



Dica de música:
Brown Skin girl
Beyoncé. Clique na
imagem para ouvi-la.

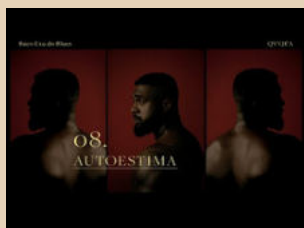
As palavras de Ryane são bem diretas ao falar sobre um fato histórico, em que foram séculos de escravidão e as pessoas negras foram silenciadas, mas depois de tantas lutas, elas podem expressar sua voz e a representatividade é cura para a aceitação e amor próprio. Percebe-se que é uma **linguagem simples e clara**, possuindo significado até nas entrelinhas.

Vejamos o trecho:

*Eu não quero que nossos filhos tenham o seu
nariz largo e a sua boca carnuda eu ouvi e
concordei em deixar você tentar me moldar em
um padrão no qual eu não caberia.
Você até sugeriu que eu usasse um prendedor de
roupas no rosto ou que eu guardasse dinheiro
pras plásticas que apagariam todos os meus
traços de mulher negra uma lembrança tão
agressiva que me apavora. E tem gente que me
pergunta se foi fácil romper silêncios. p.118*



A aparência das pessoas negras sempre foi alvo de críticas e o racismo recreativo tomou conta do grupo de amigos e das redes sociais, com as características vistas como negativas, fazendo com que homens e mulheres negras não sentissem amor próprio e muito menos desejo em se conhecer e valorizar seus traços e cultura. Desse modo, é notável a importância do círculo de leitura sobre obras de escritores negros, pois a representatividade contribui para o autoconhecimento e aceitação, e as obras literárias possuem o poder de contar histórias, de ter significado nas entrelinhas, nos personagens fictícios e a voz e experiência dos escritores estão presentes nelas. Assim, vale a pena ler obras da literatura afro, principalmente, o livro **Tudo nela brilha e queima**, de Ryane Leão.



Dica de música:
autoestima

Baco exu do Blues.

**Clique na imagem acima
para ouvi-la.**



Temática

A importância da literatura afro para a construção do amor próprio negro

A leitura é fundamental para os indivíduos, pois desde criança aprendemos a ler e escrever, e uma das maneiras de utilizar o pensamento crítico é por meio das histórias literárias, assim, cada personagem, imagens e principalmente o diálogo presente nas obras chamam nossa atenção.



Quando vamos crescendo, temos curiosidades de conhecer outras histórias, entre elas, a nossa história. E na adolescência podemos ficar confusos em conhecer apenas um lado da história. Como negras acadêmicas, agora entendemos o que várias pessoas negras enfrentam, pois não são acostumadas a ouvir boas histórias sobre sua cultura, cor e traços e, assim, podem se sentir excluídas e tentar apagar sua cultura e aparência. Desse modo, entendemos que as obras de pessoas negras são essenciais para estes jovens, que, na maioria das vezes, veem seus semelhantes excluídos dos filmes, livros, séries, novelas e da política. Então, é nesse momento que as obras literárias são importantes, pois mostram todos os lados da história, desde a escravização, racismo, desigualdades sociais e discriminação racial até autoconhecimento, aceitação, amor próprio e empoderamento negro feminino. Assim, os leitores em geral têm a oportunidade de refletir e os jovens negros de continuar lutando pelos seus direitos. Dessa forma, as escolas têm o papel de apresentar sobre a literatura afro para os alunos, e a obra **Tudo nela brilha e queima: poemas de luta e amor** é importante para os estudantes que estão passando por um processo de mudança, e acreditamos que alunos do ensino médio serão beneficiados pela rica leitura da obra, que promete trazer reflexão e mudanças na vida. Além do mais, a leitura literária é de suma importância para a construção identitária e conhecimentos de temas antes desconhecidos pelos alunos, como cita Cosson (2018), a leitura literária conduz indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade... Também porque com a literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidade múltiplas de construir nossas identidade.



Ou seja, a leitura literária oportuniza aos jovens leitores a reflexão do meio social na qual estão inseridos, de qual caminho seguir e relacionar a leitura com suas práticas. Assim os círculos de leitura possibilitam a troca de experiências, de conhecimentos, com a mediação entre aluno e professor, e de ajuda mutua entre os alunos. Para Carole, " os círculos de leitura são, portanto, um meio de criar uma comunidade de leitores, onde tanto o leitor quanto a leitura podem ser valorizados e onde ambos, professor e aluno, podem aprender ajudar uns aos outros, reconhecendo a leitura como um processo ativo"(KING, 2001, p. 36).

Partindo desses pressupostos, o trabalho de **círculos de leitura** com obras de **Literatura africana** procura reunir os alunos e fazer as leituras, promovendo discussões sobre a obra, com o intuito de mostrar o outro lado da história sobre as pessoas negras, construindo um caminho para o amor próprio negro. Sabemos que não é um processo fácil mudar estereótipos e atitudes racistas, mas temos certeza de que a educação é a melhor maneira de transformar vidas. Então, a leitura e atividades didáticas com gêneros **resenha literária crítica e comentário**, sobre a obra de uma escritora negra, é fundamental para a reflexão e protagonismo dos discentes em sala de aula, além da oportunidade de expressarem seus posicionamentos e contarem suas histórias de amor e luta, sua relação com a autoestima, autoconhecimento e a importância do amor próprio para a valorização da vida.

Afinal, os poemas de Ryane Leão trazem sentimentos de luta, amor e resistência, sobre continuar vivendo mesmo em uma sociedade injusta e superar os traumas vividos em relacionamentos abusivos, buscando " brilhar" com sua força e poder, além de mostrar a importância da representatividade para pessoas negras e o longo processo para aceitar seus traços,



cabelo cacheado/ crespo, nariz largo e lábios grossos, mostrando que é possível percorrer caminhos que encontram a autoestima, identidade e amor próprio.

Conhecendo os gêneros:

Gêneros textuais são categorias de classificação dos textos de acordo com suas características contextualizadas. Os principais critérios de classificação são a estrutura textual, a função social, a intenção comunicativa e esferas de circulação. Do romance à fábula, da bula de remédio às notícias, todos são gêneros que possuem características diferenciadas e um propósito comunicativo próprio. Pensando em utilizá-los como ferramenta de estudo para este projeto, analisamos qual dos gêneros melhor atenderia ao público alvo de estudantes da *segunda série do ensino médio*. Escolhemos então o gênero **resenha literária crítica**, que tem por objetivo descrever e analisar outra produção textual, além de conter reflexões e opiniões que destaquem os pontos positivos e negativos da obra resenhada, que pode ser um livro, filme, série, conto, entre outros diversos gêneros. Sendo assim, o intuito da seleção deste gênero é abordar os temas da obra **Tudo nela brilha e queima**, da escritora **Ryane Leão**, entre eles estão **relacionamento abusivo, solidão da mulher negra, autoconhecimento, representatividade negra, identidade e empoderamento feminino negro**. Então, ao produzir o gênero resenha, os discentes devem atentar-se à coesão e à coerência, abusar de recursos coesivos (preposições, conjunções locuções conjuntivas, adjuntos adverbiais, expressões lógico-semânticas, pontuação, etc.), e **comentar, avaliar e recomendar** ou não para que os leitores, a partir da resenha, se interessem pela leitura da obra.



A respeito dos meios sociais, sabemos que as resenhas circulam em revistas, jornais, blogs e vlogs em diversas mídias digitais. Além da resenha, também propomos o **gênero comentário**, um texto de opinião que tem por objetivo a emissão de juízo de valor sobre a obra referenciada e que não tem padrão definido.

Para ser considerado um comentário, o texto deve conter minimamente **introdução** sobre a temática do poema explanado na aula, e após descrever sua reflexão e opinião acerca das problemáticas descritas nos poemas explicados, a introdução precisa retomar o tema através de elementos exofóricos (que retomem as principais temáticas do texto referencial sem repeti-las por completo). Portanto, num comentário deve-se justificar o ponto de vista com argumentos válidos e sempre estabelecer a conexão entre esses argumentos e o texto fonte. O comentário pode ser publicado em jornais, revistas e diversas mídias digitais como *Instagram, Facebook, Twitter*.

Assim, com a escolha dos gêneros **resenha literária e comentário**, queremos mais do que explorar a criticidade e a escrita, mas incentivar o protagonismo dos discentes e contribuir para o conhecimento de temas que vão além dos muros da escola, vivenciados na sociedade.

A seguir estão alguns exemplos de **resenha literária crítica**. A primeira é uma resenha da obra *Tudo nela brilha e queima: poemas de luta e amor*, o livro em que os gêneros serão trabalhados e as outras resenhas são das obras do autor *Mia Couto*.

Aqui está o link da resenha literária crítica da obra **Tudo Nela Brilha e Queima** disponível em:

<https://sonhandoatravesdepalavras.com.br/2021/04/23/resenha-tudo-nela-brilha-e-queima-ryane-leao/>.



Exemplo de resenha literária crítica da obra "**O Gato e o Escuro**" de Mia Couto, resenhado pela colunista Terezinha Pereira no blog Universo dos Leitores:

<https://www.universodosleitores.com/2014/03/o-gato-e-o-escuro-de-mia-couto-uma.html>

Exemplo de comentário sobre a obra "**Terra Sonâmbula**" de Mia Couto disponível no blog Escrever Online:

<https://www.escreveronline.com.br/analise-do-livro-terra-sonambula-de-mia-couto>

A seguir, temos um exemplo do gênero **comentário**. Este comentário foi publicado na rede social *Twitter*, e seu autor está referindo-se ao Carnaval de 2020, falando sobre a importância do mesmo para a cultura, em especial, a cultura afro, com destaque para as mulheres negras, apresentando o empoderamento feminino negro.



Fonte: BANNOS, 2020.



Procedimentos

Como orientação didática, conforme já apresentado, propomos os **círculos de leitura**, baseados na proposta do professor **Rildo Cosson**, em seu livro **Círculos de Leitura e Letramento Literário**.

Sistematizamos, então, as etapas da proposta:

1º) Inicialmente, será produzido um **questionário** para verificar o nível de leitura e dificuldades dos alunos, bem como as temáticas preferidas pelos mesmos. Disponibilizamos o link de um questionário construído por nós na plataforma **Google Forms**. Basta clicar na imagem ao lado:.



2º) Em seguida, colocando em ação o **círculo de leitura**, a turma pode ser organizada em equipes para leitura silenciosa ou compartilhada dos poemas do livro de Ryane Leão *Tudo nela brilha e queima, poemas de amor e luta*.

3º) Após a leitura, sugerimos a realização de uma roda de conversa, visando ao compartilhamento de experiências de vida dos discentes com relação à leitura da obra. Abaixo está um link com perguntas que o professor poderá utilizar para mediar as discussões.

Clique na imagem para ter acesso as perguntas.





4º) Para o **registro** da leitura, propomos, então, a produção dos **gêneros resenha literária crítica e comentário** para que os alunos possam registrar suas reflexões e crítica acerca dos poemas lidos. O primeiro gênero a ser trabalhado será a **resenha literária crítica**, com o objetivo de mostrar a opinião dos alunos, com base nos critérios solicitados pelo professor. O segundo gênero proposto para ser produzido pelos discentes é o **comentário**, este gênero consiste em escrever uma opinião sobre determinada obra, seja música, dança, cinema e literatura. E os comentários também estão presentes nas redes sociais, como Instagram, Twitter e Facebook.

Conforme já informado nesse capítulo, a obra selecionada para o desenvolvimento da presente proposta didática - **Tudo nela brilha e queima: poemas de luta e amor**, aborda diferentes temas como: *Relacionamento abusivo, solidão da mulher negra, autoconhecimento, representatividade negra, amor próprio, identidade e empoderamento feminino negro*. Então, o docente tem liberdade em escolher diferentes temas para estudar com os alunos, a partir dos gêneros propostos para o projeto: **comentários e resenha literária crítica**. Ambos expressam posicionamentos sobre diferentes obras, e foram escolhidos para fomentar a criticidade dos estudantes a respeito da obra literária afro.



Sabemos que literatura afro possui uma linguagem que vai além da estrutura estética, apresentando argumentos que convencem e promovem a reflexão dos leitores a respeito das suas ações na sociedade. Nesse sentido, os discentes terão a oportunidade de conhecer e mostrar seus posicionamentos por meio da leitura da obra.

A resenha literária crítica será produzida no aplicativo **canvas**. É gratuito e pode ser baixado na **play store** ou ser utilizado no navegador do celular. Para acessá-lo, é necessário fazer uma conta por meio do **Gmail**, e nele terá diferentes **templates** ou espaços para colocar **imagens, escrever e colocar links**. Por ser um aplicativo gratuito e simples de mexer, o sugerimos para produção do gênero **resenha literária**.

Clique na imagem canva para aprender como faz uma conta no aplicativo.



Primeira atividade didática proposta

1- Para a produção da resenha literária crítica, os alunos podem se organizar e produzi-la em dupla. A resenha literária crítica fará um duplo papel: de facilitá-los o entendimento e de deixá-los opinar. Para atividade a obra utilizada será **Tudo nela brilha e queima: poemas de luta e amor**, da escritora afro Ryane Leão. Porém, *a resenha crítica será feita de uma das poesias contidas na obra e escrita no aplicativo Canva*. A seguir está um exemplo de resenha crítica produzida a partir da poesia intitulada **Identidade**, da **página 68** e está na obra: **Tudo nela brilha e queima**.



A seguir está o link da resenha literária produzida no aplicativo canvas, ela foi feita de uma poesia do livro. Clique na imagem a seguir para acessá-lo.



A atividade proposta permite aos alunos serem protagonistas do seu conhecimento, pois irão pesquisar, informar e expressar suas opiniões, de acordo com a poesia que escolherem da obra. A resenha literária crítica será produzida no aplicativo canva e compartilhada em sala de aula por cada dupla. Assim, os discentes terão a oportunidade de conhecer temáticas vivenciados por mulheres e homens negros, além de proporcionar a reflexão e criticidade na aula.

Segunda atividade didática proposta

A segunda atividade proposta será feita em outra aula, após as resenhas literárias, e os alunos irão trabalhar com o gênero **comentário**, o qual será individual e tem por objetivo propor uma interação entre os alunos e o professor(a) regente. Pode ser escrito ou oral. Na modalidade escrita, o comentário pode ser divulgado em diversas mídias digitais como Twitter, Instagram, Facebook, em chats do YouTube entre outros. Para a atividade abaixo, disponibilizamos um exemplo de comentário de um poema do livro **Tudo nela brilha e queima**, de Ryane Leão. Este comentário para exemplo foi feito no aplicativo **Anchor** em forma de **Podcast**. Para divulgar o comentário o professor poderá publicar juntamente com alunos no aplicativo **Anchor** o Podcast e assim todos os outros alunos podem ter acesso e até mesmo outros estudantes do ambiente escolar.



Para isso, é necessário criar uma conta no aplicativo com e-mail ou logar com o Facebook, dessa forma, os alunos poderão gravar, publicar no próprio aplicativo e compartilhar via WhatsApp. **Clique na imagem** para aprender como faz uma conta no aplicativo Anchor.



A seguir está um exemplo de comentário feito no aplicativo Anchor, a partir da poesia do livro **Tudo nela brilha e queima** e está na página 106. **Clique na imagem de microfone para ouvi-lo.**

que essas palavras
atinjam
tudo isso que você é
e te recordem
sobre os seus olhos, o nariz, a boca
o cabelo, os peitos, as marcas e as estrias
a barriga, as coxas e os pés
a cabeça e o coração

te admirar é imediato
você devia tentar



Fonte: LEÃO, 2017.

Esta proposta de atividade tem o intuito de ouvir as reflexões dos alunos, sua visão de mundo e de dar voz a estes estudantes para que possam ser críticos diante do que leem de relacionarem com suas vivências.

Algumas reflexões

Diante da leitura literária afro de Ryane Leão, percebemos o quanto a literatura traz à tona nossos sentimentos mais profundos, angústias e também a resistência, beleza e poder. E conhecer autores negros é necessário para mudanças das nossas atitudes, sejam em relação de identidade ou pertencimento de jovens negros.



Como nos fala a autora Ryane Leão: "se enganam os que não sabem que a literatura é uma arma, a mais carregada, a mais poderosa, tanto que os livros que um dia foram incendiados ficaram." Então, utilizem as obras literárias como "armas" para construir um relacionamento de amor próprio e entender que toda cultura tem sua beleza e não precisamos seguir padrões instituídos da sociedade, pois já somos belos com os nossos padrões e não romantizem o que rasga o peito, mas continuem lutando pelos seus direitos, pois a educação é a principal forma de conquistarmos nossos objetivos e direitos.

Divulgando nossa proposta

O capítulo **Poemas de amor e luta: a construção de caminhos ao autoconhecimento e à representatividade negra através dos círculos de leitura** tem o intuito de fazer com que professores e discentes possam conhecer e trabalhar em sala de aula a literatura afro, fazer a leitura e discussão das obras de escritores negros, em especial o livro de poemas ***Tudo Nela Brilha e Queima*, de Ryane Leão**. Trabalhá-lo em sala de aula fará com que você, professor, desenvolva em seus alunos o senso de pertencimento, a autoestima, as raízes, o feminismo, o olhar para dentro de si, e a prática da escrita, pois a autora aborda também a temática da possibilidade de se escrever o que sente. A leitura literária de modo geral, através da reflexão e criticidade, contribui significativamente para uma educação pautada no respeito e na igualdade, faz com que os educandos superem dificuldades de leitura, escrita, compreensão e interpretação textual. Com nosso projeto de círculos de leitura, queremos que, além disso, eles entrem em contato com gêneros textuais e desenvolvam suas regras de escrita. Nossa proposta está inteiramente ligada às relações cotidianas e à bagagem que os alunos trazem além dos muros da escola.



Referências

BEYONCÉ. Brown Skin Girl. YouTube, 24 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vRFS0MYTC1I>>. Acesso em: 24 de jun. de 2022.

BACO EXU DO BLUES. Autoestima. YouTube, 26 de jan. de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5Zj9aef2AEE>>. Acesso em: 24 de jun. de 2022.

Comentamos o livro Terra Sonâmbula, de Mia Couto. **Escrever Online**, 2017. Disponível em: <<https://www.escreveronline.com.br/analise-do-livro-terra-sonambula-de-mia-couto>>. Acesso em: 04/07/2022.

Como fazer uma resenha crítica. **Toda Matéria**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/resenha-critica/>>. Acesso em: 24 de jun. de 2022.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

EDUARDO, Luíz. Como criar uma conta gratuita no anchor. YouTube, 2020. disponível em: < <https://youtu.be/jBW6dL1LIUg>>. Acesso em 28 jun. 2022.

ERIVO, Cynthia. Stand Up. **YouTube**, 23 de mar. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nI6QDeC5t_w>. Acesso em: 24 de jun. de 2022.

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima: poemas de luta e amor**. São Paulo, Planeta do Brasil, 2017.



PEREIRA, Terezinha. **O Gato e o Escuro, de Mia Couto - uma história contra o medo.** Universo dos Leitores, 2014.

Disponível em:

<<https://www.universodosleitores.com/2014/03/o-gato-e-o-escuro-de-mia-couto-uma.html>>. Acesso em: 04 de jul. de 2022.

Tudo Nela Brilha E Queima. **Doceru Brasil**, 2022. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/n10s0s>>. Acesso em 24 de jun. de 2022.



CAPÍTULO

06

ARANHA,

A

ARTISTA

NNEDI OKORAFOR

Aspectos temáticos e os diálogos com a contemporaneidade a partir do conto *Aranha*, de Nnedi Okorafor



Ana Clara de Sousa Alves

Larissa Costa Pinto Cantanhede

Lídia Cristina Furtado Ribeiro

Ana Patrícia Sá Martins

1. Apresentação

A obra a ser estudada neste capítulo tem como título *Aranha, a artista*, um conto de 36 páginas, publicado em 2020, de autoria da escritora Nnedi Okorafor. Neste conto, Nnedi mistura narrativas reais e elementos ficcionais para contar a história de uma mulher sofrida, que tenta encontrar um sentido para a vida e viver pequenos momentos de alegria com a companhia do seu violão.

A escritora envolve os leitores ao utilizar temáticas contemporâneas que provocam ricas reflexões, além de nos apresentar elementos do *afrofuturismo*, importante corrente da ficção científica. Nnedi nos instiga a refletir sobre temas como a violência doméstica, capitalismo e descaso com as populações mais pobres.





2. Conhecendo a autora e a obra



Nnedi Okorafor é uma escritora de livros de fantasia e ficção científica nascida em 1974, em Ohio, nos Estados Unidos. Descendente de nigerianos, sua produção literária é fortemente

marcada pela mistura de fantasia, ficção científica, realismo mágico e afrofuturismo.

Aos 19 anos, enquanto estava na faculdade, sofreu de complicações devido a uma cirurgia na coluna, que a deixaram paralisada da cintura para baixo. Foi nesse período em que se dedicou inteiramente para a escrita.

Inicialmente, escrevia livros infantojuvenis. Em 2011, escreveu seu primeiro livro para adultos *Quem Teme a Morte*. Posteriormente, voltou a ganhar atenção e prêmios por *Binti*.

“E se uma garota africana de uma família tradicional fosse aceita na mais renomada universidade da galáxia, a planetas de distância? E se ela decidisse ir?”


Nnedi Okorafor para TED Talk, 2017.

Em março de 2018, foi anunciado que ela escreveria *Wakanda Forever*, uma série de três volumes. Nnedi também tem um projeto de adaptação da sua obra *Quem Teme a Morte*. Atualmente, está desenvolvendo

Saiba mais! – □ ×

Para entender um pouco o que é o afrofuturismo, você pode acessar o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2020/09/o-que-e-afrofuturismo/>

☰  □



o roteiro da série *Wild Seed*, estrelada por Viola Davis.



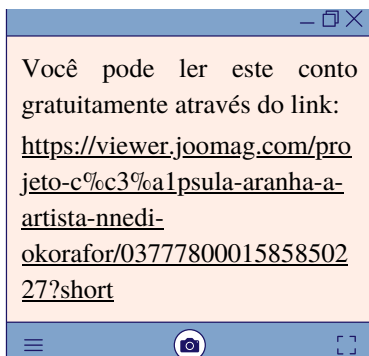
Para conhecer um pouco mais sobre Nnedi Okorafor e seu trabalho, assista:



https://www.youtube.com/watch?v=twg3Q_2Uzcw

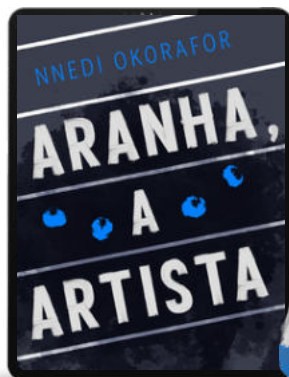


Aranha, a artista é um conto que relata a história de uma mulher nigeriana que mora em um vilarejo no interior. Nesta área dominada por grandes empresas petrolíferas, foram desenvolvidos robôs em formato de aranha para impedir os invasores.



Eme, a protagonista do conto, é uma mulher vítima de violências constantes do seu marido. O seu violão se torna um refúgio e ela encontra na música seus pequenos momentos de alegria. Num certo momento, uma das aranhas é atraída pelo som do seu instrumento e, estranhamente, as duas desenvolvem uma conexão.

Nnedi constrói uma narrativa que mescla realidade com ficção, apresentando o embate entre humanos e máquinas, além de denunciar a violência contra a mulher, destruição da natureza e a ganância humana.





3. A leitura literária

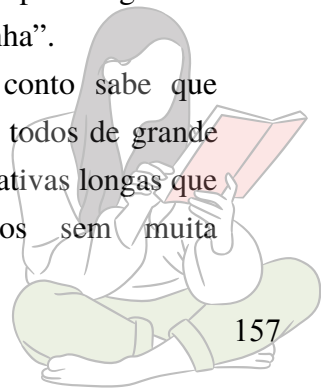
3.1 O conto

O **conto** literário é um gênero textual narrativo curto, envolvendo apenas um conflito. Geralmente, o conto apresenta poucos personagens, espaço e cenários limitados, com corte temporal reduzido, apresentando o clímax como o momento de maior tensão na história.

Os **personagens** são aqueles que executam e sofrem as ações na história. No conto, os personagens podem ser animais, objetos e os próprio seres humanos. Tem-se o **narrador**, que pode ser em primeira pessoa, observador ou até mesmo onisciente. Apresenta também o **tempo** e o **espaço**, sendo o primeiro a época em que a história ocorre e o segundo relacionado ao cenário no qual se passa a história. E por fim, o **enredo** e **conflito**.

Em *Aranha, a artista*, Okorafor explora minuciosamente todo esse conceito de conto. O conflito está voltado unicamente para o problema das usinas de petróleo e como isso está ligado com ao fato da solidão da personagem principal, envolvendo pobreza, mortes das populações locais, dentre outras dificuldades. Além disso, tem-se apenas três personagens: o marido, Andrew; a protagonista, Eme e a “aranha”.

O leitor que entende bem o conceito do conto sabe que precisamente a história vai focar neles, sendo todos de grande importância no enredo, diferentemente de narrativas longas que apresentam personagens muito secundários sem muita importância.





A linguagem simples e bem acessível ao público, não precisando de conhecimentos tão aprofundados para captar a mensagem central.

Porém, por se tratar de uma autora africana que reside nos Estados Unidos, o conto apresenta algumas referências norte-americanas, não só na linguagem como a



menção de alguns cantores. Há quem diga que o próprio conto não tem uma referência cultural africana isolada. Entretanto, Nnedi consegue levar ao leitor algumas referências a fatos acontecidos na Nigéria, ainda que através de uma narrativa fantástica.

Encontram-se demasiadamente no livro palavras ligadas as indústrias de petróleo, que, se bem observado, pode ser a única dificuldade que o leitor possa encontrar para saber exatamente seu significado. Porém, o conto apresenta bastantes notas de rodapé que ajudam a leitura a ficar mais leve.

4. A obra no contexto educacional



A linguagem é primordial para que haja interação social, é por meio dela que compartilhamos nossas ideias, visões de mundo, e nos fazemos compreendidos, ao passo que o outro também se faz compreendido da mesma forma, e assim há trocas de conhecimentos que possibilitam a interação social.

Uma das manifestações da linguagem é a forma escrita, que aprendemos e aprimoramos na escola.



Ela é uma forma eficaz de inserir os indivíduos dentro de uma sociedade, pois por possuir regras específicas exige que o aluno aprenda e saiba em que contextos aplicá-las. Entende-se o ato de escrever como de vital importância para o desenvolvimento dos sujeitos, pois é um mediador simbólico de ordem superior, que proporciona o desenvolvimento cognitivo e aprendizagem o qual, segundo Vygotsky, depende essencialmente do domínio que a criança tem dos mediadores simbólicos, da sua apropriação e internalização na forma de ferramentas psicológicas internas. (KOZULIN, 2003, p.24).

Para além da visão ortográfica e gramatical, faz-se necessário cada vez mais trabalhar a linguagem escrita em seu aspecto social e cultural, alinhada a competência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) que corresponde a “compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem”. Assim, projetos que incentivam os discentes a expandirem sua visão escrita e compreenderem sua função social são de suma importância no contexto educacional, possibilitando trabalhar de forma interdisciplinar, dinâmica e contextualizada.

5. Objetivos

Nossa proposta didática tem como objetivos:

1. Identificar as práticas escolares que visam o desenvolvimento da função social da leitura e da escrita;
2. Estimular a autoria dos alunos;



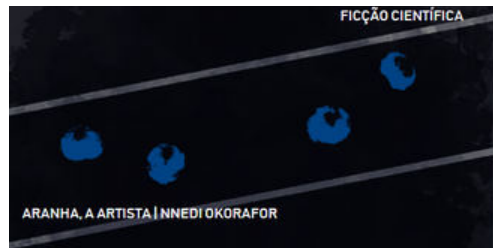
3. Promover o prazer à leitura e ampliação do repertório literário;
4. Apresentar diferentes modos de contação de história.

Assim, considerando o gênero literário conto como um instrumento de ensino e ferramenta social, elaboramos uma proposta didática a partir da leitura de *Aranha, a artista* da autora estadunidense com ascendência nigeriana Nnedi Okorafor.

Dentre várias temáticas possíveis de serem abordadas com a leitura do referido conto, optamos por enfatizar o aspecto social relacionado à violência doméstica.

Inicialmente, é necessário que o professor disponibilize a obra para a leitura dos alunos, a qual pode ser encontrada no site da Editora Morro Branco.

Clique na figura ao lado e será direcionado ao site:



Após a leitura do conto, organize uma roda de conversa para conhecer as percepções iniciais dos alunos sobre a obra.

Seguem algumas sugestões de perguntas:

- Sobre o que a obra trata?
- Quais aspectos mais chamaram sua atenção?
- Que tipo de violência a protagonista sofre?
- Em quais trechos é perceptível a violência sofrida pela protagonista?
- Existem trechos, palavras e/ou expressões que remetem a África? Quais são eles?
- Quais são elementos característicos do gênero Conto são encontradas na obra?

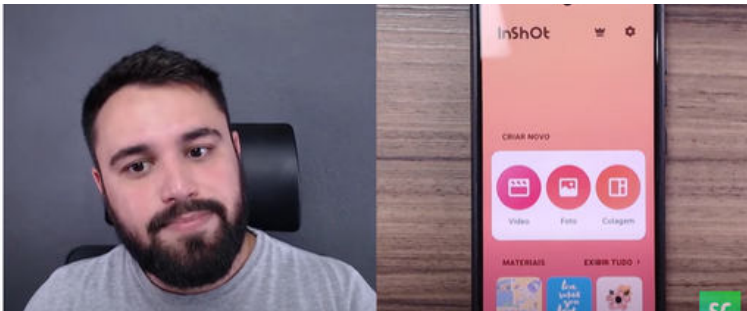


Dando continuidade, o professor pode organizar a turma em equipes de trabalho, solicitando que cada uma realize uma pesquisa em diferentes fontes acerca de casos de violência doméstica.

As equipes deverão reunir informações coletadas em jornais, redes sociais, boletins oficiais (de ONGs, delegacias, etc), e produzir um pequeno vídeo no aplicativo Inshot, o qual será compartilhado em um canal do You Tube criado pela turma.

O processo de coleta de dados pode ser mediado e orientado pelo professor ao longo de um período a médio prazo, e acompanhado uma vez por semana.

A produção pode ser realizada pelo celular ou computador. Para isso, sugerimos que o professor reserve ao menos duas aulas com os alunos para explicar e treinar os processos explicados no tutorial disponível no link abaixo.



<https://youtu.be/2OPU-8-mq2Y>



A atividade consiste em correlacionar a violência abordada na obra com casos verídicos que ocorrem na sociedade, conscientizando os alunos.



Além do canal no You Tube, a turma pode postar os vídeos em um perfil criado pelos grupos na rede social Instagram.

O que deve obrigatoriamente conter no perfil:

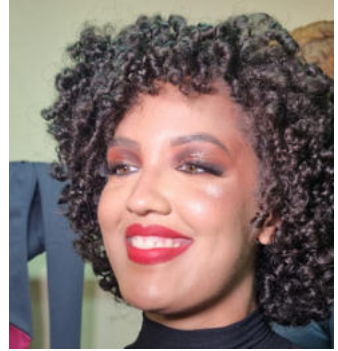


1. Apresentação da página e dos membros;
2. Como identificar a violência doméstica;
3. Como combater;
4. A importância que a obra teve no que tange a essa problemática social para os alunos.



AUTORAS

Me chamo Lídia, tenho 22 anos. Atualmente sou graduanda do curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Inglesa na Uema, campus São Luís. A área da Linguística sempre foi algo que me fascinou e pretendo seguir carreira. Contato: lidiacristina615@gmail.com



Me chamo Larissa, tenho 22 anos. Atualmente, sou graduanda do curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Inglesa na Uema, campus São Luís. Contato: larissacantanhede2019@gmail.com



Sou Ana Clara, tenho 22 anos e sou graduanda do curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas, na UEMA, campus São Luís. A Literatura sempre se fez presente na minha vida e é ao que pretendo continuar me dedicando ao longo da minha jornada. Contato: claralvs2015@gmail.com





REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

COUTINHO, Fernanda. **Mulheres nos quadrinhos**: Nnedi Okorafor. Delirium Nerd, 2019. Disponível em: <<https://deliriumnerd.com/2019/04/02/mulheres-nos-quadrinhos-nnedi-okorafor/>>. Acesso em: 10 de jul. de 2022.

KOZULIN, Alex. Ferramentas psicológicas e aprendizagem mediada. In: KOZULIN, Alex; GINDIS, Boris; AGEYEV, Vladimir S.; MILLER, Suzanne M. (Org.) **Vygotsky's educational theory in cultural context**. New York: Cambridge University Press, 2003.

MARINHO, Fernando. Conto. Brasil Escola, 2022. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/o-conto.htm>> . Acesso em: 12 de jul de 2022.

VINÍCIUS, Paulo. Resenha: "Aranha, a artista" de Nnedi Okorafor. **Ficções Humanas**, 2021. Disponível em: <<https://www.ficcoeshumanas.com.br/post/resenha-aranha-a-artista-de-nnedi-okorafor>>. Acesso em: 10 de jul. de 2022.

CAPÍTULO

07

Maria Zilda Araújo Ribeiro

Kathleen Soares dos Santos

Jéssica Ianka Raiol Pereira

Ana Patrícia Sá Martins

ALLAN SANTOS DA ROSA

Zagaia

**EU-CONTO: TRANSFORMANDO HISTÓRIAS
DE VIDA EM CONTOS ILUSTRADOS**



Ilustração de Marcelo

D'salete- 165
capa original

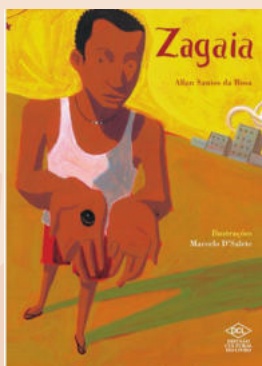
Conhecendo o autor e a obra

Nascido em 10 de abril de 1976, Allan Santos da Rosa é natural de São Paulo, onde também cresceu, no bairro de Americanópolis, zona sul do estado. Graduou-se em História na Universidade de São Paulo, onde atuou posteriormente como professor.



Na USP, participou do projeto educom.rádio, da Escola de Comunicações e Artes – ECA e também do Núcleo de Consciência Negra. Em 2002, ministrou oficinas de capacitação para produção radiofônica em escolas municipais de Ensino Fundamental.

Desde então, realiza intenso trabalho na capital e no interior do Estado, em que procura integrar a literatura com a música e com as artes plásticas, através de palestras, de cursos, de oficinas e de exposições. Integrou o Teatro Popular Solano Trindade, em Embu das Artes, o Grupo Cupuaçu – Danças e Tradições Afro-maranhenses e o Grupo de Dança Afro-contemporânea Aluvayê.



Como agitador cultural, participa de inúmeras atividades de promoção da leitura e da literatura entre jovens e adultos, com ênfase nas comunidades da periferia paulistana. Em 2002, integrou a coordenação da “Semana de Arte e Cultura do Galpão, Jardim João XXIII”; em 2005, participou da organização do Primeiro Encontro de Escritores da Periferia, na Favela do Jardim Colombo e na

Ação Educativa/SP; em 2006, organizou o Núcleo de Literatura Periférica do Centro de Juventude e Educação Continuada. Foi também curador da exposição fotográfica “COOPERIFA - a Poesia é nossa cara”, junto ao projeto Ação Educativa; e coordenador do curso “Áfricas”, realizado no Espaço Senzalinha, no Parque Pirajussara.

No campo da produção literária, criou o selo "Edições Toró", de perfil alternativo, com publicações marcadas por um trabalho artesanal e pela presença de autores jovens, vindos da periferia paulistana, e sem espaço no mercado editorial. Como escritor, incorpora em sua linguagem a tradição da cultura negra e experimenta diversas formas literárias como a prosa, a poesia e o texto dramático. É autor do livro de poemas *Vão*, de 2005, da peça teatral *Da Cabula*, lançada em 2006 e vencedora do Prêmio Ruth de Souza, e do volume *Morada*, lançado em 2007, em que articula um diálogo entre poesia e fotografia.

Sua obra de 2007, *Zagaia*, é um livro infantojuvenil, que conta, em versos característicos da literatura de cordel, a história de uma família de descendentes de escravos composta por uma mãe e seus quatro filhos: três meninas e um menino. Esta família partiu do Norte de Minas Gerais em busca de uma vida com melhores condições. Durante a viagem, experimentaram muitíssimas dificuldades, parando finalmente em Diadema, no estado de São Paulo.



*Viu varizes e olheiras
Não queria tal destino
Aceitaria dar suor
Em ofício genuíno
Trabalhar com harmonia
Como haste e violino*

*Disposto para enigmas
Viver em alta voltagem
Sangue correndo contínuo
Concentrou sua coragem
Ser feliz com sua arte
E amar sem pilantragem*

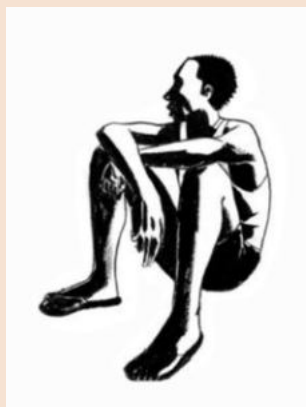
20

Fonte: Rosa, Zagaia (2007, p.20)

Neste ponto da narrativa, é apresentado ao leitor, Zagaia, menino cujo nome intitula a obra. O termo, conforme o autor e também Nei Lopes, é de origem Kikongo e remete a um afiado instrumento de caça, tendo passado a denominar, na linguagem popular, alguns tipos de faca. Da Rosa comenta:

[Zagaia] significa “faca de ponta” ou “lança”, é instrumento de caça e de revide. Nalgumas ocasiões, espingardas escravistas foram combatidas com as zagaia afiadas, arremessadas ou de espetar de perto. Ainda hoje no Nordeste do Brasil ou até mesmo nas periferias paulistanas e cariocas, em feiras, presídios e em turnos operários de linhas produção, nas bocas do subúrbio zagaia significa faca artesanal.

Fonte: (DA ROSA, 2007 apud BICALHO, 2018)



Fonte: Rosa, Zagaia (2007, p.19)

Zagaia é um moleque travesso e cheio de vida. O autor descreve as condições sociais em que o menino se encontra, destacando a violência do subúrbio onde ele mora e as condições precárias de sobrevivência. Filho de pai presidiário, em meio a tudo isto, a única chance de “vencer a tentação” da vida no crime é, mesmo sob condições estruturais péssimas, “apostar em fazer a lição”.

A escola é a única possibilidade vista por Zagaia de ter uma vida melhor. Atrelado a isso, há uma crítica aberta à televisão e à forma que esse tipo de arte veicula informações, segundo o autor, “maquiada”, “de araque”. Zagaia, por sua vez, faz da “dança, rima e berimbau” sua válvula de escape, a arte em que acredita.

A história segue e Zagaia, mesmo desviando-se das emboscadas da vida, não consegue escapar ileso das armadilhas do amor: apaixonou-se por uma dondoca que, infelizmente, não corresponde aos seus sentimentos. Ela, na verdade, só gostava de rapazes que, além de possuírem motocicleta, satisfizessem suas aspirações financeiras pra lá de ambiciosas. Mesmo sendo alvo dos suspiros de muitas outras moças, Zagaia continua apaixonado pela sua amada e busca, então, em Angola e nos versos, a cura para o seu coração partido.



Fonte: Rosa, Zagaia (2007, p.34)

Em meio ao caos social e à violência do bairro em que se encontra, Zagaia logo sente necessidade de “partir pro mundo”. Na estrada pela segunda vez, a obra mostra Zagaia incorporando outros ritmos da cultura popular afrodescendente: calundu, carimbo, “répi”, samba de roda; todos eles tornam-se sua válvula de escape, sendo a arte em que acredita, outorgam-lhe a capacidade de desviar do “caminho mau” e manter-se a salvo dos perigos.

Em seu percurso, Zagaia encontra elementos fantásticos que, em meio as injustiças sociais, figuram um universo mágico à parte, do qual Zagaia é o protagonista. Seres mágicos, como o gato malandro, jogador de bilhar, que desafia o menino com uma charada e o “velho pimpão”, que entrega a Zagaia uma semente mágica, a ser semeada no momento apropriado.

Zagaia vislumbra a chamada “Cidade sem cativo”, repleta de signos e símbolos africanos. Realizado, Zagaia experiencia o lugar de perfeita harmonia, onde se cultivam sonhos e amores.

A leitura literária

O gênero cordel

A leitura do gênero literário cordel é ampla e social, pois traz uma reflexão acerca das especificidades do gênero lírico, marcado pela oralidade, e das suas vozes sociais, de sujeitos marginalizados historicamente. Por isso, esse é um dos assuntos que o professor pode explorar nesse capítulo. No cordel música e poesia não são diferenciadas, pois o ritmo já faz parte do formato dessa poesia. Vale lembrar que cantar é uma forma de agrupar as pessoas e uma “regra infalível de aproximação psicológica, preparação simpática, envolvimento fraternal” (CASCUDO,1984). Esse processo de ouvir e de repetir é visto como um modo de guardar a memória de um texto. Nele, as pessoas aprendem cantando e dançando. Essa aprendizagem dinâmica, que envolve a voz e o corpo, fortalece o poder da criatividade do leitor.

Além do envolvimento estético, há a possibilidade de uma reflexão social diante de temas polêmicos que a dramatização do cordel pode despertar. Como o ato de ler é um ato colaborativo e produtivo de sentidos, ele necessita de sujeitos envolvidos no processo. No caso do cordel, as especificidades líricas provocam esse compartilhamento de novos sentidos que são identificados na interação entre leitor e ouvintes. Esse envolvimento passa pela valorização da subjetividade do leitor e pela dramatização da leitura, que convida o leitor a uma

coautoria que se desenha por meio das palavras pronunciadas e pelos gestos e sinais que enchem o espaço.

O vocabulário

Outro assunto que pode ser abordado pelo professor é a aquisição de um novo vocabulário, pois o texto apresenta diversas palavras de difícil compreensão, como nos trechos a seguir:

*“No bairro onde ficaram
Predomina a pindaíba
Guetos quentes sempre cheios
De irmãos da Paraíba
Moeda forte por ali
É malícia e catimba.”* (Pág.9)


Pindaíba: substantivo feminino [Brasil] Gír. Penúria, falta de dinheiro. Estar ou andar na pindaíba, estar sem dinheiro.

Catimba: substantivo feminino [Pop] Astúcia, manha: A catimba é uma das qualidades do futebolista brasileiro.

*Crime é caminho fácil
Da rua para o ringue
Vem garruchas e metrancas
No lugar do estilingue
Da fantasia pro fatal
Às vezes nem se distingue* (pag.11)

Garruchas: substantivo feminino. Mecanismo com que se armavam as bestas. Antigo instrumento de tortura.

Metrancas: Metralhadoras



*"Falsetes causam vertigem
Alegrias de araque
Propagandas vêm rasante
Como porres de conhaque
Fazem passar por sublime
Cada tosco badulaque (pag.12)*

Araque: Brasil, Informal] Acontecimento ocasional, imprevisto. [Brasil, Informal] Por acaso, casualmente. [Brasil, Informal] De fraca qualidade.

Badulaque: substantivo masculino


Culinária: espécie de ensopado de vísceras (fígados, bofes); cabidela, chanfana.



EU-CONTO: Transformando histórias de vida em contos ilustrados

Na obra Zagaia, podemos conhecer a trajetória desse menino-homem, cujo nome nomeia sua própria história. Através das descrições dadas pelo autor da origem de Zagaia, do ambiente no qual morava, das circunstâncias nas quais encontrou-se em diversos momentos de sua vida e dos desafios que surgiram, podemos nos aproximar da obra e do personagem, que é tão único, mas, ao mesmo tempo, é tão “muitos”. Zagaia representa toda história comum de garotos comuns que, na beleza de sua idiossincrasia, faz-se extraordinária. Toda história merece ser contada.

A nossa proposta consiste em levar o aluno a uma produção subjetiva, desvendando-se e reconhecendo a si próprio enquanto sujeito histórico e social em uma escrita de si e das vivências em sua comunidade. Conforme Sarmiento (2020), ao narrar, a criança, ainda que subordinada a regras sociais, tem sempre margem de iniciativa e decisão para reconstruir a sua realidade, e o faz na sua inteireza, com o seu pensar, o seu sentir e o seu querer, isto é, afirma-se como sujeito biográfico. Para Benelli (2022), as práticas autobiográficas assumem um papel estratégico na autoeducação em termos de: habilidades autorreflexivas, de escuta, de memória e de consciência, ainda nesta fase da vida.




Propor um laboratório de autoescrita no ensino fundamental permite vivenciar a escola como um lugar de escuta, de possibilidade de narração autobiográfica e de acolhimento, bem como de aprendizagem, além de favorecer a coesão do grupo ou turma e diminuir os fenômenos de exclusão ou conflitos. (BENELLI, 2022)

Ainda segundo o autor, a escrita de si também pode ser um método formativo e transformador, pois é considerado um processo importante para a construção do sentido da experiência. Escrever sobre si mesmo é uma atividade que, possivelmente, o estudante já fez, mas de uma forma menos consciente e sistematizada. A nossa proposta é levar o estudante a pensar sobre si, sua história de vida e trajetória até o tempo presente, envolvendo, além de informações subjetivas, também questões sociais, como o espaço onde mora e caracterização de sua vivência em comunidade. Tal como Zagaia, o estudante será o protagonista de seu relato, aqui sugerido em formato de conto.

Conhecendo o gênero CONTO

Allan da Rosa em sua obra *Zagaia* nos leva a conhecer a vida na periferia paulistana por meio de versos baseados no cordel. Muitas são as dificuldades e humilhações narradas pelo jovem, no cenário em que sua vivência e andanças se desenvolvem. Mas ali ele também encontra beleza, amadurece, encontra o amor, e da própria rotina forja sua poesia em forma de cordel. As ilustrações primorosas em tinta nanquim sobre papel são de Marcelo D'Salete. Apesar do tamanho e estrutura dos versos, os relatos em *Zagaia* se assemelham muito a um conto.

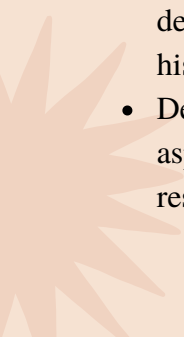
O conto é um gênero literário que possui uma narrativa curta e tem por finalidade a necessidade intrinsecamente humana de contar e ouvir histórias. Desde as narrativas orais dos povos antigos- gregos e romanos, lendas orientais, parábolas bíblicas, novelas medievais, até os dias de hoje, o gênero conto é um dos mais populares na história e possui uma estrutura específica que é muito importante para a composição do enredo: situação



inicial, desenvolvimento e situação final. Além disso, o conto é desenvolvido ao longo da narrativa por meio do conflito, clímax e desfecho.

Apesar dos diferentes tipos de conto- conto de ficção científica; conto infantil juvenil, conto fantástico, etc, os elementos comuns da narrativa são espaço (apresentado por meio de recursos descritivos que caracterizam o lugar- pode ser um espaço físico/geográfico e social- condiz com as condições socioeconômicas, morais ou psicológicas dos personagens), tempo (cronológico- medido em horas, meses, anos, séculos e/ou tempo psicológico- tempo “interior”, aquele que ocorre com base na imaginação ou memória do narrador ou personagem), verossimilhança (aquilo que é “provável”, ou seja, um universo possível de ser realizado dentro de uma narrativa ficcional) e foco narrativo (posição que o narrador assume para relatar os acontecimentos; geralmente o conto pode ser narrado em 1º pessoa ou 3º pessoa). Com relação à narrativa, devido à necessidade de contextualizá-la, o gênero conto sofreu diversas transformações ao longo do tempo, originando os diferentes tipos de conto.

Os três elementos da composição do enredo podem ser definidos da seguinte forma:

- Situação inicial: parte introdutória que coloca em evidência a situação que dá início à narrativa, pode ser um acontecimento ou um fato, apresentando de forma descritiva os personagens, o tempo e o espaço nos quais a história ocorre;
 - Desenvolvimento: momento no qual ocorre a quebra do aspecto descritivo e surge o conflito na narrativa que deve resultar no clímax- ponto de tensão da narrativa.
- 

- Situação final: momento no qual o conflito é resolvido, resultando na quebra ou confirmação das expectativas do leitor, é o desfecho do conto.

Os elementos fundamentais responsáveis por dar uma boa estruturação à narrativa são:

- Conflito: oposição entre os elementos da narrativa, resultando em uma tensão que organiza os fatos. O conflito instiga o leitor em relação à narrativa;
- Clímax: momento no qual a narrativa alcança a tensão máxima. É o ponto culminante do conflito. Trata-se também de uma técnica muito utilizada para despertar a curiosidade do leitor;
- Desfecho: solução do conflito, situação final do conto.

Conheça um dos contos brasileiros mais famosos: A Cartomante, de Machado de Assis



Fonte: ASSIS, Machado. A Cartomante e outros contos. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

Fonte: Google Imagens. Acesso em 12 Jul 2022.

O enredo do conto gira em torno de um triângulo amoroso composto pelo casal - Vilela e Rita - e um amigo de infância muito próximo do rapaz - Camilo. Com medo de ser descoberta, Rita é a primeira a consultar uma cartomante. Camilo, que inicialmente zomba da amante, afasta-se do amigo após começar a receber cartas anônimas para falar daquela relação extraconjugal. Depois de receber um bilhete do amigo dizendo que precisava falar com ele urgentemente, Camilo fica aflito e, assim, antes de ir à casa de Vilela, resolve fazer o mesmo que a amante e também vai à cartomante, que o tranquiliza. Camilo vai à casa do amigo confiante de que a relação continuava em segredo, mas encontra Rita morta e ensanguentada. O conto termina com a morte de Camilo, assassinado por Vilela com dois tiros de revólver.

“Machado de Assis se destacou em suas obras por apresentar a personalidade do ser humano através de seus personagens e as mesmas apresentam fortes características psicológicas em seus contos.”

Fonte: (Oliveira, 1999 apud FRANÇA; PAULA, 2017, p. 2)

O referido conto possui traços particulares da escrita machadiana, como a ironia e a inserção na narrativa de temáticas consideradas como tabus, como por exemplo, a questão do adultério, a crítica à burguesia e à sociedade nos séculos passados, etc. Desse modo, é possível perceber o espaço discursivo que um conto possibilita, ou seja, é possível percorrer em um conto, através de uma história, diversos temas e questões sociais. Bem como em Zagaia, que apesar de não ser classificado totalmente como conto, é possível perceber grande parte das características do gênero conto na narrativa de Allan

da Rosa, como a exposição do relato de consciência e crítica social que ocorre durante toda a narrativa.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar a relevância do texto literário em sala de aula. Nos livros didáticos, é possível encontrar trechos de textos no gênero conto, porém, muitas vezes, os recortes não dão conta de apresentar aos estudantes a grande bagagem cultural que as obras trazem em seu escopo e tampouco dão espaço para um desenvolvimento de consciência crítica-reflexiva e formadora de produções literárias que despertem nos alunos o interesse de narrarem suas próprias vivências e dilemas em suas comunidades, lares e contextos.



Procedimentos para desenvolvimento do projeto

Dada a devida importância ao gênero conto para o processo de ensino-aprendizagem, o trabalho com o gênero conto é pautado em suas particularidades para a compreensão dos estudantes, na leitura e na escrita, de forma com que o texto narrativo ajude o professor a desenvolver práticas de leitura, compreensão crítica e produção literária com os alunos, além de influenciar a escrita criativa usando a imaginação ou fatos do cotidiano. O gênero conto pode fazer parte, dessa maneira, da base para o trabalho com a língua e a literatura em sala de aula, visto que ele está presente no cotidiano social, além de ser um gênero curto e de fácil compreensão para os estudantes, pois a linguagem e o conteúdo utilizado para sua produção fazem parte da realidade

dos leitores, já que tal gênero é “produzido à luz das situações cotidianas” (ARAÚJO, 2015, p. 04). Nesse ínterim, as abordagens com o gênero conto em sala de aula podem acontecer de maneira mais descontraída. No entanto, Cunha, Amandio e Saraiva (2010, p. 5) inferem que “Os contos, por serem mais curtos e propiciarem uma leitura mais rápida, viabilizam sua leitura integral numa só aula, o que permitirá ao professor realizar uma leitura compartilhada com os alunos.”.

Público-alvo: Anos finais do ensino fundamental /
Primeiro ano do ensino médio;

Tempo estimado: 3 ETAPAS (cada etapa compreende dois horários de aula);



Conteúdo: Texto literário – Gênero textual conto;

Objetivos: Ampliar o conceito sobre gênero textual, enfatizando o gênero conto; Compreender, a partir da leitura, as diferenças entre texto literário e não literário; Refletir sobre o foco narrativo; Trabalhar leitura e produção de sentidos; Criação de um conto ilustrado.

Procedimentos para desenvolvimento do projeto

Abaixo, propomos um roteiro de aula que pode ser utilizado pelo professor:

Etapa 1:

- Crie um ambiente diferenciado para esta aula. Sugerimos uma roda de leitura, música-ambiente, um tapete grande e alguns livros compondo o cenário neste primeiro momento. Peça aos estudantes que assentem-se no chão e comece a conversar com eles. Algumas sugestões de perguntas para introduzir o assunto:
- Você conhece autores negros? Já ouviu falar em literatura afro-brasileira? Você sabe o que significa representatividade? Dê exemplos. Qual a importância de se trabalhar a literatura afro-brasileira na escola?
- Dadas essas questões iniciais, apresente o autor da obra que inspira este projeto: Allan Santos da Rosa. Você pode apresentar brevemente a biografia deste autor.
- Em seguida, apresente o livro Zagaia, a obra que vocês lerão juntos;
- Você pode acessar o livro no link abaixo do **Google Drive**, onde disponibilizamos a obra em áudio e em pdf. Fique à vontade para escolher o melhor formato que se adapta à sua turma. Se escolher o formato audiobook, certifique-se de levar o projetor e permitir que os alunos acompanhem a leitura feita em áudio pelo PDF, para evitar que percam a atenção. Se escolher o formato PDF, o ideal é que seja feita uma leitura compartilhada, explorando a capacidade dos próprios alunos de dar vida ao texto;

Clique no ícone abaixo
para acessar o livro



- Após a leitura do livro, você pode dividir a turma em dois grupos. Cada grupo poderá refletir sobre alguns aspectos da obra. Sugerimos algumas perguntas para nortear a discussão:
- Grupo 1: Fale um pouco sobre o personagem principal desta obra (seus interesses pessoais). / Fale um pouco sobre a família de Zagaia. O que sabemos sobre eles? / Caracterize o bairro onde Zagaia morava com sua família. / Quais foram as dificuldades que Zagaia encontrou pelo caminho? / Como a trajetória de Zagaia terminou?
- Grupo 2: Você teve dificuldade na compreensão desta obra? / A que público você acha que essa obra foi destinada? / Resuma o conteúdo deste livro em uma frase. / Compartilhe o glossário desta obra com o restante da turma (o professor disponibilizará para você). / Quais são os acontecimentos mais marcantes desta obra?
- Finalize a aula com o compartilhamento das respostas.

Etapa 2:

- A etapa 2 será destinada à produção dos contos ilustrados.
- Inicie a aula relembando a obra, que trata sobre a história de vida do menino Zagaia.
- Cada um de nós tem uma história peculiar e única! Os estudantes terão a oportunidade de transformar as suas histórias de vida em contos.
- Explique para os alunos o que irá acontecer. Apresente o nome do projeto e fale sobre o objetivo desta atividade.
- Antes que os alunos comecem a produzir, dê uma breve explicação sobre o gênero conto.
- Esclareça possíveis dúvidas que surgirem quanto ao gênero textual ou ao desenvolvimento da atividade.

Você pode disponibilizar aos alunos um roteiro para a produção, para que eles não fiquem perdidos quanto ao que escrever.

GUIA PARA ESCRITA DO SEU CONTO

- **Situação inicial:** comece o conto apresentando de forma descritiva os personagens, o tempo e o espaço nos quais a história ocorre. O personagem principal deve ser inspirado em você (mas, se preferir, pode escolher outro nome para ele - desde que seja sua história!). Aqui você pode falar sobre o que ele gosta de fazer, suas aptidões e habilidades pessoais, sua família, o bairro onde mora. E lembre-se: esta não será uma história fictícia, mas baseada em fatos reais - a sua vida.
- **Desenvolvimento:** aqui você pode escolher um conflito/situação que tenha ocorrido em sua vida. Sabe aquelas coisas que acontecem e a gente pensa: “nossa, isso daria um livro!”. Pois é. Escreve sobre isso. Não sabe sobre o que escrever? Sugestões: o primeiro amor, seu nascimento, a escolha do seu nome, uma amizade que partiu, uma briga, uma situação inusitada, o seu maior medo. Entre outros!
- **Clímax:** momento no qual a narrativa alcança a tensão máxima. É o ponto culminante do conflito. Trata-se também de uma técnica muito utilizada para despertar a curiosidade do leitor.
- **Situação final:** momento no qual o conflito é resolvido, resultando na quebra ou confirmação das expectativas do leitor, é o desfecho do conto.
- Mãos à obra!

Etapa 3:

- Avise aos alunos que podem colocar as suas produções em formato digital, utilizando para isso a plataforma Canva, adicionando as ilustrações que desejarem (fotos do Google Imagens, elementos do Canva, desenhos deles próprios, fotos de arquivo pessoal, etc).
- Este será o momento de compartilhar as produções. Você pode organizar um coffee break e seguir o modelo intimista da etapa 1. Peça aos alunos que enviem os contos com antecedência a você, para que consiga organizar em uma pasta para projetar no dia.
- Caro professor, disponibilizamos a você um grupo de slides referente a cada etapa desta proposta. Acesse pelo link:



Faça bom uso!

Algumas reflexões

Olá, professor! Esperamos que você tenha curtido a nossa proposta! Há inúmeros benefícios que o hábito de ler pode causar no desenvolvimento de crianças e adolescentes. O saber ler vai além da questão de alfabetização; afinal, entender o texto, o contexto do que foi escrito, as entrelinhas e tudo o mais que o configura é o que se espera realizar com o hábito de leitura entre os alunos. Yolanda Reyes afirma que:

*Embora ler literatura não transforme o mundo ,
pode fazê-lo ao menos mais habitável , pois o
fato de nos vermos em perspectiva e de
olharmos para dentro contribui para que se
abram novas portas para a sensibilidade e para
o entendimento de nós mesmos e dos outros.
(REYES, 2012)*

Ou seja, a leitura, além de todos os benefícios individuais que traz para cada indivíduo que se propõe a praticá-la, ainda acarreta benefícios coletivos. Tratando-se de leitura da literatura afro nas escolas, isto pode significar, além das vantagens da própria leitura em si, a reaproximação dos estudantes com a cultura afro, de maneira rica e produtiva, passando por uma fronteira entre os domínios da história e da literatura, contribuindo para a construção do conhecimento crítico e reflexivo sobre a real situação do negro no Brasil. Esperamos mesmo ter contribuído com sua experiência docente e colaborado com você na tentativa de extinguir o preconceito e a discriminação ainda presentes em nossa sociedade.

Agora conheça-nos. Amigos virtuais p'ra Sempre?



Maria Zilda Araújo Ribeiro

Graduanda em Letras Português-Inglês (UEMA, campus São Luís)

EU-CONTO: "Se fosse escrever sobre minha história, contaria sobre o poder transformador da palavra. Aos 17 anos ganhei o primeiro lugar em um concurso de poesia do governo do Maranhão. Nunca mais vi a escrita do mesmo jeito."



Kathleen Soares dos Santos

Graduanda em Letras Português-Inglês (UEMA, campus São Luís)

EU-CONTO: "Se fosse escrever sobre minha história, contaria sobre como a minha paixão pela Língua Inglesa que me fez escolher cursar Letras, apesar de ter mais afinidade com as disciplinas de Exatas."



Jéssica Ianka Raiol Pereira

Graduanda em Letras Português-Inglês (UEMA, campus São Luís)

EU-CONTO: "Se fosse escrever sobre minha história, contaria sobre minha trajetória de 'êxodo rural' particular - sair da casa dos meus pais (no interior do estado) aos 16 para cursar a faculdade dos meus sonhos na capital."

REFERÊNCIAS

BENELLI, Caterina. Educar com histórias: narrativa e escrita de si como prática educativa com crianças. **Debates em Educação**, v. 14, n. 34, p. 37-47, 2022.

BICALHO, Gustavo. **Cortes abissais e costuras periféricas nos textos de Allan da Rosa**. Literafro, 2018.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1984.

FRANÇA, Raimunda Inês Gonçalves; PAULA, Douglas Ferreira de. **O Humor e a Ironia nos contos de Machado de Assis: "Um enfermeiro" e "Um homem célebre"**. Monografia (Graduação em Letras), Instituição Federal do Amazonas, 2017.

LITERAFRO. Allan da Rosa. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/506-allan-da-rosa>

NEOENERGIA. **Literatura de Cordel: o que é, história e curiosidades**. Disponível em: <https://www.neoenergia.com/pt-br/te-interessa/cultura/Paginas/literatura-de-cordel-historia-curiosidades.aspx#:~:text=LITERATURA%20DE%20CORDEL%3F-,%E2%80%8B,em%20todo%20o%20territ%C3%B3rio%20nacional.>

OLIVEIRA, Rose João Clenir Bellezi. **Linguagens: estrutura e arte**. São Paulo: Moderna, 1999.

REYES, Yolanda, **Ler e brincar, tecer e cantar**, SP, Editora Pulo do Gato, 2012.

SARMENTO, Teresa; OLIVEIRA, Milena. **Investigar com as crianças: das narrativas à construção de conhecimento sobre si e sobre o outro**. 2020.

Memória, Sociedade e Cultura em "Os da minha rua", de Ondjaki

CAPÍTULO

08

Aurileia Cabral Cantanhede

Rayssa Myllena Gomes de Araújo

Thays Andressa Rodrigues Carvalho

Ana Patrícia Sá Martins



Capa: Leandro Colares

Língua Geral Livros Ltda.

Apresentação

Olá, você está no capítulo *Memória, Sociedade e Cultura em "Os da minha rua", de Ondjaki*, por meio do qual viajaremos pela memória do autor e conheceremos uma parte da África não muito distante de nós, mas um pouquinho diferente do que nos falam por aí. Nosso objetivo neste capítulo é mostrar como o livro apresenta Luanda em seus aspectos socioculturais em um tempo não muito distante. Para mergulharmos nessa viagem, disponibilizamos algumas propostas de atividades para os alunos do 6º ano, nas quais serão desafiados a desenvolver a memória criativa e desconstruir o olhar estigmatizado que por muitas vezes se tem da África. Espero que vocês gostem!

Conhecendo autor e obra

Ndalu de Almeida, mais conhecido pelo seu pseudônimo Ondjaki*, é poeta, prosador e cineasta angolano, nascido em 5 de julho de 1977, na cidade de Luanda, capital da Angola. Formado em Sociologia (em Portugal) e Doutorado em Estudos Africanos (na Itália), Ondjaki publicou seu primeiro livro poético, “Actu Sanguíneu”, em 2000, mesmo ano em que obteve a segunda posição no Prêmio Literário António Jacinto. Em 2007, o escritor ganhou o Grande Prêmio de conto Camilo Castelo Branco, com sua obra “Os da Minha Rua”.



Ndalu de Almeida
Fonte: Bonas Histórias

***Ondjaki possui vários significados em “Umbundo”, língua do sul do país angolano, dentre os quais: “guerreiro”, “aquele que enfrenta desafios” ou “traquinas”.**

Ondjaki é membro da União dos Escritores Angolanos e publica obras tanto em poesia como conto, romance, teatro e literatura juvenil, as quais algumas têm traduções para o francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, sérvio, sueco e polonês.

Obra “Os da minha rua”

A coletânea de contos do escritor Ondjaki, publicada em 2007, possui vinte e duas histórias que retratam através de uma linguagem simples, leve e repleta de sensações e sentimentos, a infância e o início da adolescência vivida pelo autor em Luanda nos anos 80 e 90. Narradas em primeira pessoa, o autor-narrador-personagem, Ndalú, relembra momentos com amigos, familiares, professores cubanos, festas e outros traços marcantes vivenciados no seu espaço social enquanto criança. Nesta obra, de forma sutil e com o olhar infantil de um menino nascido após a independência do seu país, Ondjaki faz um diálogo entre memórias e questões sócio-políticas, como a cultura angolana no pós-independência e a guerra civil que o país ainda presenciava.

As narrativas presentes na obra vão de contos como *O voo do Jika*, *A televisão mais bonita do mundo*, *Os óculos da Charlita*, *A professora Genoveva esteve cá*, *A ida ao Namibe*, *O homem*

mais magro de Luanda, O último Carnaval da Vitória, até obras como *Manga verde e o sal também, O bigode do professor de Geografia, Um pingo de chuva, Nós choramos pelo Cão Tinhoso, Palavras para o velho abacateiro*. Cada conto do livro representa recordações de uma infância de encantos, aventuras, dificuldades e sentimentos, além de alguns momentos mencionar a cultura brasileira pela teledramaturgia, como as novelas “Roque Santeiro” e “O bem amado”, e pela música com o cantor Roberto Carlos. Ondjaki, através de uma literatura sensível e de memórias, leva o leitor a relembrar e identificar momentos de sua infância nas histórias do escritor.

Obra disponível em:

<https://estdaliteratura.files.wordpress.com/2017/05/la-4-ondjaki-os-da-minha-rua.pdf>

A leitura literária

- **Espaço e tempo na obra**

O tempo e o espaço na obra dialogam de maneira sutil, ligados pelas memórias vivenciadas pelo personagem em sua época de infância. A maneira como o autor percorre nos dois elementos possibilita que haja uma familiaridade maior do leitor em relação ao texto, pois, através do imaginário, possibilita a construção desse espaço condicionado na narrativa.

- **Tipo de narrador**

O foco narrativo de “Os da minha rua” é em primeira pessoa, deste modo, a obra possui um narrador-personagem, aquele que conta a sua própria história.

No primeiro conto, observamos logo nas passagens iniciais:

"Nós até às vezes lhe protegíamos (...)"
... perguntava à **minha** irmã ou ao camarada
António." (O voo do Jika, p.10)

As palavras em destaque remetem à presença do narrador na história como um personagem.

Oralidade e linguagem presentes na obra

Quanto à escrita, o autor Ondjaki se apropria do diálogo, que intercala com as narrativas (narrador-personagem), nas quais as histórias são destrinchadas de maneira leve e sem rodeios. Uma linguagem simples, que permeia na literatura infantil e recorre às suas memórias. Ainda sobre a escrita, são notórias as marcas de oralidade e regionalismo, recurso utilizado pelo autor com o objetivo também de reconhecer suas identidades e origens, como lemos em diversos trechos, como verificamos na seguinte passagem:

“chéeeeeee, essa televisão é bem
esculú” (p. 13).

Além de expressões do cotidiano como:

"tá" (está), "num" (não).

Temática do Projeto Didático

- **Literatura como lugar de memória**

Através dos contos de *Os da minha rua*, Ondjaki não apenas conta histórias, mas traz à memória a época de sua infância como num álbum de fotografias. Apesar da narrativa ser de memórias pessoais, são também capazes de dar um panorama do que era ser criança em Luanda nesses anos, uma vez que o autor narra fatos históricos que ele vivenciou.

Ondjaki, conforme destaca Torodov (2003), narra a vida, atrelando ao pensamento os vínculos entre a narrativa e a memória. É um livro curto, mas carregado de memórias e cultura de um país que tem tanto em comum com o Brasil, a começar pela língua portuguesa.

- **Os estigmas econômicos e culturais sobre o continente africano**

A leitura de obras dos escritores africanos é de grande relevância para os estudantes brasileiros, uma vez que a África é um continente com grande diversidade cultural. Essa riqueza cultural ainda é pouco difundida em nosso país, pelos motivos que gradativamente estão sendo combatidos pelos escritores africanos que escrevem e conversam sobre essa pluralidade. A exemplo disso, destaca-se um trecho da fala de Flora Pereira, em entrevista para o jornal Carta Capital. Flora é idealizadora do projeto Afreaka, criado com o objetivo de descortinar o continente para o mundo.

“Negar a África é negar mais da metade da nossa história e focar em apenas uma versão”.

Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/africa-sem-estereotipos/>

Francisco Noa, em sua análise sobre literatura colonial, relata que existe uma literatura produzida a respeito da África a partir de um “olhar externo”, em constante renovação, e que “não se trata de reler a História, gratuitamente, mas de revisitar um imaginário com toda a sua carga de preconceitos, contradições, manipulações, deformações e conspirações, precavendo, talvez o futuro, – e o presente, naturalmente – dos estigmas da incomunicabilidade cultural e civilizacional. (NOA, 1999, p. 67 - 68).

Mia Couto, ícone da literatura africana, adverte ainda que: “A África não pode ser reduzida a uma identidade simples, fácil de entender e de caber nos compêndios de africanistas. O nosso continente é o resultado de diversidades e de mestiçagens”. (COUTO, 2005, p. 61).

• **Diálogos sobre a África na Contemporaneidade**

A literatura africana é alvo de preconceitos desde os tempos antigos, bem como suas culturas e crenças religiosas. Tais estigmas relacionados ao continente e a sua população, aos poucos vêm perdendo força na sociedade contemporânea, através de autores que, por meio da Literatura, trazem em suas obras, a forma de pensar do seu povo, seus sentimentos e emoções. Nessa nova roupagem literária, a África é apresentada como protagonista, um continente sócio culturalmente ativo, de forma totalmente contrária aos que perpassaram por gerações.

Na contemporaneidade, a literatura africana está em alta. Surgem autores que expressam de maneira natural o amor por sua terra e as belezas naturais das regiões, um exemplo disso é a obra *Os da minha rua*. Porém, não foi sempre assim: “muitos

escritores e poetas afrodescendentes procuravam esconder a sua origem ou não chamar atenção para ela”. (GOMES, 2019, p. 10).

Não apenas na literatura, mas ativistas de outras expressões artísticas também buscavam exaltar o continente por sua beleza, além de pedir a unidade entre os povos. A exemplo disso, podemos citar o cantor Bob Marley, que na canção "África Unite", pediu pela unidade dos africanos. Tire um tempo para apreciar acompanhando a tradução, é só clicar.



<https://www.youtube.com/watch?v=LAF0-0DiZsk>

• Proposições práticas interdisciplinares

Seguem algumas sugestões de temáticas que envolvem a obra *Os da minha rua*, a partir das quais os professores podem abordar outras perspectivas simultaneamente ao desenvolvimento do projeto com o/a professor/a de Língua Portuguesa:



*Português – Variedades linguísticas entre Brasil e Angola. Características do gênero Conto. Produção textual instigando memórias e acontecimentos da infância.



*Literatura – literatura comparada entre as obras *Os da minha rua* e *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos. Ambas lançadas em período de conflito nos países e são autobiográficas.



*História – Guerra Civil na Angola. Ditadura Militar no Brasil. Diversidade cultural. Influência da Europa sobre o povo africano.



*Geografia – Curiosidades sobre o Continente Africano.
Expansão territorial.



*Ciências – Plantas que são próprias das regiões africanas. Influências medicinais para outros continentes.

Conhecendo os Gêneros Textuais

• O gênero textual conto

O gênero conto é marcado por uma narrativa curta, com poucos personagens, espaço e tempo delimitados, com um único conflito. Este gênero textual apresenta também uma linguagem simples, tendo como estrutura: introdução (apresentação da narrativa), desenvolvimento (desenrolar das ações), clímax (momento de maior tensão) e conclusão (desfecho da história), bem como os elementos da narrativa: espaço, tempo, enredo completo, personagens, foco narrativo e narrador.

Os contos possuem uma leitura mais acessível, são atrativos e despertam mais engajamento e aproximação com o leitor, desenvolvendo a sua capacidade reflexiva, crítica e criativa, assim, como sinalizam Costa, Abisror e Yong (2017), quando afirmam que o conto prepara o aluno-leitor para comunicar-se adequadamente nas inúmeras situações. Nessa perspectiva, o gênero textual tem alcançado cada vez mais circulação social, principalmente nos livros escolares, revistas, redes sociais e blogs, cativando diferentes leitores através das suas variadas categorias, as quais podem ser: humorística, de mistério, de ficção científica, infanto-juvenis, fantásticos, entre outras.

Vejamos um breve exemplo deste gênero a partir do recorte feito em um dos contos pertencentes à obra destaque deste capítulo:

A professora Genoveva esteve cá

“Depois do almoço o pai e a mãe sempre descansavam. O meu pai, logo a seguir a refeição, gostava de comer qualquer coisa doce e depois ia dormir um bocadinho. A minha mãe, que dava aulas à tarde, também tinha esse hábito de adormecer ali no sofá, nem que fosse só por 15 minutos. Mas era sábado, não tínhamos ido à praia. O meu pai e a minha mãe foram dormir juntos. Eu e a mana Tchi ficamos na sala, a jiboiar, à espera que acontecesse alguma coisa. E aconteceu mesmo: tocaram a campainha. Espreitei pela cortina da sala.

Era a professora Genoveva, colega da minha mãe na escola onde ela dava aulas. Fazia muito calor. A professora Genoveva transpirava muito e tinha uma cara preocupada.” [...] (p.20)

Nesta pequena passagem da obra, observamos que se trata da introdução da narrativa, em que se apresentam: **o narrador** que está em primeira pessoa, ou seja, é um narrador-personagem; **os demais personagens da narrativa** (pai, mãe, mana Tchi e professora Genoveva); **o espaço**, a residência dos pais dos pequenos; e **o conflito**, em que os pais dormindo depois do almoço, chega a sua residência a professora com uma expressão de preocupada. Assim, trabalhar os contos na sala de aula proporciona ao professor e aos alunos momentos mais

dinâmicos e interativos, através de leituras reflexivas, argumentativas, com debates sobre o que foi lido e compartilhado. Diante disso, consideramos este gênero relevante por apresentar uma narrativa de forma sucinta e objetiva; possibilitar o trabalho com diversas temáticas, permitindo o aluno-leitor conhecer variadas produções e construir um conhecimento amplo sobre o gênero, além do professor poder trabalhar de forma interdisciplinar e praticar a oralidade, a escrita, a leitura e a interpretação dos discursos.

Gênero Textual: memórias

O gênero memórias é um texto narrativo em que o autor revive, por meio de suas lembranças pessoais, ou então, baseadas no depoimento de outra pessoa, uma época e seus acontecimentos que foram importantes, bem como amigos, familiares etc. De acordo com Cavalcanti e Martins (2015), neste gênero são recriadas situações ou acontecimentos de tempos antigos, tendo assim um caráter histórico e uma linguagem estética que desperta emoções no leitor, fazendo-o relembrar suas histórias vividas.

As principais características deste gênero são: uma estrutura simples (apresentação, desenvolvimento e fechamento), o tempo e o espaço, um narrador-personagem, palavras e expressões em primeira pessoa, a terceira pessoa discursiva também pode ser utilizada, termos da época em que ocorreram os fatos, expressões como “naquele tempo” e verbos no passado.

Clicando na lupa ao lado, você será direcionado para um link, no qual poderá conhecer um pouco mais sobre o gênero Memórias.



A seguir, vejamos um trecho de um exemplo deste gênero:

Meus tempos de criança

Rostand Paraíso

Pulávamos os muros e ganhávamos os quintais das casas vizinhas, enormes e cheias de fruteiras e de toda a sorte de animais, gatos, cachorros, galinhas, patos, marrecos e outros mais. Chupando mangas, gostosas mangas, mangas-espada, mangas-rosa e manguitos, esses quase sempre os mais saborosos, dividíamos os times e organizávamos as peladas de fundo de quintal que exigiam grande malabarismo de nossa parte, com as frondosas árvores para driblar e grandes irregularidades no terreno para contornar.

Disponível em:

https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/meus-tempos-de-crianca/index.html

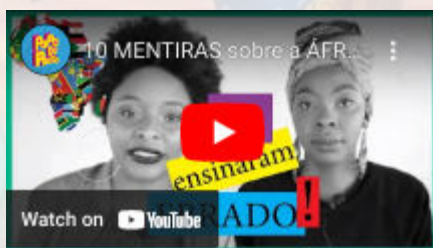
Nesse fragmento do texto, podemos observar que o narrador-personagem relembra suas aventuras de infância, fazendo uso dos verbos no passado, expressões de brinquedos da época, além de detalhar como ocorriam as brincadeiras, as frutas que comiam etc. O próprio título do texto já revela que a narrativa se trata de recordações da infância do autor.

Consideramos o gênero relevante para se trabalhar em sala de aula, pois além de desenvolver a leitura, escrita e interpretação dos alunos, este gênero textual busca resgatar as lembranças do autor, o qual revela ao leitor como foi uma determinada época da sua vida, despertando emoções tanto no autor-narrador quanto no leitor.

Procedimentos para desenvolvimento do projeto

Étapas:

1. Apresentação do projeto para os alunos;
2. Disponibilizar livro em PDF e/ou sugerir site para compra;
3. Leitura individual do livro;
4. Roda de conversa: Discussão e compartilhamento do conto que mais chamou atenção;
5. Apresentação do Vídeo *10 Mentiras sobre a África que você ainda acredita*;
6. Mediação do professor para discussão sobre as marcas de oralidade presentes nos contos e estereótipos relacionados ao continente africano.



<https://www.youtube.com/watch?v=dvWpvLVLYRg&t=265s>

Já que a obra deste capítulo trabalhou pelas perspectivas da memória, que tal exercitarmos a nossa mente um pouquinho com esse recurso?

- No conto "*Jerri quan e os beijinhos na boca*", você lembra como Ndalú se vestiu?
- É verdade que Kazukuta era o porquinho que Ndalú criava?
- Você lembra o que o personagem provou e não gostou no conto a "*Ida ao namibe*"?

Nesta atividade, o professor pode criar as perguntas que achar melhor, de acordo com maneira que trabalhou seu conteúdo.

7. Oficina de Produção de Contos:

Memórias da minha infância

*Primeiros rascunhos: os alunos deverão iniciar suas produções sob mediação e olhar atento do professor para possíveis correções. O professor deve deixá-los livres durante essa etapa, para que desenvolvam a escrita criativa e a memória dos acontecimentos da infância;

*Depois de revisado, o conto deverá ser transcrito para compartilhamento em sala com os outros estudantes;

7. Culminância

*Emoldurar, e em formato de imagem, compartilhar o conto em alguma rede social (Instagram/ Facebook...), e disponibilizar o link da publicação para o professor.

*Na última etapa, todos os contos serão reunidos, formando um só e-book, intitulado "*Memórias da nossa infância*". O e-book deverá também ser impresso e disponibilizado na biblioteca da escola para possíveis consultas da comunidade escolar, bem como publicado em formato de PDF para que o público em geral tenha acesso à produção dos alunos.

Algumas reflexões:

Por meio das lembranças de Ndalú, conhecemos seu espaço social, sua maneira de viver, costumes e um pouquinho do que envolve sua cultura, mas também nos faz refletir acerca do que (não) conhecemos sobre a África e seus povos. Ainda que a narrativa aconteça apenas em Luanda, vimos que as lembranças do narrador e o lugar onde elas se passam nos aproximam de histórias e de pessoas que, por diversas vezes, nos são familiares também.

A representação dos vários sentimentos de Ndalú nos faz refletir sobre as realidades de um povo que possui uma história de resistência e coragem. Vivemos as lembranças de uma criança que pode ter nos mostrado vários momentos de felicidades, entretanto, nessas mesmas memórias também reviveu situações dolorosas de alguns momentos sombrios de sua vida, em que o tempo assume um papel importante, pois é um condutor nas transformações históricas dos espaços e nos insere em locais que poderiam ser inimagináveis, caso não tivéssemos registros como “Os da Minha Rua”, de Ondjaki.



Divulgando nossa proposta:

Querido (a) docente, sabendo que o estudo da história e da cultura da África foram inseridas como componente de ensino, instituídos legalmente a partir da Lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino da literatura, história e cultura africana nas escolas, este capítulo visa abordar essas temáticas, de forma que os alunos passem a conhecer uma obra premiada de um escritor africano, percebendo as temáticas relativas à memória, raça, cultura e sociedade. Reforçamos que tais temáticas são amplas, contudo, durante o desenvolvimento do projeto, será instigada a curiosidade dos alunos sobre as literaturas africanas, para romper os preconceitos e estereótipos frequentes durante toda a história desse povo. Além disso, buscamos contribuir para um ensino interdisciplinar, em que outros componentes curriculares possam ser abordados através da obra e da nossa proposição de projeto. Buscamos, assim, incentivar o exercício com as memórias da infância, dialogando a leitura literária de contos e a produção escrita de memórias, proporcionando o conhecimento da literatura africana e despertando a memória criativa dos discentes. Esperamos contribuir de forma positiva e produtiva com você e na construção de novos saberes para os estudante.

*Com carinho: Auriléia Cabral, Myllena Gomes e Thays Andressa.
Graduandas de Letras - Português e Espanhol da Universidade
Estadual do Maranhão*



Referências

BRASIL Lei n. 10.639/03. de 9 de janeiro de 2003.

CAVALCANTI, Jasilene Lucena; MARTINS, Iara Ferreira de Melo. **Memórias Literárias**: efeitos de sentidos acionados pelos tempos verbais. 2015. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2015/TRAB_ALHO_EV045_MD1_SA15_ID2860_16082015203255.pdf. Acesso em: 04 de jul. de 2022

COSTA, Hayalla Tarciana Pereira da; ABISRROR, Janisse Ivette; YONG, Lesly Diana Pimentel. O gênero textual conto e o desenvolvimento da competência comunicativa no processo de aprendizagem da Língua Espanhola. TEIXEIRA, Wagner Barros (org.) In: **Ensinando Espanhol no Amazonas**: experiências, conquistas e perspectivas. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2017.

COUTO, Mia. Que África escreve o escritor africano? In **Passatempos**, Caminho, 2005.

CUNHA, Laura. *Os da minha rua – crítica*. Popoca. Disponível em: <https://popoca.com.br/os-da-minha-rua/>. Acesso em 09 de set. de 2022.

GOMES, Manoel Messias. Africanidade: contemporaneidade, cultura e educação. **Revista Educação Pública**, v. 19, nº 28, 5 de novembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/28/africanidade-e-contemporaneidade-cultura-e-educacao>. Acesso 11 de set. de 2022.

LIMA, Wendel Ferreira. **Literatura africana em língua portuguesa**. Brasil Escola. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-africada-em-lingua-portuguesa.htm#:~:text=A%20literatura%20africana%20%C3%A9%20o,criar%20novas%20formas%20e%20estilos>. Acesso em 05 de jul. de 2022.

NOA, F. LITERATURA COLONIAL EM MOÇAMBIQUE: O PARADIGMA SUBMERSO. Via Atlântica, v. 1, n. 3, p. 58-69, 1999. DOI: 10.11606/va.v0i3.49007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49007>. Acesso em: 10 nov. 2022.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. – (Coleção ponta de lança)

PAIVA, Thaís. África sem estereótipos. **Carta Capital**, São Paulo. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/africa-sem-estereotipos/>. Acesso em: 25, out. 2022.

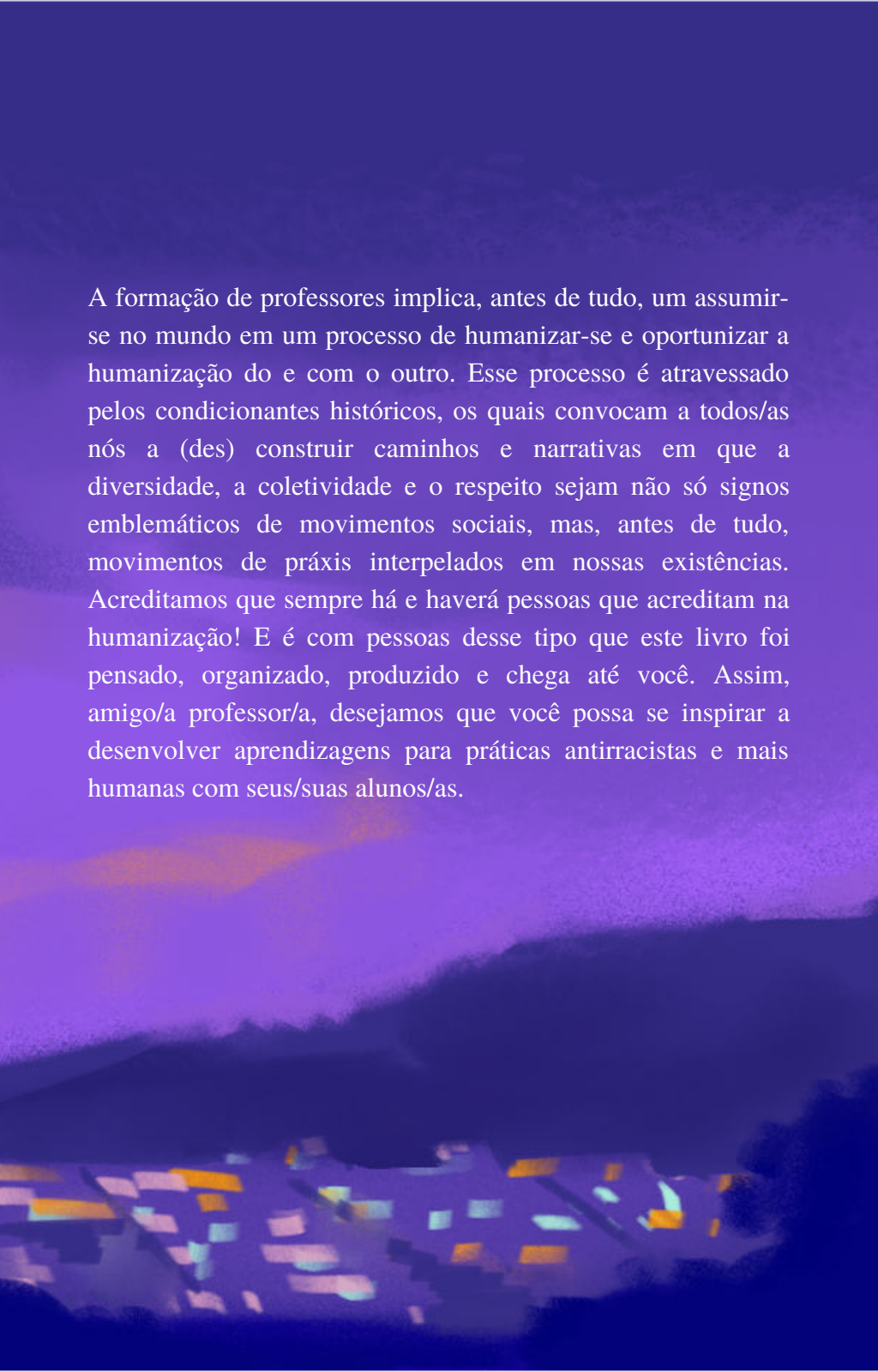
TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ondjaki

os da minha rua

5ª Reimpressão

Língua
Geral

A background image of a sunset over a field of colorful, multi-colored flags or banners. The sky is a mix of orange, yellow, and blue, with the sun low on the horizon. The foreground shows a field of flags in various colors like red, yellow, blue, and white, some of which are illuminated by the setting sun.

A formação de professores implica, antes de tudo, um assumir-se no mundo em um processo de humanizar-se e oportunizar a humanização do e com o outro. Esse processo é atravessado pelos condicionantes históricos, os quais convocam a todos/as nós a (des) construir caminhos e narrativas em que a diversidade, a coletividade e o respeito sejam não só signos emblemáticos de movimentos sociais, mas, antes de tudo, movimentos de práxis interpelados em nossas existências. Acreditamos que sempre há e haverá pessoas que acreditam na humanização! E é com pessoas desse tipo que este livro foi pensado, organizado, produzido e chega até você. Assim, amigo/a professor/a, desejamos que você possa se inspirar a desenvolver aprendizagens para práticas antirracistas e mais humanas com seus/suas alunos/as.